

Código de identificação do ficheiro: MTV01-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 00:35-01:23	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 01	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 Portanto, esta é a abregota, não é?

INF1 É a abregota, sim senhor.

INF2 Esta é quando é [AB]pelo, {pp} pelo] parece que é pelo Natal. {fp} A gente {fp} dantes [AB]arranjávamos]

INQ1 Aqui está outra.

INF2 arranjávamos assim [AB]luma] uma com (um coiso na coisa).

INQ2 Com a abregota?

INF2 (Quando era depois) no dia, nessa noite de Natal, andávamos com isso [AB]na] aceso [AB]na] na mão.

INF1 Isto, isso seca. Isso seca. Dá um espigão grande.

INQ2 Ah, com isto? Mas é com esta?

INF1 Com essa, com essa.

INQ1 Com esta ...?

INQ2 Com a abregota.

INF1 Antigamente quando era [AB]pelo] pelo Natal, depois, andava-se aí pelas ruas, às vezes a cantar, quando era (a) noite de Natal. E depois isto seca e a gente atava assim aqui uns arames apertados, e depois acendíamos (os archotes) como [AB]como os] os tipos, por exemplo, das outras ilhas, que às vezes aparece na televisão aqueles coisos, assim aquilo a arder, assim era a gente.

Código de identificação do ficheiro: MTV02-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 01:27-03:21	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ Então e esta?

INF1 Isto é {fp} rosmaninho.

INF2 É rosmaninho, é. É coisas que há no{fp} – a gente chama-{PH|li=lhe} no pinhal.

INF1 Pois.

INF2 Onde (há) /{IP|ta=está}\ pinheiros.

INQ Rhum-rhum.

INF2 Há muito disto.

INF1 [AB|Sabe] Sabe o que é que apoquento muito esta flor, que (a) procura muito? É as abelhas.

INQ Rhum!

INF1 [AB|Quando é tu-] Mas agora este ano passado houve qualquer moléstia aí [AB|na] nos enxames, nas abelhas do mel.

INQ Rhum!

INF1 E morreram. Há bem poucas até! Até a gente agora nesta altura [AB|que a, que a] que a laranjeira [AB|{IP|ta=está}] {IP|ta=está} a 'desemborralhar', quer dizer, {IP|ta=está} a abrir a flor, era às vezes um barulho: vum, vum, vum!, [AB|a] a andarem de lado para lado. E faz falta.

INF2 Elas {PH|pre'kurẽwnu=procuram-no} (é) as flores da laranjeira.

INQ Exactamente.

INF1 Faz falta porque [AB|a] a própria abelha gala [AB|a, a, a] aqui as{fp} sementes {fp} por exemplo [AB|da, da] da laranjeira, gala – [AB|eu tinha] por acaso, tenho até instruções disso, dos engenheiros – gala e é que gerece. Porque [AB|há] há duas qualidades na flor, como agora a oliveira, {IP|ta=está} aí – a gente {IP|temuz=estamos} à espera do tempo, que ela até {IP|ta=está} um bocadinho atrasada, que não abre ainda –, há masculino e {PH|fimi'linu=feminino} na favaca. A menina, se for ver, na favaca encontra: a {PH|fimi'linẽ=feminina} tem uma covazinha, {IP|ta=está} [AB|a f-] a flor, mas tem uma

covazinha no meio; e o masculino não é, é um espigão assim a direito no ar. E é claro, e que agora abre com o calor, que vem o mês de Maio – que [ABlé p-] propriamente o mês [ABlé] é regulado para isso – , vem o mês de Maio, e depois aquilo deita um (pó). Deita assim um pó amarelo. Já tenho visto às vezes na água [ABlaquele, aquela] aquele (laivo) [ABlda, da].

INQ Rhum.

INF1 Assim, às vezes, em águas paradas tenho visto aquele pó. E aquele pó justamente é que gala, {pp} é que gerece depois a azeitona. A azeitona, quem diz azeitona, diz qualquer fruto, qualquer de árvore que 'desemborralha', que é agora principal [ABlo m-], mais ou menos, o tempo.

Código de identificação do ficheiro: MTV03-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Gumersindo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 03:23-04:42	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 03	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 Então há aqui muitas oliveiras?

INF1 Pois há. {PHl'ide=Ainda} há bocado {PHl'tivi=estive} acolá...

INF2 E já {PHl're'karẽw=arrancaram} mais de metade!

INF1 [ABl{PHl'tivi=Estive} ali {PHl'e'kwazi=quase} {PHl'o=ao} cimo] {PHl'tivi=Estive} ali

{PHl'e'kwazi=quase} {PHl'o=ao} cimo a reparar para umas e ele já vão a modo a querer abrir.

{IPlta=Está} até atrasada. Olhe que ele quando era no mês de Maio, que a menina deve-se lembrar...

Bom, deve-se lembrar?! Já {PHlnũ=não} foi no seu tempo, mas antigamente quando era na quinta-feira da Ascensão, {fp} claro, {pp} iam fazer piqueniques {CTlpo=para o} campo.

INF3 Boa tarde.

INQ1 Boa tarde.

INF1 Iam fazer piqueniques, iam fazer, enfim, jantaradas, os rapazes, (ali) faziam bailes, bailavam, tocava-se, havia harmónios. Agora já não é nada disso. Agora já é tudo diferente. (Fazia-se) {fp} bailar e tudo. Havia, enfim. Era até era um dia [ABl muito] muito procurado, quinta-feira da Ascensão. Mas agora já se acabou. [ABl Foi na] Foi na segunda-feira, olhe. Este ano foi na segunda-feira [ABl que é até].

INF2 Agora já não (dá nas ruas).

INF1 [ABl É a, é a] É a (...) desde que veio [ABl esta, esta, esta] esta coisa [ABl de {fp}] dos dias santos e feriados.

INF2 Olhe, (...) antigos, andavam sempre por aí [ABl a {fp}] às flores.

INQ1 Rhum.

INF1 (É) em Torres Novas [ABl é que é] é que é o feriado da Câmara.

INF2 Agora vai-se embora tudo.

INF1 Não sei se a menina sabe?

INQ1 Não, não, não, não sabia.

INF1 Em Torres Novas é... Não é daqui a menina?

INQ1 Não, não.

INF1 Não é daqui de perto?

INQ1 Não somos daqui.

INF1 Não são. Olhe, eu desconfiei de quando passou com o carro... Olhe, e outra coisa que

{PHlli=lhe} eu queria dizer: pôs o carro em cima [ABlda da, da] {pp}

INQ1 Aqui do passeio.

INF1 do passeio, mas olhe que eles [AB|pi-, p-] pegam por isso.

INQ2 Ai é?

INQ1 Pegam por isso.

INF2 Pegam, pegam.

INQ1 Eu lembrei-me mas como era por pouco tempo...

Código de identificação do ficheiro: MTV04-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 05:56-09:30	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 04	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INF1 Isto é malvas. {pp} É malvas. É, é. Dá uma folha larga. Bom, (esta até) é pequenina porque, enfim, não teve tempo de nascer.

INQ Dá essas florzinhas assim roxas?

INF1 Pois dá e isso põe-se... Mas isto é malvas.

INQ Rhum-rhum.

INF1 {fp} É malvas. Chama-{PHli=lhe} a gente malvas. [AB|Dá até às vezes]

INF2 Uma folha...

INF Dá uma folha larga. A gente por exemplo tem qualquer infecção numa perna, numa coisa, numa mão e tudo, e depois com a água das malvas lavava. E assim faziam.

INF2 Nalguma mão e {fp} dava... Costumavam a lavar aquela ferida e sara.

INF1 {IP|'tevi=Esteve} ali um doutor ali numa quinta, que é a Quinta de Santa Bárbara, que eu {IP|'tivi=estive} lá, andei lá a fazer alguns anos o vinho e de maneira [AB|que] que ele disse-me [AB|se, que] que a gente tínhamos o remédio – ele era de mal de peles –, tínhamos o remédio em casa e que íamos gastar o dinheiro à farmácia. E eu ia lá, fui lá fazer o vinho alguns cinco anos, a esse senhor, por mandado do meu patrão; e de maneira que depois ele {fp} contava o que era: por exemplo, tem [AB|um] qualquer ferida, qualquer coisa, tem uma inflamação,

INQ Rhum.

INF1 qualquer bicho (que) mordeu, (ou) qualquer coisa. E a gente coze as malvas e depois lava, aquilo {pp} desinfecta. [AB|E, e {fp}] E depois propriamente, se aquilo {IP|'ti'ver=estiver} muito ruim, {IP|'ti'ver=estiver} muito bravo, põe dentro (duns) /de dois\ trapinhos – que antigamente havia, agora é {PH|'gazje=gaze}, mas antigamente era trapos de linho. Os velhotes, a gente antigamente usava aqueles trapinhos de linho branco. E depois metíamos ali um pouco dentro [AB|e tapávamos] e tapávamos em cima; e de vez em quando íamos molhando, (a) desinfectá-la.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Desinfectá-la.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Ele até nos disse [RPlaté nos disse], a mim, até me disse, porque eu, naquela altura, andava assim: às vezes, eu sofria um bocadito [ABlde] no estômago. Porque eu {IP|'tívī=estive} uma época em que eu conheço hoje um defeito meu. Conheço um defeito e tenho feito exames sobre [ABla minha] a minha vida, só por (causa) /cá da minha coisa. Que eu já fiz oitenta e sete. Já fiz oitenta e sete, já feitos.

INQ Está com uma bonita idade!

INF1 Está a ver?

INQ Está com uma bonita idade! Oitenta e sete!

INF1 Já fiz oitenta e sete anos. E de maneira que eu fazia cá um exame. E eu queixei-me a ele, como andava lá a fazer a vindima, ele disse: "Olha, rapaz, isso {pp} é o estômago inflamado. É: a gente come qualquer coisa assim que seja reimoso de temperos ou qualquer coisa, e inflama a garganta do estômago. De maneira que tu fazes uma coisa – evitas de ir à farmácia. Tens uns morangueiros (tu)" ...

INF2 (...)

INF1 "Alguém que tenha morangueiros em qualquer banda, apanhas as folhas, e ferves as folhas, e depois gargalejas e bebes". Tanto que {PH|'ídē=ainda} hoje {PH|nũ=não} bebo chá de qualidade nenhuma, nem bebo café, nem bebo leite – não bebo qualquer dessas coisas – e bebo chá daquele. É o meu desjejum de manhã com umas sopas. A minha filha – que eu {IP|to=estou} em casa duma filha – arranja-me aquilo e com as sopas e é [ABlo meu] o meu desjejum. E graças a Deus tenho-me sentido bem.

INQ E tem-se sentido bem!

INF1 E com saúde! Tenho-me sentido bem com saúde. E não me dói! Não me tem doído nada, nem coisíssima nenhuma. Diz ele que há criaturas que têm a garganta do estômago mais estreita. E depois têm – porque a menina já deve ter percebido ou visto –, às vezes há criaturas que comem qualquer coisa, faz- {PH|li=lhe} mal. Mas dói- {PH|li=lhe}, dói- {PH|li=lhe}, dói- {PH|li=lhe}, vem- {PH|li=lhe} aqui à garganta mas {PH|nũ=não} sai. É criaturas que {PH|'tēj̃jnu=têm o} estômago, a garganta do estômago estreita. E quando é para engolir o comer, coiso, têm que fazer força. Tanto que a gente às vezes (diz assim): "Eh pá, {IP|to=estou} embuchado". (Quem bebeu) uma pinga de água, ou bebeu vinho, quem bebe vinho, {fp} uma pinga de água para desembuchar: "{IP|to=Estou} embuchado, (oh pá)", é criaturas que têm a garganta [AB|estô- {fp}, do] do estômago assim um bocadinho {pp} estreita e depois inflama.

INQ Rhum.

INF1 E ele dizia-me para eu gorgolejar a boca e tudo. Tenho-me sentido bem!

INQ Tem? Tem estado bem?

INF1 Eu tenho feito exames cá na minha vida. [Risos] Tem que ser assim. As meninas vieram aqui ter...

INQ Tem que ser assim. Tem que ser assim.

INF1 Vieram aqui ter... Mas é, justamente.

Código de identificação do ficheiro: MTV05-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 16:43-20:05	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 05	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INF1 Eu até tenho a reforma lá [ABlda] da casa, como criado antigo desde a idade [ABla idade de{fp}] de quinze anos, que para lá andei a trabalhar [ABlaté] até à idade que pude. De maneira que ele chega lá e [ABldiz] diz ele para mim: "Ó Guilherme, vá aí [ABla] a esses senhores". (Depois) fui lá {PHl=ao} pé deles, (disse assim): "Afinal o senhor é que é cá o capataz da quinta"? "Sou sim". {fp} "Então, [ABlquem é que m-] quem é que limpou aqueles sobreiros à borda da estrada lá {PHl=ao} cimo do aterro, (ali) daquela inclinação do aterro para cima"? "Foi uns rapazes que aí andavam, mas eu é que mandei, que eles não sabiam, não percebiam nada daquilo". Sabe a resposta dele para mim? "Os rapazes {PHln=não} percebiam e o senhor também {PHln=não} percebia nada". {pp} (Disse ele). Digo eu: "{IPlta=Está} bem. Não me diga isso. Porque é que eu não percebia"? "Porque a poda [ABlda so-{fp}] dos chaparros não são feitas assim". (Eu disse assim): "É porque eu {IPlto=estou} [ABlen-] ensinado, por o senhor engenheiro Gustavo" – por um engenheiro que eu andei na companhia dele, que era lá da Escola Agrícola – "e do senhor engenheiro Hálío, de limpar os chaparros assim, os sobreiros". Porque a gente antigamente limpava os sobreiros e os chaparros era a crescer. Quer dizer, era assim se pode dizer, [ABlde] chamava-{PHlli=lhe} a gente à borla. Quer dizer, ficava só aquela ramalhuda [ABlna] na ponta e tudo a crescer. Hoje {PHln=não} querem assim. E eu também já tinha informações que eles que {PHln=não} queriam assim, que o senhor Hálío já me disse que querem, mais ou menos, como a uma oliveira mas um bocadinho diferente.

INF2 É a fazer a roda.

INQ1 Ah!

INF {IPlta=Está} a perceber? Não é com tanta... A oliveira é composta de rama tudo em volta. Divide-se, abre-se {CTlpr=para o} lado, porque{fp} a oliveira [ABltanta] tanto{fp} recebe azeitona – a oliveira ou qualquer árvore – [ABlp-] por dentro, como é por fora. Porque as meninas já devem ter visto, às vezes {IPl=estão} muito carregadas por fora e por dentro não têm nada.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois.

INF Há outras (às vezes) /árvores\ assim. "Ah, parece que não têm nada". Têm pouca azeitona. E a gente mete-se debaixo delas e olha e {IP|tẽw=estão} vergôntes carregadas. Portanto, limpa por um lado, por outro. Portanto, precisa de receber [AB|a{fp}] a claridade [AB|e a, e a, e a] e o vento bater para limpar. Que é a tal coisa [AB|da, da] da prova [AB|da] de ela se galar, de a azeitona se galar. Porque isto, é claro – não pareça mal esta minha palavra.

INQ1 Rhum!

INF Há homens {pp} e há mulheres.

INQ1 Não senhora.

INF É claro. E tem que se fazer um conjunto para aparecer alguém.

INQ1 Pois claro.

INF Tem que ser. Tem que se fazer um conjunto. As árvores é a mesma coisa. É tudo a mesma coisa. O que é é diferente umas {CT|praz=para as} outras. Eu {IP|to=estou} a chateá-las por causa... Com certeza...

INQ1 Não está, não senhora.

INQ2 Não está nada.

INF1 (...) Depois [AB|digo, digo eu] digo eu assim para esse: "(...) Mas o senhor {pp}, se quiser, diz-me. Vai ali"... Havia ali umas murtinheiras e havia ali uns chaparrozitos novos, uns sobreirozitos. "O senhor, se quiser, vai-me ali indicar um qualquer chaparro, um qualquer [AB|so-] coiso ali e eu vou limpá-lo {pp} da forma que os senhores querem". E depois fui limpar. [AB|Fui] Fui limpar {fp} o sobreiro e limpei-o (assim): "Sim senhor". E nunca me disseram nada. (A seguir) diz ele... "Agora fazia favor dizia-me se havia alguma diferença". Diz ele assim: "Não. Não há diferença nenhuma. Mas, olhe, o senhor sabe o que fez? Olhe, o senhor apanhava seis meses de prisão. {pp} E aqui o senhor doutor apanhava uma multa, (que se) /isso\ {PH|nũ=não} era muito pequena". Sabe o que era? "Mas como o senhor deu como informações dos engenheiros donde andou a trabalhar – porque foram nossos professores – é que (se) /os\ [AB|len-] ensinaram, o senhor {IP|ta=está} desculpado. {pp} {IP|ta=Está} desculpado. Porque, senão, era assim. Porque o senhor indica)". Porque [AB|tive] eu trabalhei (ali) com engenheiros que, enfim...

Código de identificação do ficheiro: MTV06-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 20:12-27:26	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 06	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 Conte lá.

INF1 Um senhor [AB]lali de C-] que é ali de (Alcaravela) – ele até foi {CT}lpa=para a} América, um engenheiro. Era o senhor engenheiro Haroldo. Eu andava com um rancho [AB]lde] a limpar oliveiras e andávamos a cortar {pp} oliveiras. E diz ele assim para... {fp} [AB]lEle] (Ele) não me diziam nada. Eu fui sempre muito intrometido e venho por aí acima. [AB]l{IP}l'tavø=Estava} ele] {IP}l'tavø=Estava} o feitor e {IP}l'tavø=estava} o patrão e {IP}l'tavø=estava} ele. E depois {fp} disse {CT}lpo=para o} meu patrão: "Ó senhor Halpagão, dava-me licença que fizesse aqui uma procura {PH}lø=ao} senhor engenheiro"? "Ora essa"! É claro, ele chegou-se logo {PH}lø=ao} pé de mim. Claro, os engenheiros, é assim. É como as meninas são. {pp} Exactamente, que é [AB]lp-], naturalmente, {CT}lpo=para o} que andam a estudar. É para isso. Gostam de saber e gostam... A puxar, a puxar. {fp}Eu já notei. É exactamente. {pp} É como são as meninas. É. São meio a puxar para isso. De maneira que chego {PH}lø=ao} pé dele e depois: "O senhor fazia favor {fp} dizia-me aqui uma árvore qualquer"... Os homens vinham em baixo, a cortar e a arranjar, e tal. "E dizia-me aqui uma árvore qualquer para eu dizer qual é que era a poda que ela precisa. E depois o senhor via {pp} se {IP}lto=estou} a falar bem ou se {IP}lto=estou} a falar mal, que é para me eu orientar, senão não me sei orientar. {pp} Para me eu orientar". Ele [AB]lchega-] chegou {PH}lø=ao} pé de nós: "Olhe, fazia favor via esta". E (eu vou- {PH}lli=lhe}) ensinar uma prosa porque se as senhoras... Tenho a certeza [AB]lque as s-] que as meninas que andam a estudar para isso. E é para que amanhã ou outro dia, não venha algum que {PH}lli=lhe} queira tapar os olhos e vossemecês abrem-nos.

INQ2 Ora bem.

INF Com duas palavras.

INQ2 Ora bem.

INF Vocês depois dizem duas palavras que eu vou a acabar a minha conversa, e depois (já) eles abrem os olhos. E é claro, (os) /o senhor\ engenheiro chegou {PHlɔ=ao} pé, – naquele tempo ainda era rapazes novos, e tal – ele disse: "Olhe, corte por ali; corte por além; corte por além, e tal, acho que fica bem". E depois, é claro, eu disse-{PHlɪ=lhe}... (E depois digo-lhe eu assim): "O sobreiro"... Ou, o sobreiro!?... A oliveira tinha [ABlduas] duas posições. Tinha um arco colocado por baixo com as pernas, mas tinha uma perna no meio – chama-{PHlɪ=lhe} a gente um plantão – assim no meio, que fazia outro ar. {IPlta=Está} a perceber? Mas a oliveira estava cansada, {IPl'tavɛ=estava} ruim. {IPl'tavɛ=Estava} cheia de musgos, {IPl'tavɛ=estava} toda cansada e tudo. E digo eu assim para ele... (Assim), digo eu para ele: " Ah, pois. Está bem. O senhor engenheiro diz muito bem. Mas venha cá aqui deste lado". Ele voltou-se {CTlɔ=para o} outro lado, e tudo. "Então agora aquela perna que {IPlta=está} acolá"? "Então fica armada em cima e fica armada em baixo". "A oliveira não goza, {PHlnɛ=não} se {PHlɪ=lhe} tira madeira. Não renova! Não se tira madeira, ela [ABlnão] não goza". "Pois é". (Ele depois já no fim): "Pois é. Há esses problemas. Há esses problemas que aparecem".

INF2 (...)

INF1 Se alguma vez suceder alguma coisa, [ABlɪ-] tem que se cortar [ABlaquele] aquele plantão.

INF2 Em baixo e em cima.

INF1 Para fora, tira-se; atrasa-se mais qualquer das outras e ela renovou e {PHlɛlɪ'po=limpou}. E eu vinha para diante, ele {PHlnɛ=não} me disse mais nada, vinha a andar [ABlpor] por o (arreiro) adiante, e tudo. E era até terra de campo. Era [ABlterra] terra boa! Que elas melhoravam [ABlem] em poucos anos. Claro que a gente vai {PHlɔ=ao} pé de uma árvore mas tem que olhar {CTlɔ=para o} chão e tem que olhar para cima. Tem que ver se o chão [ABltem] tem alimento, se tem [ABlsustan-, sus-] sustento. É claro, se a gente vai cortar, mas se não têm alimento, até propriamente secam. Porque não têm força! Não têm força e com uma data de golpes!... Os golpes é {fp}: pelo menos para passar o Inverno, dar golpes assim, por exemplo, numa árvore, [ABlé o m-] é o diabo! E depois o {fp} gelo cai (de cima) /em cima\, e queima, e areja [ABla] a perna [ABlcomo].

INQ1 Pois.

INF1 Nos sobreiros, eu andei [ABlndei, andei na casa de] na casa (Somer). Andei na casa (Somer) também a governar, até acolá quase {PHlɔ=ao} pé de Espanha, um sítio chamado a Coutada dos (barcos) /Arcos\, por cima [ABlde, de] de (.../NPR), [ABlnessa] nessa direcção.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Aí em cima. [ABl(Por causa que coiso) e] E a gente até lá trazíamos [ABluma] uma calda que se deitava – que eu não me recordo agora o nome (disto) – [ABlpara] para tapar [ABlos no-] os golpes grandes {CTlɔ=para o} gelo não queimar. Bom, viemos embora para baixo. Então [ABlvou] vou acabar de contar o papel [ABlda] da oliveira. Mas eu não estava bem, então ele não me disse mais nada, nem coisa nenhuma, nem se estava bem, e eu volto para cima outra vez e digo assim: "Ó senhor engenheiro, eu peço-{PHlɪ=lhe} desculpa, mas tenha paciência, eu não (estou) bem, eu tenho que dizer o que sinto. Não vou bem, doutor. É porque ninguém tenha na ideia que é um bom agricultor, porque

não é"! E as meninas [ABl{IP|tẽw=estão}] {IP|tẽw=estão} capazes de {IP|tar=estar} a parecer mal também?!

INQ2 Não senhora.

INQ1 Não senhora.

INF1 (Está-{PH|li=lhe} a parecer mal). Não é. "[AB|A gente não, ninguém é] A gente ninguém é bom agricultor". [AB|Di-] Diz ele para mim: "Ó senhor Guilherme, {PH|nẽ=não} me diga uma coisa dessas, porque eu tenho tirado boas provas, tenho feito bom serviço, e tudo, e tenho ficado sempre bem, e o senhor agora {IP|ta=está} dizendo [AB|não há] não há (nenhum) agricultor "?! " Tenha paciência! Não há. Não há nenhum agricultor". É claro, ele ficou assim modo surpreendido a olhar para mim, começou a olhar assim: "Pois, pois claro"... Chega-se {PH|l=ao} pé do meu patrão, vai ele assim: "Ó senhor doutor, tenha paciência. Eu vou aqui falar com o senhor Guilherme". Puxou-me assim à banda, disse ele: "Agora há-de-me aqui explicar e dizer porque é que o senhor disse que não há nenhum agricultor. Então a gente (paga a nossa prova) (a gente tira-se bem, temos o nosso) (...), temos todos então [AB|e {PH|nẽ=não}] e {PH|nẽ=não} {PH|semu|=somos}? Não pode ser!" "Tenha paciência! Tenho que lhe dizer. Olhe, o senhor {fp} engenheiro, [AB|ve-] veja uma coisa. {IP|ta=Está} aqui esta tapada de oliveiras; o senhor, amanhã... Eu sou encarregado deste pessoal. Amanhã você: você vá para tal banda limpar aquelas oliveiras. Mas olhe que elas precisam de ser cortadas. Precisam de ser cortadas. E é claro, eu vou. Mas chego cá, não vou cortar todas".

INQ2 Pois não.

INF1 É tarde.

INQ2 Não, não. Estava a ver se estava bem.

INF1 {IP|ta=Está} a apanhar?

INQ2 Se estava a apanhar bem.

INF1 Eu sei. [AB|Digo {fp}] "Esse senhor chega aí e manda-me cortar. Eu chego lá, não vou fazer o que o senhor manda. O senhor é o engenheiro, é que mandou, mandou-me cortar as oliveiras mas eu não as vou cortar todas. Porque eu chego {PH|l=ao} pé de uma oliveira e vejo: {IP|ta|=estás} cansada, és cortada, {pp} para renovares, para te fazeres boa, para depois dar produto outra vez [AB|{CT|prɔ=para o}] {CT|prɔ=para o} lavrador. Chego {PH|l=ao} pé daquela, {PH|nẽ=não} precisa de ser cortada". Precisa de ser espontada, quer dizer, ficar a meia rama. Quer dizer, tirar aqueles (vergueiros) que estão dentro – que chama-{PH|li=lhe} a gente uns ladrões –,

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 aqueles (vergueiros), tirar aqueles (vergueiros) todos que estão dentro e, é claro, armá-la, e procurar aquela rama, principal, a rama em volta, naquelas rebaixadas, naquelas coisas todas e aproveitar aquilo tudo, {pp} a essa que já não é cortada. À outra, que foi cortada há dois ou três anos – por exemplo, dois anos, que é o que, mais ou menos, se regula,

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 é cortada dentro de dois anos, mas precisa de ser... Aqueles arrebetões todos que {IP|tẽw=estão} [AB|na, na, nas] nas primeiras pernadas [AB|lou na] ou nas segundas, ou [AB|nas terci-]

nas terceiras – sim, conforme [AB|lé{fp}] é a colocação da árvore – [AB|tem que] tem que ser aquilo desbastado. Quer dizer, tem que se deixar os arrebentos próprios que sejam [AB|para] para (se procurar) uma pernada amanhã ou outro dia.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 É assim. Claro, tem que se perguntar e desbastar. Não convém aquele vergueiros lá dentro.

Aquilo é uns ladrões a roubar a oliveira. E tem que se desbastar. Portanto, há oliveiras para podar e não há podador de oliveiras. (Percebem) a diferença? Há oliveiras para podar mas não há podador. Elas é que sabem aquilo que precisam e é isso que a gente tem que fazer. Propriamente o lavrador precisa de azeitonas todos os anos. Não é só agora este ano e daqui a cinco anos não dão mais.

INQ2 Pois.

INF1 Não! Assim não interessa!

Código de identificação do ficheiro: MTV07-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601a min: 28:07-31:11	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 Mas o senhor não estudou? Não? Trabalhou com eles, mas não, nunca estudou?

INF1 Não estudei. Não estudei. Estudei só a minha ideia.

INQ2 Pois.

INF1 Sim, estudei só... [AB|Fiz] Fiz só memórias cá na minha ideia, só, pronto, era só, quer dizer...

INQ1 Nunca estudou nada, nada, nada?

INF1 Nada. Nunca estudei nada. (O que) fixei foi sempre coisas, enfim, [AB|via] é que via que fazia bem e fazia uma prova disto ou daquilo. E depois via se dava resultado, se não dava. Não dava resultado, punha de lado, seguia a outra que dava resultado.

INQ1 Pois.

INF1 E tomava nota naquilo, por exemplo, que qualquer das três meninas estão aí agora que me dizem, ou qualquer coisa, eu sou amanhã capaz de começar a pensar, ou até de noite: "E a fulana disse isto, disse aquilo. Eh pá, é verdade"! É assim, mas vamos por aqui, talvez seja bom. É claro, é assim a vida.

INQ1 Ai, isso é mesmo assim.

INF1 Andei aqui com uma brigada de homens, aqui em cima, e com uns senhores engenheiros – {PH|t=até} [AB|havi-] eram ali do Rossio. Alguns já estão reformados até. Andei ali em cima [AB|n-, n-] na brigada. Ora eles, [AB|and-] é claro, andavam lá. Eles chegavam {PH|o=ao} pé de mim: "Ó senhor Guilherme, deixe-me lá agora"... Os homens andavam a dois a dois, nas oliveiras. "Deixe-me lá agora fazer aqui uma coisa". Iam {CT|pr=para o} pé [AB|da] duma oliveira, mandavam cortar por aqui e por além. Mas olhe que eu achava de mais, pelo menos ali num sítio onde chamam a carreira, a gente chama aquilo ali uma carreira de oliveiras. E eu andava lá até quase a acabar. E ele chegou lá e começou a (...): "Ó senhor Guilherme, deixe-me cá agora encaminhar esta brigada". Ele e depois ele {IP|tave=estava} ali a dizer (para cortar): "Corte, corte mais a esta", "Se fosse a si, cortava mais aquela", "Corta mais ao outro, mais ao outro" e deixava-me só os paus próprios dentro da oliveira, que faziam mal, que não deviam de (ir) lá ficar. Que [AB|é o] é uns ladrões completamente para cansar a

árvore. É que cansa mesmo a árvore. (Acabar tudo). Eh! Aquilo {PHlnẽ=não} me {IPl'tave=estava} a calhar bem (...). O patrão no outro dia chega {PHlɔ=ao} pé de mim: "Olhe cá, {IPl'tevi=esteve} cá o engenheiro"? "{IPl'tevi=Esteve}, {IPl'tevi=esteve}. {IPl'tevi=Esteve} cá o engenheiro". Depois ele: "Olhe, mas então onde é que ele andou"? "Olhe, em tal banda. Andou em tal banda assim, assim, mas o serviço {PHlnẽ=não} ficou nada bom". "{PHlnẽ=Não} ficou"? "Pois não". Como eu {IPl'tivi=estive} ali um bocadito calado, diz ele para mim: "Amanhã vai lá abaixo com uma caldeira com cal e marca as oliveiras que você diz que ele que marcou". Digo-{PHlɪ=lhe} assim: "{IPl'ta=Está} bem. (Vou) logo que o senhor doutor mandar, mas quase que {PHlnũ=não} é preciso". "Onde é que é"? "É em tal banda assim, assim. O senhor logo vê as oliveiras. Elas estão lá, aquilo {PHl'i'te=até} me parece {PHl'e'kwazi=quase} as (bandeiras que está) quando é nas festas, nos coretos das músicas, aquilo só no ar aquilo (parece bastante)". O homem {PHlnẽ=não} vinha bom! [ABlEra um, era um] Era doutor mas não era engenheiro. [ABlEra, era, era um].

INF2 Tem um nome, às vezes. (...)

INF1 (...) (Era um chamado) (...) que era ali do coiso. Bom, andou [ABl'a est-] a estudar mas não acabou o exame, não acabou o (coiso) /curso\. E aquele, ele com certeza – peço desculpa –, mas ele com certeza que [ABl'devia] tinha acabado de almoçar há pouco tempo quando ele lá chegou. [ABl'E teve] E foi o que eu notei: "Aquilo acabou de almoçar e depois veio para aqui fazer isto". Já se sabe o que é. [ABl(Depois)] Depois ele vinha para cima, eu andava com os homens até (acolá) /lá\ à borda da estrada.

Código de identificação do ficheiro: MTV08-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 00:10-02:27	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 08	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INF1 O senhor engenheiro chegou {PHlɔ=ao} pé de mim {fp}: "Ó Guilherme {PHlnẽ=não} vá lá marcar as oliveiras que eu já vi". Mas {PHlnẽ=não} disse mais nada. Eu depois: "Ah, então tu {PHlnẽ=não} dizes nada? Então como é que é isto"? Depois voltei para trás, fui outra vez {PHlɔ=ao} pé dele, fui {PHlɔ=ao} pé dos homens, voltei para trás. "Ó senhor doutor, afinal disse isto assim, assim, mas o senhor não me explicou se {IPlta=está} bem nem se {IPlta=está} mal". Tudo. "Olhe, aquilo é demais. Aquilo foi demais um bocadito. Você diga-{PHll=lhe} a ele quando ele cá aparecer [ABlque{fp}] que venha ter comigo ou ali com o feitor, para lhe dar um bocado de oliveiras para ele arranjar à vontade dele". E de maneira que {PHlĩ'te=até} {PHlli=lhe} dei um bocado de oliveiras, que é [RPlé] onde {IPlta=está} aquele (bairro) ali. Secaram todas por completo. Todas. Foi para lá com os homens, cortou aquilo tudo, cortaram...

INF2 A terra não era grande coisa.

INF1 A terra é ruim.

INF2 E depois chegaram, morreram.

INF1 Aí é que {IPlta=está} a diferença: é de {PHlnẽ=não} conhecerem os sítios. Porque a gente sabe que aquela terra ali que por baixo é (escumalho). Não sei se a senhora conhece?

INF2 Ali há muito calhau. Há muito calhau!

INQ1 Não, não sei o que é.

INF1 As meninas conhecem o que é (escumalho). É, por exemplo, torrões. Às vezes já tenho visto coisas, aparecem em qualquer banda, e vêm uns torrões [ABlde] de terra agarrada uma com outra, calhaus [ABle] e o barro.

INQ1 Ainda não vi.

INF1 Uma coisa muito presa, [ABlpa-] {PHlɛ'kwazi=quase} como pedras.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Com aqueles calhaus agarrados (e tudo). (Deus me valha-me)! Aquilo é (...) como o raio! {PHInẽ=Não} tem nada! Nem que a árvore quisesse comer, {PHInẽ=não} tinha nada para comer. Não tinha nada para comer.

INQ1 ...

INF1 De maneira que {pp} [ABlda] deu aquilo. {pp} Deu aquilo ali até que se acabou tudo.

INQ2 ...

INF1 Nunca mais me apoquentaram. Depois o patrão: "Você termine lá o serviço e a poda conforme entender". Mas, é claro, eu tinha informações do senhor engenheiro Hálío – que esse era também um bom mestre; [ABlera] era um mestre lá da Escola Agrícola de Santarém, lá em baixo em (Vale de Estacas). {PHlĩ'te=Até} lá {IPl'tivi=estive} lá umas das vezes, lá fomos ver algumas provas [ABlque os] que os estudantes andavam a fazer. Lá tinham [ABluns] uns quadrados cada um com uns arames para tapar (em volta). Para cada qual ter lá a sua prova, para fazer {PHInu=o} seu serviço. E eu fui lá até (coiso) /pois\ com ele. E eu fui sempre um tipo [ABlque] que, enfim... Noto as coisas {pp} mas depois, andando sozinho, ando a pensar, ando.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 (Às vezes) ou por aqui ou por ali, e tal, ando a pensar as coisas. (Mas este tempo), a idade já se chegou, agora já {PHInũ=não} posso {pp} trabalhar.

INQ2 Anda a pensar nas coisas.

INF1 Já {PHInũ=não} posso. [ABl(Agora deviam vir)]

INQ2 Mas pode pensar nas coisas na mesma.

INF1 Pois. Posso pensar na mesma coisa.

INQ2 Pois.

INF1 Posso pensar na mesma coisa.

INQ2 Pode pensar na mesma.

INF1 Posso pensar.

Código de identificação do ficheiro: MTV09-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 02:36-03:58	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Jul.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 O seu nome?

INF1 Sou o Guilherme.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 A idade, tenho oitenta e sete anos, feito no dia 2 de Abril. [AB|Nasci em m-]

INQ1 Oitenta e sete!

INF1 Nasci em 1904.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Que eu nasci!

INQ1 E nasceu aqui? Em Montalvo?

INF1 Nasci cá, sim senhor. Mas tive pouca sorte porque{fp}, quando a minha mãe morreu, tinha dezoito meses.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 [AB|Fui criado] Fui criado com minhas tias.

INQ2 Daqui também?

INF1 O meu pai andava por fora [AB|na] na limpeza de sobreiros, e tirar a cortiça, e tudo. E fiquei por aqui sozinho.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E apanhei uma crise ruim, ruim! Olhe que apanhei uma criação ruim! Ia à casa das minhas tias pedir um bocadito de pão de milho. Pão de milho, que era o que se usava naquele tempo; agora ninguém sabe o que é. Se perguntarem o que é pão de milho, {PH|nũ=não} sabem. De maneira que ia lá pedir e às vezes trazia-o dentro do bolso, porque os outros também tinham fome, e batiam-me na mão, caía {CT|pɔ=para o} chão e eu já não o apanhava. Depois lá começava a chorar, tinha que ir buscar mais. Isso é que foi a minha criação! Ia apanhar folhas, flores do marmeleiro e ia a meter na boca, a comer as flores, e das roseiras. E comer. Uma vez apanhei (uma) flor [AB|do] do marmeleiro, tinha lá uma abelha dentro, mordeu-me na língua.

INQ2 Oh!

INQ1 Ah!

INF1 [AB|{IP|^ttivi=Estive}] {IP|^ttivi=Estive} em casa dum tia deitado de barriga {CT|^o=para o} ar e ela a espremer-me limão aqui para dentro da boca. (Aquilo doía que eu cá sei)!

INQ1 Que horror!

INF1 Eu passei... [AB|Eu] Eu é que sei o que eu passei, com esta idade que tenho, é que eu sei o que eu passei, minhas meninas. Pois foi!

INQ2 Isso foi uma criação difícil! Já agora, ali aquele senhor também, que idade é que o senhor tem?

INF2 Eu?

INQ2 Sim.

INF2 Setenta e nove.

INQ2 E o seu nome?

INF2 Guliver.

Código de identificação do ficheiro: MTV10-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 04:06-06:16	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Fev.06

INQ1 Explique lá então como é que é isso. Como é que é aqui então?

INF1 Ora, [ABlo mês] o mês de Março dentro de cá de agricultura é isto: (dentro) do mês de Março – Março e Abril, vamos por aqui, Março e Abril – começam-se a arranjar as terras, a preparar as terras para semear o milho, {pp} e tudo. Ali por restos de Abril, ou qualquer coisa, preparam-se as terras para se pôr{fp} a plantação do tomate, que é agora. Porque [ABlé posto] é posto agora, (pois): do tomate, do pimentão, [ABlsim, para] para se conduzir depois {CT|paç=para as} fábricas, tudo. É claro, aquilo é as terras arranjadas; e depois, no fim de {IP|'tarēj=estarem} lavradas, estarem batidas, estarem [ABld-] preparadas, aquilo é regado com uns tractores, [ABlcom, com umas] com umas charruazinhas que têm (a regar) /regado\. Depois é posto o coiso. Agora é posto tudo à máquina também, tudo com uns tractores, é que põem, à máquina. E depois [ABlj-, ja-] juntamente quando eles estão já grandinhos, quando já está crescido, vai o tractor outra vez, com as mesmas {PHlɛʃv'ruɛʃ=charruas} que abriu para se pôr o coiso, já vai pelo outro intervalo. Quer dizer, uma carreira está aqui, a outra está ali; depois põe-se aqui uma carreira, aqui outra. Mas há outra: quando é {PHlɔ=ao} {PHl'saʃi=sacho} – chama- {PHl|i=lhe} a gente o {PHl'saʃi=sacho} – já vai aqui pelo meio, tomba a terra para ali, tomba a terra para aqui.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Quer dizer, vai aquilo terreando, vai a roda por aqui, vai tombar, fica sachado.

INQ1 Como é que chama a essa terra que tomba assim?

INF2 É {PHl'levi=leiva}.

INF1 [AB|Tudo] É {PHl'levi=leiva}. Chama-{PHl|i=lhe} a gente a {PHl'levi=leiva}.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 {fp} (Chama-{PH|li=lhe} a gente) a {PH|levi=leiva}. É claro, e depois vão então mulheres – que agora os homens já poucos querem trabalhar. [AB|And-] Querem tudo andar mas é [AB|na] na orgia e na paródia. (Já pouco trabalhar). As mulheres agora é que têm que trabalhar mais. É em tudo, olhe. Olhe, é já (em) /aɪ vossemecês. Vamos já por aqui.

INQ1 Vamos já por aqui.

INF1 (É para verem. É já por vossemecês); é em choferes: daqui a pouco já há mais 'choferas' que há choferes. Os homens, trabalhar não é com eles. {fp} Já começa já [AB|por (...)].

INF2 (Há aí muitos que não querem trabalhar).

INQ1 São muito preguiçosos! São muito preguiçosos!

INF1 E de maneira que vão então as mulheres vão {fp} {PH|lɛ'par=limpar} algum que fica enterrado
INQ1 Rhum-rhum.

INF1 assim com umas enxaditas pequenas a (levantarem tudo) /levantar e tudo\ . Pois se agora há!
(Uma maneira antigamente), regava-se à enxada,

INQ1 Ah!

INF1 vinha por um rego fora regar – estavam os motores a trabalhar –, vinha por uns canos, e depois metia por um rego fora e a gente ia cortando aqui e além.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Hoje já é com umas mangueirazitas de plástico, [AB|de] de coiso, que têm, tem uns furos, tem uma coisa para tapar, já abre aqui e além e {IP|ta=está} a correr.

Código de identificação do ficheiro: MTV11-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 10:45-16:55	
Inquiridor2: Maria Lobo	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Fev.06	

INF1 Vinha esta coisa, por exemplo, [ABldo, do] do milho: era semeado – o milho era semeado a lanço. Andavam os bois {pp} a lavrar, e tudo, e depois, é claro, ia o abegão, espalhava o milho a lanço, tudo para fora; e depois ia {fp} a gente {CTlkɛʒ=com as} grades – que chamam-{PHlli=lhe} uma grade, que é uma parte com uns bicos, e tal – é gradar e enterrar o milho. Quando era aí (principal no nateiro), (principal no nateiro), quando era aí {PHlɔ=ao} fim de vinte dias, já se podia sachar. Mas aquilo depois era dividido em [RPlem] chama-{PHlli=lhe} a gente searas, em terras. Ia, por exemplo, o guarda da casa – que estava na casa – ia dividir aquilo com umas canas. Marcava aqui e além, media a passos pela seara...

INQ1 Ah!

INF1 Eu amanhã uma, [ABla s-] a menina amanhã outra, aquela amanhã outra, amanhã outra, cada qual amanhã a sua e arranjava a sua.

INQ1 Ah!

INF1 {IPlta=Está} a perceber?

INQ1 Sim, sim.

INF1 Antigamente era assim: cada qual tratava da sua. {fp} O milho, quando era [ABlde] (com a pá) /acabado\ de sachar – a gente íamos chamava-{PHlli=lhe} a gente sachar –, era de... Boa tarde, menina.

INF2 Boa tarde.

INQ1 Boa tarde.

INF1 Era sachar. Claro, íamos dividir... Aquilo deve ter, deve ficar [ABlaí com] aí com um palmo [ABlou] ou aí {PHlɛ'kwazi=quase} dois palmos dividido um do outro. Claro, o milho estava espalhado (aí) num monte. A gente mesmo com a enxada propriamente cortava e já sabia aquilo que havia de deixar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Sim, já sabia aquilo que havia de deixar, cortar. Deixava. Que vinha depois outra altura quando ele começava a querer desembandeirar, quer dizer, deitar a bandeira e a deitar a {fp} espiga [ABlo, a] aquela barbazita, havia ordem, a gente já sabia, íamos amotar – chama a gente amotar –, amotar mais alguma erva que lá {IP|'tavẽ=estava} por dentro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Íamos por dentro do milho, isso [ABlera apanhar] era apanhar barrigadas de suor lá dentro [ABle] e de orvalhadelas de manhã dentro do milho. Que o milho {pp} alto e a gente lá dentro, [ABlera] era de matar! [AB|Que a gente]

INQ1 Era, era apanhar aquelas ervas que não?...

INF1 Quer dizer, com a enxada. Mas era... E aldrabar. E às vezes a passar por aqui e por além, a fazer poeira. Era poeira lá por toda a volta, (ora veja lá).

INF2 Às vezes, até se perdiam uns dos outros, {pp} lá dentro do milho.

INF1 Pois. De maneira que [ABlo v-] o milho era assim criado. Depois é claro, vinha o tempo [AB|de], {IP|'tavẽ=estava} criado, {IP|'tavẽ=estava} já com a espiga por baixo, e tudo, o guarda vinha dar ordem {PH|ɔz=aos} donos das searas: "Vai despontar"! Despontar era tirar a bandeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Ah!

INF1 {IP|'ta=Está} a perceber? Tirar aí a bandeira logo rente ali à espiga. Tiravam a bandeira, deitavam {CT|pɔ=para o} chão. E depois (esse resto), tirar a bandeira, era já com o lavrador. Depois ia então o pessoal [AB|do] do lavrador. Por exemplos, os homens e as mulheres, íamos {PH|'talu=atar o} pasto, quando ele {IP|'tavẽ=estava} seco, {pp} atar o pasto.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Íamos atar, tirar para fora [AB|do, do] do milho, e depois vinha os carreiros carregar e tudo, levar [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pa=para a} quinta, e depois ser lá empalheirado. Quer dizer, empalheirado, metido dentro [AB|da] das casas, das (cabanas), dentro daquelas coisas, porque é para depois se dar [AB|{PH|ɔ=ao}] {PH|ɔz=aos} animais para comer, para dar. Essa é uma. Essa aí acabou. Morreu.

(Comeram-no todo). E depois o milho, quando {IP|'tavẽ=estava} capaz de apanhar, havia ordem.

Vinha o guarda dar as ordens: "Fulano, fulano, fulano, tal dia vão apanhar a seara. Apanhar a seara". A gente cá depois [AB|tínhamos] {fp} juntava-se. Por exemplo, eu juntava-me com família de casa daqui dessa, ou daquela e daquela. Quer dizer, [AB|eu ia] a minha mulher ia ajudar a elas e elas vinham-nos ajudar a nós. Só apareciam quando era preciso. Também tinham seara e juntavam-se assim. E depois ia-se apanhar o milho. Íamos de madrugada, de noite, apanhar o milho. Ia o homem, ou um rapaz, para acartar aquilo às costas com um cesto para um monte; depois (vinha) /vinham\ os carreiros com os carros, com as caixas, carregava-se, ia {CT|pa=para a} eira. Chegava-se à eira, punha-se no nosso monte. Ele chegava lá, perguntava {PH|ɔ=ao} abegão que {IP|'tavẽ=estava} na eira: "Qual é a minha seara"? "É aquela". (A apanhar), toca de desencamisar. {pp} [Ruído de motas]

INQ1 Estas motas aqui é que...

INF1 Desencamisar. {pp} Desencamisar, [AB|da-] deitavam-se {CT|pɔ=para o} coiso. Fazia-se, é claro, ali um eirado de milho ali assim. Desencamisava-se e tudo. Ficava por nossa conta. Quando ele {IP|tavɛ=estava} seco, dizia lá o (bandeiro) assim: "Ó fulano, tal dia podes vir malhar a seara". A gente íamos para lá, é claro, tinha quem me ajudasse a mim, que eu também ia ajudar os outros. Noites inteiras, andar até às duas horas de noite a malhar, à porrada {PH|ɔ=ao} chão! Chamava a gente umas moeiras, que era um pau assim comprido com uma coisa na ponta. Não sei se já se lembram disso?

INQ1 Sim, sim, sim.

INF2 {PH|ʔidɛ=Ainda} lá tenho a minha.

INQ1 ...

INF2 Uma moeira, que é uns bocados de correia e tal, arranjado.

INQ2 Gostávamos de ver.

INF1 É claro. Um pau assim [AB|na] na ponta pendurado. [AB|Chama] Chamava-{PH|li=lhe} a gente um {PH|pɾitu=pértigo}. [AB|E é] E a hástea. Era a hástea e o {PH|pɾitu=pértigo}. (De maneira que) toca de porrada. Por exemplo, andávamos quatro homens nesta banda, outros quatro daquele lado. Andava as nossas mulheres, ou alguém que a gente tinha que ajudasse, com uns candeeiros – que nem havia luz, nem nada –, com uns candeeiros de lado, para alumiar, {CT|pa=para a} gente ver onde é que andava a bater, à porrada {PH|ɔ=ao} chão. Claro. Dava-se-{PH|li=lhe} a primeira corrida, depois ia-se buscar as ferramentas da eira, os ancinhos; puxava-se aquilo para fora, tirava-se-lhe o milho de baixo para um lado para um monte; depois ia-se remalhar aquilo outra vez. Porque {PH|ʔidɛ=ainda} ficava muita espiga partida {PH|ɔ=ao} meio, (...) com milho. Tornava-se a malhar outra vez, a dar porrada até ficar. E depois tirava-se outra vez para fora. E depois estava a gente – chamava-{PH|li=lhe} a gente os 'casuis', que é aquele 'casul' que {IP|ta=está} dentro [AB|da, da, da] do milho.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Que {IP|ta=está} muito certo. Tirava-se aquilo para fora. Acartava-se para um cesto, lá para um monte, [AB|para] para e depois {pp} fazer estrume, qualquer coisa. {pp} O milho espalhava-se {pp}, tudo, à tarde ia-se juntar e íamos limpá-lo com umas pás. Toca de limparem para o vento, tudo. E a mulher, a mulher ou um outro colega assim [AB|com uma] com uma vassoura, chamava-{PH|li=lhe} a gente a conhar, a apanhar aquele casulito por cima, {CT|pɔ=para o} lado, para depois passar com o crivo, tudo. E depois vinha o abegão, media e a gente vinha. Mas sabe, eram nove alqueires {CT|pɔ=para o} patrão e um só {CT|pa=para a} gente, no campo, (de) milho da eira.

INQ1 Veja lá.

INF1 E o que a gente trabalhava! E o que se fazia! {IP|ta=Está} a ver a menina {fp} o princípio [AB|desta] desta vida, [AB|lo que] o que a gente fazia, tudo. [AB|Hoje]

INQ1 E os senhores tanto trabalhavam e só tinham um alqueire.

INF1 Pois. {fp} Hoje já não sucede isso.

INQ2 Pois.

INF1 Hoje já não é. Já vão debulhar no campo, já vai tudo. [AB|Já não] Já não aproveitam o pasto, já não aproveitam nada. [AB|É] É conforme está na bandeira e tudo, cai aquela moinha toda {CT|põ=para o} chão, e tudo. E antigamente era feito assim. Mas hoje, se fosse assim, não havia gente para isso.

Código de identificação do ficheiro: MTV12-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 20:52-25:00	Inquiridor2:
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 12	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Mai.06

INQ Mas dantes pegavam cedo, não?

INF1 É assim. É assim. Há?

INQ Dantes pegavam cedo?

INF1 Cedo, pois. (Bem, isso) era de noite.

INF2 Era {PHlɐ'kwazi=quase} {PHlɔ=ao} nascer do sol.

INF1 Quer dizer, [ABlquando, quando ia de noite] quando ia de noite atar pão, ou atar pasto, ou coisa que se ia de noite. Por exemplo, atar pasto era fácil de nunca ir, porque orvalhava e não se pode atar{fp} molhado porque depois arde. É apertado num molho e depois {pp} aquece e estraga-se, parte.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Mas o pão era. Era atado de noite. Tudo. {fp} (Saíamos) e depois tinha que {PHlli=lhe} dar o tempo. Tinha que {PHlli=lhe} dar o tempo, quer dizer, à hora do descanso. Tinha que {PHlli=lhe} dar o tempo. {PHl'tijɐwnu=Tinham o} tempo, por exemplo, à hora de meio-dia. Antigamente trabalhava-se de sol a sol. Quando não era às vezes roubar um bocadito, e tudo. Pois é.

INQ Ainda roubavam um bocadito?!

INF1 Olhe, e vezes, vezes! Cada vez andava com eles em certos serviços, por exemplo, andávamos aqui [ABlno] a cavar, [ABlp-] vamos lá, aqui na vinha, aqui a cavar um bocado, por aí fora. Ora, a vinha {IPl'tavɐ=estava} {PHlɐ'kwazi=quase} pronta, amanhã íamos para outro lado. Íamos para outra banda. Isto é coisas estudadas tem que ser pela gente. Íamos para outro lado: "Eh pá, isto fica-me aqui preso e eu"... Andava de roda deles. "Fica-me aqui preso por pouco. Eh pá, se vocês andassem mais puxados um bocadito, eu mandava buscar um barril de água-pé [ABlã h-] à quinta e acabavam-me isto, pá! Acabavam-me isso"! É claro, eles, coitaditos, com vontade ou sem ela lá: bumba, bumba, bumba, bumba, às vezes {PHl'ĩdɐ=ainda} acabavam com sol. Porque dá o caso, ficava aquele bocado por acabar, ficava lá um bocado; no outro dia, ia aí [ABlcom, com] com vinte ou trinta pessoas, atrás de mim por aí abaixo, a cavar aquele bocado. Ora, pôr [ABla] o fato no chão, pôr o saquito do almoço –

que a gente antigamente tinha o almoço, que era às nove horas, comia-se a buchita de pão com as sardinhas e bebia-se um copo de água; e depois toca de trabalhar, {PH|o=ao} meio-dia comia-se outra vez. Era assim. Antigamente a vida era assim. As meninas nunca passaram...

INQ Antes, antes do almoço comiam alguma coisa ou bebiam alguma coisa?

INF1 Em casa, alguns, que o tinham; e outros que não tinham. [AB|O|he, {IP|ta=está}, {IP|ta=está}]

INQ Como é que chamavam essa refeição? Em casa ainda, logo cedo.

INF1 Era o pequeno-almoço. Pois [AB|isso era].

INQ Chamavam sempre pequeno-almoço?

INF1 Sempre, sempre pequeno-almoço.

INQ Nem tinham o hábito...

INF1 [AB|As pessoas] A gente tínhamos o hábito de dizer desjejuar.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Desjejuar. "Desjejuei-me"! "Desjejuei-me", ou "Bebi uma chávena de café", ou {fp} "Comi um {fp} bocado de pão", ou "Comi isto", ou "Comi aquilo". Desjejuar.

INQ Mas aqui não tinham o hábito de beber assim um copinho de aguardente ou uma coisa assim logo de manhã?

INF1 Bom, isso havia muitos que vinham depois beber.

INF2 Às vezes.

INF1 Se apanhavam alguma coisa aberta, e tal, é que vinham, senão... {fp} Havia muitos que bebiam.

{fp} Houve uma vez um, e era um {fp} solteirão qualquer, até morreu ali [AB|{PH|o=ao}, {PH|o=ao}]

{PH|o=ao} pé da porta da taberna com a cabeça em cima do degrau. Vinha de manhã para matar o

bicho, a porta {IP|tave=estava} fechada e {fp} até lá ficou. [Risos] Até lá ficou. É assim. [AB|Depois esti-]

Depois ia – é que eu quero chegar [AB|a este] a este ponto. Ora, se eles não acabassem aquilo,

{pp} aquele bocado, no outro dia ia eu [AB|com] com vinte homens, vamos lá por aqui, com vinte

homens atrás de mim. Chega lá: "Vamos". São horas de começar a trabalhar, nascia o sol: "Vamos lá

chegar {PH|o=ao} serviço, rapazes"! (Eles chegavam {PH|o=ao} serviço), começavam a cavar.

Acabavam aquilo, por exemplo, em meia hora ou numa hora. E depois vinha de lá. Vinham para

agarrar [AB|no] no fato, pôr as ferramentas às costas, a andar por aí fora. Eu ia depressa, mas eles iam

devagar! A correr não era para eles! Iam devagar, por exemplo, agora... Ia andando por ali afora até

{PH|o=ao} destino. Para depois [AB|para] ia {CT|pa=para a} outra coisa, para começar a (trabalhar), lá

chegava lá {pp}, pôr o fato no chão, pôr aqui, consertar-se, aquele fazer mais um cigarro, aquele

chegar-se para aqui, o outro: "[AB|Dá] Dá-me cá lume"! "Eh pá, empresta cá [AB|um] um cigarro"!

Para aqui, para além, primeiro que se começasse a trabalhar, ia-se embora {PH|e'kwazi=quase} duas

horas de serviço. E essas duas horas ficaram no escritório do patrão porque fizeram na véspera com

uma pinga de água-pé.

INQ Rhum.

INF1 Ficaram com eles. Porque (eu fazia ciente isto) {PH|o3=aos} meus patrões, e eles mandavam-me

regular o trabalho assim, que fizesse à minha vontade. [AB|E eles] E com essa pinga de água-pé que

era [ABluma feita] uma coisa feita já no (espreguiço), [ABlque] que (o serviço) tirava-se do vinho, e ele ficava com essas duas horas de cada uma pessoa. {pp} Duas horas de trabalho ficavam no escritório. Adiantava muito. Por isso, eles hoje estão-me a dar alguma coisa, mas {PHlɐ'vidêmi=haviam de me} dar mais. Mas deram-me tão pouco! É poucachito. (Ainda vem) alguma coisita lá de baixo, mas é pouco. Haviam de me ter dado mais.

Código de identificação do ficheiro: MTV13-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 25:24-27:19	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 13	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Mai.06

INF Antigamente, [AB]andava aí um] andava um rancho lá na casa de velhos, assim como eu, que eu não sou novo. Velhos. Mas alguns mais... Hoje, graças a Deus [AB]{PHI}íde=ainda}, {PHI}íde=ainda} me] {PHI}íde=ainda} me governo, {PHI}íde=ainda} ando, {PHI}íde=ainda} faço qualquer...

{PHI}íde=Ainda} faço qualquer coisa de enxada! Não é muito tempo. Aí uma horazita ou qualquer coisa, {PHI}íde=ainda} faço. Ou hora e meia. Porque eu não quero (tentar). Eu às vezes podia a tentar mais, mas não: quando me sinto enfadado, paro. Vou-me lá governando assim com (estas poucas posses). Não vale a pena coiso! E todos os dias saio, a andar para aqui ou para ali, de qualquer banda, eu saio. Dou movimento às pernas, porque eu sinto-me mais mal é das pernas. Das pernas é que me sinto mais mal. De maneira que [AB]{PHI}íde=ainda}] {PHI}íde=ainda} faço. {PHI}íde=Ainda} faço assim qualquer coisa. Mas {fp} é claro, naquele tempo não se fazia {fp}... A trabalhar, eram uns escravos que aí andavam. Eram uns escravos. Eram uns escravos. [AB]Que andava] Andei aí depois, fui – em novo ainda, foi nos princípios, antes de ir para capataz. O meu patrão – o pai até desse que lá {IP}ta=está] agora na quinta – [AB]é que] é que me pôs lá em capataz, que eu não queria. Que eu tive sempre quezilha [AB]de] de governar. Nunca gostei. E fui acolá para um sítio chamado... Coitados dos (...) já acabaram. Já (...) que [AB]é] é para lá do (.../NPR). É entre (.../NPR) e Santa Eulália, pegado à ribeira, da estremadura de Portugal com (...). [AB]Que é da, da] Pertence à casa Sommer, não é? E um tio meu era capataz ali da casa Sommer – era capataz geral – e é que me pôs em capataz. Eu com dezoito anos! E eu andava lá a fazer um desbaste, quer dizer, desbaste era {fp} arrancar sobreiros... [Barulho de mota] Olhe, deixe passar isso, que eu já digo.

INQ Está bem.

[Corte na gravação]

INF E eu tinha que {IP|tar=estar} a ficar com ela dentro dum cesto, lá na quinta, lá na adega, [AB|pa-, pa-, p-] {CT|pa=para a} calar, para ela estar calada e para meter a chuchazita na boca. A chucha [AB|lera] era uma boneca feita [AB|com] com sopas de coiso, e açúcar dentro.

INQ Rhã!

INF E aquilo [AB|ta-] atado com um coiso [AB|le metido]. Molhava aquilo dentro [AB|de] dum coiso, [AB|com á-] um copo com açúcar para meter na boca para se ela calar.

Código de identificação do ficheiro: MTV14-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade: 79	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0601b min: 28:02-31:17	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 14	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Jul.06

INF1 A minha mulher – Nosso Senhor a tenha lá em descanso – já se foi embora, coitada. [AB| (...) Não, não] Não esperou por mim. Antes me ela levasse! (Que) /Porque\ eu não me dou mal (aqui)!

INQ1 Não diga isso!

INF1 Não me dou mal, mas já tenho muitos dias. [AB|Já tenho muitos, já] Já é dias a mais. Já podia dar os meus dias [AB|a] a outro, (que estou velho)!

INQ1 Ah! Tem nada, está aí tão rijo! Agora dias a mais!

INF1 Pois. {fp} [AB|Foi] Foi lá criada nessa casa {pp} desses patrões que lá {IP|tavẽw=estavam}.

INQ1 Rhum!

INF1 Mas o alemão é que comprou.

INQ1 O senhor disse-me que é metade!

INF1 Isso foi vendido. [AB|Há] Há uma outra quinta do lado de baixo, que era da senhora dona Hersília, que [AB|lera, era] era uma irmã daquele que vendeu aquilo, que era o doutor Heitor. Que o tal doutor Heitor era o doutor de mal de peles. E é onde esta miúda, o pai veio para lá [AB|para] para feitor, esta [AB|rapa-] miúda que {IP|ta=está} aqui, para lá.

INQ1 Ah!

INF1 E eu fui lá cinco anos fazer o vinho. {pp} Fui lá fazer o vinho, [AB|para] para coiso. Porque o vinho lá {pp} dele {fp} [AB|(que é)] {fp}... Aqui em cima tem um depósito [AB|aonde]. Não sei se lá foram para dentro. Ainda não foram?

INQ2 Ainda não vimos.

INF1 Se entrarem {PH|o=ao} portão para dentro...

INQ1 Só entrámos nos quartos.

INF1 Se entrarem {PH|o=ao} portão para dentro, há, [AB|hav-] havia... Bom, aquilo agora é capaz de estar modificado. A gente entrava {PH|o=ao} portão para dentro, havia dali umas pocilgas, umas coisas, de galinhas, e essa coisa toda que (governava). E havia depois, mais adiante, havia uns degraus

a descer para baixo, e desses degraus até lá acima {PH|o=ao} tanque – chamava-{PH|i=lhe} a gente o tanque (regal) /de regar\ . [AB|É um tan-] Há-de lá {IP|tar=estar} . [AB|E] {PH|'idv=Ainda} ele há-de {IP|tar=estar} que eles [AB|não] não o esbandalharam.

INQ2 Se calhar.

INF1 Chamam-{PH|i=lhe} o tanque (regal) /de regar\ , que tem uma mina, vem a água para lá. Uma mina (que há lá) /acolá\ para cima {CT|p=para o} pinhal, tudo, (vem para) esse tanque. {fp} Tem uns degraus {PH|o=ao} lado. Chama-{PH|i=lhe} a gente o tanque (regal) /de regar\ . [AB|E] E até esse tanque, desde esse (degrau assim para baixo, esse tanque), havia ali uns buxos, faziam assim um arco.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Não sei se {PH|'idv=ainda} lá estão, se não {IP|tew=estão} . [AB|Mas isso, se for, se forem]

INQ1 ...

INQ2 Mas havemos de ver...

INF1 Se lá forem deitar a cabeça, vêem. Havia uns buxos que fazia assim um arco. Aquilo é como um túnel. Tudo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Quando a gente saía aí... {pp} Isso era para cima. Quando ia para baixo, há um outro tanque mais em baixo, (também porque) regava depois [AB|uma] uma parte que havia do lado de baixo, [AB|que é] que era já depois {CT|pa=para a} outra irmã, que era a senhora dona Hersília, [AB|que é] que é da outra quinta [pp] que {IP|ta=está} daquele lado, do lado de baixo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Esse prédio já foi feito já... Não foi já [AB|pelos av-] pelos pais dela, foi por ela é que foi feito. De maneira que há esse tanque aí. Até lá tem canas-da-Índia! Tinha lá. Não sei se {PH|'idv=ainda} lá estará, se não.

INQ1 É capaz de estar.

INF1 Eu corria aquilo tudo ali! Eu sabia (mais do que vocês vêem).

INF2 (...)

INQ1 Aquilo é muito bonito! Aquilo é muito bonito ali!

INF1 O senhor doutor Heitor...

INF2 (...) Aquilo também.

INQ1 Ah!

INF1 O senhor doutor Heitor quando era vivo – ele era do mal de peles. Ele {IP|'tavv=estava} casado com uma senhora que {fp}... O senhor doutor Helâmio. Então, vocês também não conheceram um médico que havia lá, em Lisboa, que era o doutor Helâmio. [AB|Era um] Era cirurgião, o tipo, até! [AB|Era] Era professor [AB|do] dos médicos {fp}, ele. Era. Era o senhor doutor Helâmio. E tinha uma senhora, ela talvez fosse (do) seu corpo, assim pequenina! Pois.

INQ1 Pequenina!

INF1 [AB|Que era] Que era a senhora dona Hortênsiazinha. [AB|Era, era] Era mulher dele. Era filha do tal doutor. [AB|E veio] E veio uma senhora da Suíça para cá tratar-se da garganta com ele.

INF2 (...)

INF1 Quer dizer, pois, as senhoras desculpem. As meninas desculpem, o que é a gente [ABItem que] tem que ser português.

INQ1 Não senhor, diga.

INF1 Temos que ser português. {fp} Engraçou [ABcom] com ele [ABle ela engraçou com] e ele engraçou com ela.

Código de identificação do ficheiro: MTV15-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602a min: 03:16-05:53	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 15	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 E depois, portanto, levavam as azeitonas para o lagar?...

INF1 Não. E depois apanhava-se debaixo da oliveira e tirava-se os panos, juntava-se.

INQ1 Sim.

INF1 Tinha muita folha, muito ramo partido que caía de cima das oliveiras. Andavam dois homens, ou duas mulheres, ou duas pessoas {pp} de lado, e depois juntava-se uma dum lado e outro {pp} e começavam a peneirar assim com o pano. É claro, a azeitona, um chegava para baixo e a gente depois tirava a rama por cima, {pp} para fora.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Que era depois escolhido algum (bago). Quem vinha (era) as mulheres atrás a apanhar os bagos que eram desperdiçados, quer dizer, que saltavam, qualquer banda, escolhiam aquela rama também e tudo. Ficava. E depois daí levava-se para dentro dum cesto. De lá ia para um monte. Fazia-se um monte. À tarde, estendia-se dois panos com umas canas espetadas ou com um pau a atravessar, preso, e uns panos, já com uns barços [AB]po-] postos aqui nas pontas, atado. E depois ia o homem com uma pá a padejar daqui do monte de encontro {PH}o=ao} vento. Quer dizer, a azeitona caía dentro do pano [AB]e] e a folha caía, vinha-se embora cá para trás.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 {IP}ta=Está} a perceber como é?

INF2 Ficava a azeitona limpa.

INQ1 Limpinha.

INF1 Saía, claro, está aqui um monte e a gente (depois), é claro, (traziam) aqui {PH}o=ao} pé do monte, deitavam (um capachinho) /um couchinho\ de azeitona [AB]{PH}o=ao}, {PH}o=ao} {PH}o=ao} ar. Deitavam (uma capachinha) /aquela cheia\ de azeitona {PH}o=ao} ar, vinham (logo) o caminho para onde a folha caía. Vinha para aqui, o vento {IP}ta=está} dali, iam além. [AB]Se-, sete passos] Sete passos que a gente marcava, que eu por acaso também tenho isso de ideia e também o fiz. Sete passos.

Marcava, chegava lá, espetava uma estaca aqui, outra aqui, outra aqui. Punha um pau aqui a atravessar. Justamente aqueles panos que a gente punha, [AB|que] que era {CT|pɔ=para o} padejador, que era panos mesmo do padejador, tinham uns barços. Pois tinham três coisas.

INF2 Para atar [AB|{PH|ɔ=ao}] {PH|ɔ=ao} pau.

INF1 Atava-se-lhe {PH|ɔ=ao} pau. Claro, ficavam estendidos e atado aqui assim, {IP|ta=está} a perceber? O pau {IP|tavɛ=estava} aqui, fica assim aqui atado. O homem de acolá começa a apanhar. Põe-se ali com a pá e atira.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Atira, mas não é atirar como se carrega um carro [AB|com as azeito- {fp}] com terra. A gente para carregar um carro com terra, atira {PH|kɛ=com a} pá a direito para cima. Aquilo tinha que ser {PH|ɔ=ao} contrário. Tem que voltar a pá quando vai a pá no ar, vai assim, mas volta {PH|ɔ=ao} contrário. Volta para ali, que é para abrir a azeitona. [AB|Se o vento {IP|ta=está}] Se vai assim a tombar para aqui, cai junta, não abre e o vento não a limpa, [AB|se] por acaso quando o vento seja pouco. Não abre, tem que ser {PH|ɔ=ao} contrário: vai, atira {PH|ka=com a} azeitona e volta-a assim, a azeitona no ar. A azeitona no ar abre, faz leque, faz assim leque, a azeitona atira-se assim {PH|ɔ=ao} ar. Quer dizer, a gente faz a menção, não é atirar daqui a direito para além. (Atira-na) {PH|ɔ=ao} ar [AB|p-, para que], vai assim, para cair acolá.

INQ2 Para cair.

INF1 Claro, [AB|tira-] alevanta um bocaÿÿÿÿo {Pÿÿɔ=ÿÿÿÿarÿÿ}{pÿÿ Pronto, essa já está.

INQ1 Tem ciência!

Código de identificação do ficheiro: MTV16-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602a min: 15:44-18:02	Inquiridor2:
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 16	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ Então e diga lá uma coisa, como é que chamavam àquele primeiro azeite que tiravam?

INF1 [ABIO{fp}] O primeiro?

INQ Sim.

INF1 Bom, [AB|era] não tinha {PH|v'kwazi=quase} nome. [AB|Era] É fino, era azeite fino. Dizíamos a gente que era fino, por exemplo,

INQ Rhum-rhum.

INF1 com um grau, ou com nove décimos, ou com qualquer (coisa) assim. Bom, [AB|ele {PH|fi'te=até} se tirou] ele {PH|fi'te=até} se tem tirado aqui na nossa coisa... Agora, a engenharia agora {IP|ta=está} mais bem colocada, não é? Tem de se tirar aí [AB|com] com quatro e cinco décimos só. Nem tem chegado [AB|{PH|o=ao}] {PH|o=ao} grau! [AB|Tanto fi- é] É fino demais!

INQ Pois.

INF1 Até é fino demais! [AB|Nem se acha] Nem se acha no comer.

INQ Há certos sítios em que diziam que esse azeite que era bom, às vezes, para curar coisas de pele...

INF1 É, é, é. Bom, isso é outro azeite. Isso é [RP|lé] o azeite quando {IP|ta=está} a correr {CT|pra=para a} tarefa e [AB|que não] que não é caldado. Quer dizer, não é caldado [AB|não le-]...

INQ Ah!

INF1 Porque o azeite no fim de aquilo estar espremido...

INF2 (...)

INQ Ah, pois!

INF1 No fim de aquilo estar espremido – é bom puxar certas conversas que é para me (eu lembrar) /alebrar\.

INQ Pois.

INF1 {fp} No fim de aquilo estar tudo espremido, [AB|lo, o] o mestre do lagar vai deitar uma porção de água quente lá para dentro. Sangra. Quer dizer, por baixo tem duas torneiras, a tarefa. Tem uma mais

alta e outra mais baixa. E ele vai, e abre, por exemplo, a do fundo. Quando a de cima começa a aparar o azeite, fecha. Que é para sair a almofeira, que é aquela água suja que [ABla] a azeitona tem.

INQ Ah!

INF1 É a almofeira. Chama a gente a almofeira. (Saiu aquilo tudo). Chegou à altura daquela de cima, que lá {IP|ta=está} o azeite, [AB| para] {CT|pɔ=para o} azeite não sair {CT|pa=para a} rua. Porque depois [AB|há um] há um cano que leva aquilo direito a um lado onde há [AB|umas, uns, uns] uns três ou quatro depósitos, passa duns {CT|pɔz=para os} outros: este passa para este, este passa para aquele e aquele passa para aquele.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Tudo. Entra por baixo e sai por cima [AB|para en-] para passar. Que chama-{PH|l=lhe} a gente os ladrões. E {fp} não é poucos, que eles às vezes roubam bastante. [AB|{IP|tẽw=Estão}] {IP|tẽw=Estão} a medir o azeite [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pɔf=para os} proprietários e {IP|tẽw=estão} assim {CT|ku=com o} pé por baixo a abrir a torneira um bocadinho, para correr azeite para lá, para [AB|depo-] depois tirarem {CT|pɔf=para os} patrões. Também se faz! Também se faz! Nesse tempo também se fazia [AB|muita] muitas coisas assim. E o dono {IP|tavẽ=estava} {PH|o=ao} pé e {PH|nẽ=não} via. E o pé por baixo é que {IP|tav=estava} a trabalhar. [Risos] Depois no fim [AB|de] de estar aquilo sangrado, {pp} é caldado. Com a tal água (fria). E é aí é que se tira o azeite antes de ser caldado.

INQ Rhum.

INF1 Para curar certas [AB|le me-] mezinhas e certas coisas. É antes de ser caldado!

Código de identificação do ficheiro: MTV17-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602b min: 03:47-04:49	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 17	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 Quando vão tirar esses ladrões?

INF Esladroar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Também {IP|ta=está}?

INQ1 Está.

INQ2 Está.

INF Onde é que {IP|ti'verẽw=estiveram}? Onde é que {IP|ti'verẽw=estiveram}? {pp} Onde é que {IP|ti'verẽw=estiveram}? Na área onde é que {IP|ti'verẽw=estiveram} [AB|para t-] para {IP|tar=estar} isso assim aí?

INQ1 Depois... Não, está aqui no nosso livro, nas coisas que é para a gente perguntar. Às vezes...

INF Não, mas já {IP|ti'verẽw=estiveram} noutra banda qualquer. Tenha paciência. [AB| Até] Até pode ser até sítios que eu tenha andado. [AB|Olhe que eu]

INQ1 Não. Estivemos... Estivemos noutros sítios mas dizem sempre coisas doutra maneira.

INF [AB|Olhe que eu já an-] Olhe que eu já andei {fp} a trabalhar [AB|no, no, no] acolá em Almeirim [AB|na] a raspar. {fp} Raspar, bom mas [AB|chamam] chamam eles cavar de casquinha. [AB|No] No meio de duas mulheres e vi-me lá atrapalhado. [Ris] Vi-me lá atrapalhado! Usavam antigamente umas enxadas com os cabos tortos [AB|le ela]. Elas tinham uma prática! Nem queira saber. Ia assim, espetava a enxada, tumba, tumba, tumba! Três lanços. No fim de {IP|tar=estar} [AB|a terra la-] a terra cavada parecia que andou lá uma coisa a lavar, {fp} a tombar a {PH|'levi=leiva} para aquele lado. Tudo! Eu vi-me lá atrapalhado no meio de duas mulheres! Jurei de nunca mais lá me meter no meio delas.

INQ1 Nunca pensou de ficar atrapalhado assim?

INF [AB|Pois] Pois não.

Código de identificação do ficheiro: MTV18-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Guliver Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602b min: 10:02-16:17	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 18	Data da primeira transcrição: Ago.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 Como é que era tudo até sair o vinho?

INF1 Pois o vinho, quando era aí {PHlɔ=ao} fim de [ABlvinte], quase sempre, quase vinte e quatro horas, dia e noite. A {fp}uva aquece e começa a fermentar, tudo. Depois os homens... Antigamente!

INQ1 Sim.

INF1 Antigamente, que (as coisas) agora... Têm esmagadores, têm tudo, mas antigamente [ABlora] era tudo (a olho). Depois ia para lá os homens para dentro, com uns calções vestidos e depois acalcar com os pés, pisar tudo. Às vezes {PHl'i'te=até} tínhamos que ir {PHlɔ=ao}...

INQ1 E dentro de quê? Dentro de quê?

INF1 Dentro do lagar.

INQ1 Ah!

INF1 [ABlDentro] Para dentro do lagar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 O lagar, quer dizer, o quadrado, o tanque.

INQ1 O lagar é aquele?...

INF1 Pois, aquele quadrado.

INQ1 Aquele quadrado.

INF1 Vão lá à quinta, [ABlque vão] que há-de lá {IPltar=estar} um que eu mandei fazer por um tipo acolá da (.../NPR).

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 (Lá {IPlta=está}, {IPlta=está}).

INF2 (Lá na quinta há, os lagares).

INF1 Vão para dentro do lagar, os homens e depois saltam lá para dentro. Patamar! Chamam-
{PHll=lhe} um patamar àquilo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Chama-se o patamar. Saltam lá para dentro e depois acalcam. Começa-se a acalcar. Acalcar, pisa-se tudo com uns maços de madeira, com um pau na ponta e uns maços. E acalcando à frente, porque aquilo [ABla primeira] a primeira volta, é claro, claro, {IP|ta=está} a uva ali com aquele engajo e tudo, a gente...

INF2 (Têm assim um maço. É assim, a gente vai, traz na mão)... A gente vai acalcando com os pés (...).

INQ1 *Portanto, vão acalcando com os pés?*

INF1 (Deixa) falar por causa disso.

INF2 Pois não.

INQ1 *Fala um e fala o outro.*

INF1 Pois. Por causa que isto – {PH|nũ=não} sabe? – {IP|ta=está} a gravar.

INF2 Ah pois.

INQ1 *Mas podem falar os dois.*

INQ2 *Podem falar os dois, desde que fale um de cada vez, podem falar os dois.*

INF1 Pois, pois, (...) pois. Pois. De maneira que a gente tem um maço, a gente depois vai acalcando à frente; e outras vezes, {PH|ĩ'te=até} tínhamos que voltar assim {PH|o=ao} para trás, com o calcanhar, para (ele) /ir\ calcar. Porque, é claro, a uva, {IP|ta=está} tudo aquilo inteiro, aquilo {IP|ta=está} duro, tudo.

INQ1 *Sim.*

INF1 Quando for depois à outra (depois) {PH|ti'remu}=tiram} fora. Não é? Para fora. Descansa-se. Passa-se {CT|prẽ=para o} outro lagar. Aquele {IP|ta=está} a fermentar. Depois vai fermentando, [AB|vai] vai aquecendo, vai indo, vai tudo à frente, e depois quando a gente vai, outra pisa, outra vez. {IP|'temuz=Estamos} ali um dia, ou coisa, tirar, a meter para dentro, deixa-se ganhar fermentação, a pisar. E depois, é claro, fica aquela noite. No outro dia, já ele {IP|ta=está} aquilo a levantar, tudo no ar. Já {IP|ta=está} o mosto a aparecer por baixo, o mosto, e já {IP|ta=está} o engajo todo a levantar [AB|por] para cima. A gente depois vai lá para dentro outra vez, toca de acalcar. {PH|kumi'semu}=Começamos} cá de fora, assim num patamar, com os maços a acalcar e depois {PH|sa't'emu}=saltamos} lá para dentro. Toca de outra vez de acalcar. {PH|'demuz=Damos} ali duas ou três corridas. E ele a subir para cima! Às vezes [AB|{PH|ĩ'te=até} se conhece] até se conhece, com licença, aqui as nalgas [AB|do, do] do rabo, naquela espuma dentro com o vinho branco, [AB|lé{fp}] é nojento. O vinho branco é nojento. {fp} Ganha uma espuma branca, branca, não sei o que aquilo me parece. Muito grande! De maneira que a gente (a acalcar) aquilo tudo. Bom, calca-se e depois vai-se provando e vai-se pesando. Quando {IP|ta=está} a zero, quer dizer, eu para mim, por acaso, [RP|por acaso] não era preciso pesá-lo. Sabia quando ele {IP|'tavẽ=estava} a zero. Quando eu o metesse na boca, o mosto, que eu fosse ali e tirasse um pouco de mosto, e metesse na boca e que me 'repunisse', já sabia que ele {IP|'tavẽ=estava} em ordem de sair. Agora, se eu o consentisse na boca, que {IP|ti'vesi=estivesse} ainda maduro, doce, {PH|nẽ=não} pode! [AB|Porque o vinho] Porque há uma

diferença no vinho branco {CT|pɔ=para o} vinho tinto: {pp} o vinho branco pode-se fazer de bica aberta, quer dizer a gente, de bica aberta, estar a espremer e tudo, e {IP|tar=estar} a sair e ir para dentro [AB|do, do] da vasilha. Lá ferve e fica bom. Fica natural. Desdobra e fica bom.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Fica natural. E o tinto não pode fazer assim. O tinto, se for com um bocadinho de maduro, um bocadinho de acidez, que leve um bocadinho, mas que seja pouco – mas que seja pouco, mas que leve pouco – (de acidez), quando for no fim de cozido, lá {IP|ta=está}. {PH|nẽ=Não} sei se já alguma vez beberam. Eu, por acaso, quando (havia, bebi) algumas vezes. A gente bebe um copo de vinho, ou bebe uma pinga de vinho, e {PH|ɔ=ao} resto acha-o maduro, acha assim: "Eh pá, o gajo é guloso". É maduro. Esse vinho é tirado [AB|com, com] com acidez, [AB|com, com] com maduro ainda.

INQ1 Ah!

INF1 Não é tirado de natural. O branco pode sair de qualquer maneira e o tinto não pode. Olhe que são filhos da parreira à mesma e (têm) /tem\ diferença.

INQ1 Pois.

INF1 O tinto (tem que chegar {CT|pɔ=para o} coisa). Porque eu {PH|ɛsusi'demi=sucedeu-me} um caso: um pouco [AB|do] de vinho lá [AB|na] na quinta, ali. Havia cânhamo no campo e o guarda andava de posse de mim por causa de ir {fp} vindimar o resto das uvas. Diz: "Eh pá! A ver (se entendias) mais uvas, que [AB|los] os gajos do cânhamo dão cabo [AB|das] das uvas todas". Lá {fp}, de noite, iam lá às uvas todas. E ele {PH|nẽ=não} podia lá [AB|{IP|tar=estar}] {IP|tar=estar} sempre. E eu tirei o vinho... Até, lembro-me bem, numa quarta-feira. Eu havia de passar no outro dia, havia de tirar na quinta-feira. Tirei numa quarta-feira. Tirei-o. E o vinho ia com um bocadinho de maduro. Quando foi [AB|no] no fim de cozido, {IP|tavẽ=estava} doce à mesma. (O) meu patrão chegou {PH|ɔ=ao} pé de mim e disse-me... Disse: "Ó Guilherme, {PH|nẽ=não} sabe?! O vinho tem que ser queimado. {fp} A fiscalização não mo deixa vender". "Porquê?" "O vinho tem o maduro. Quando se acaba de beber, tem o maduro". Eh pá, eu custou-me tanto aquilo – desculpem desta minha conversa –, eu custou-me tanto aquilo que eu depois andava (parece-me)... Um rapaz que estava lá a vender o vinho – já morreu até –, {IP|tavẽ=estava} lá a vender o vinho, diz assim: "Eh pá, 'há-des' ver, quando vierem aí {PH|ɔ=ao} vinho, dá-{PH|li=lhe} o vinho, aquele vinho a provar a ver se querem comprar". E ele deu o vinho [AB|la p-] a provar até ali a uns tipos, ali de Rio de Moinhos, a uns tipos de nota, e tal, que compravam muita porção para engarrafar. E deu a provar: "Eh pá, mas se isto é vinho! [AB|lé esp-, é esp-] É especialidade, pá! Este vinho, quando for {PH|ɔ=ao} fim de dois anos, [AB|já é] é vinho do Porto. É exactamente vinho do Porto". Eu por acaso até comprei também dois litros dele. E era {pp} engarrafado, quando foi {PH|ɔ=ao} fim de dois anos, era vinho do Porto. Primeiro perdeu a cor, {pp} aquele barro assentou todo, ficou espelhado, limpinho, limpinho, dourado que não sei o que aquilo me parecia. Perdeu a cor {PH|ɔ=ao} caminho. E então {PH|kɐ'keli=com aquele} madurozinho, aquilo [AB|lera] era de a gente beber e chorar por mais. Tudo. E depois eu pedi {PH|ɔ=ao} patrão. Ele assim: "Eh, ah, pá, mas eles (ainda) são capazes de depois lá ir", disse ele. Tanto {PH|li=lhe} pedi, tanto

{PH|li=lhe} pedi, ele tinha uma máxima confiança comigo, disse: "Olhe, então diga lá então {CT|pɔ=para o} vender, que eu tenho lá um pouco daquele lado" – que é do Lombão, que também pertencem à mesma casa – "que {IP|ta=está} baixo, tem pouca graduação, e de maneira que eu dou-o [AB|para] {CT|pa=para a} Federação, para eles queimarem, para eles lá queimarem no lugar daquele". Olhe, {PH|nẽ=não} chegou a durar uma semana. Eles levaram tudo, mesmo a tropa, ali [AB|aquele, aqueles] aqueles sargentados, aqueles oficiais, vieram ali buscar barris deles e tudo, para engarrafarem. Mais tarde disseram-me que aquilo que era tal e qual vinho do Porto. Comiam-no por vinho do Porto. Bom, vê? É claro, a diferença. E são parreiras! São duas parreiras! É a diferença do vinho.

Código de identificação do ficheiro: MTV19-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602b min: 16:38-17:29	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 19	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF E tenho lidado, olhe, tenho lidado com gente da vossa classe.

INQ Rhum-rhum.

INF Com muitos ali! Vi-me ali perdido!

INQ Com muitos.

INF Com muitos! Tanto faz (ser em tudo).

INQ Rhum-rhum.

INF A fazer meloais, a deitar adubos, qualidades, [AB|para me] para me queimarem, para me estragarem tudo, parte das vezes. Uma vez preparam-me com uma data de ureia – adubo –, ureia [AB|dum] num meloal, ardeu a semente toda, ardeu tudo! Estragou-se tudo! E disse tanta vez, disse {PH|b=ao} senhor engenheiro: "Senhor engenheiro, isto não dá [AB|não]. Estraga tudo! [AB|Isto não pode] A ureia não se pode deitar agora já na primitiva! Tem que se deitar no fim [AB|de a] de a planta nascida!

INQ Rhum.

INF De ser coisa. E em volta! A seguir à rega. Depois de seguir à rega, [AB|de-] deitar [AB|para, para] para receber aqueles sais, para puxar e tudo". "Não faz mal, eu fiz em tal banda assim e não fez nada". Não fez mal? Ardeu a semente toda. [AB|A {fp}]

INQ Pois.

INF A ureia, que é o adubo mais forte que há, que queima tudo {PH|b=ao} caminho.

Código de identificação do ficheiro: MTV20-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060102 faixa: 1S0602b min: 28:12-31:30	Inquiridor2:
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 20	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Você, se for a uma adega e se vir [ABlo tone-] o coiso, você ponha-se a olhar e vê: o postigo {pp} é cavado mais por dentro.

INQ Rhum-rhum.

INF Quer dizer, {pp} quando foi cortado {PHInẽ=não} foi assim a direito. Foi assim, todo assim em volta, mas foi mais cavado por dentro, por dentro, que é para apertar ali.

INQ Por dentro.

INF Que aquilo serve [ABl{CTlprɔ=para o}] {CTlprɔ=para o} adegueiro ou um rapaz ir lavá-los por dentro. Que é preciso lavá-los, tem que lá ir dentro. Entra. {PHlẽ'tremuz=Entramos} assim, com um braço atrás e outro adiante, de banda – entra ali de banda, entra lá para dentro.

INQ Vai lá para dentro.

INF Um buraco pequeno! Entra lá para dentro. Depois lá vai lavá-lo, arranjá-lo. Porque, às vezes, há tonéis que{fp} recebem podre, recebem mau gosto, mau cheiro e depois para agarrar o vinho. E, às vezes, recebem aquele podre, naquelas aduelas, recebe aquele podre, e tudo. Eu tinha por mim – havia químicas para lavar –, mas eu tinha por mim {fp}umas coisas melhores que há, antigas, velhas, que eu tirava melhor e lavava-os melhor. Era potassa com água [ABlcom, com] com cal branca, água da cal branca.

INQ Rhum.

INF Ia lá para dentro, (lavava-se) /lavava-os\ tudo bem lavado. Depois, no fim de estar lavado e tudo, ia lá para dentro com um caldeiro com isso, pincelava-o todo em volta. Come tudo. {pp} Tudo! Se deitar um bocado de cal branca [ABlc-] juntamente [ABlcom] com potassa para dentro do barril e que vá enxugá-lo, [ABlaquele] aquele coiso que lá está, [ABlaquele] aquele preto do vinho, aquilo que {IPlta=está} aquilo agarrado, come tudo, sai tudo {CTlpa=para a} rua! Sai. Parece o vinho que sai.

INQ Não sabia.

INF Sai tudo. Sai tudo para fora. (E então isso) tem que se lavar. [AB|Se não mesmo] Se não é lavado, e se tem mau gosto, e se tem mau cheiro, essa coisa toda... Eu tinha até perfeição nessa coisa, [AB|que eu] que os engenheiros até diziam que tinham confiança em mim e podiam ter. [AB|('Tivendo' coisa)] (Tendo) /{IP|'têdu=Estando}\ ruim, eu não metia lá o vinho, que depois o vinho saía com aquele gosto. O vinho sai! O vinho é muito guloso! Recebe [AB|qualquer] qualquer sujidade, qualquer coisa que tenha! Olhe que o vinho é muito guloso! Recebe! E eu [AB|n-, n-] nunca quis. [AB|Tira-] Eu tirava- {PH|li=lhe} aquilo tudo. E nunca o ia meter lá dentro, sempre ia perguntar para verem, para verificarem se {IP|'tavø=estava} ou não. E eu lavava e tudo. Porque senão depois, [AB|se não {PH|li=lhe} tirarem] se não {PH|li=lhe} tirarem o mau gosto, ou o mau cheiro, [AB|lou] ou o azedo {pp} – que, às vezes, muitas vasilhas azedam; não são lavadas capazmente, não (secando) /se candeia\ (...), não as lavam... O mesmo que há em nossas casas: às vezes, uma vasilha pequena tem vinho ou coiso, se não for lavada, azeda.

INQ Pois.

INF Nem que seja vidro! Azeda! Tira logo caminho. O que, se tira, é fácil. Azeda. De maneira [AB|que] que vai para dar mecha e ele não toma. Se for meter em cima numa mecha a arder para baixo, assim que entrou à coisa para dentro, apagou-a logo. O azedo ou o (ponto) apaga logo (de caminho). Não o toma. Não arde. Não arde. E a mecha faz falta. {pp} A mecha faz falta {CT|pa=para a} madeira porque [AB|faz] tem dois sentidos: é que queima todas as impurezas que tem, quer dizer, aquele cheiro, que a gente depois fecha, bate-o bem batido, e 'reperta' a madeira, e não entra o bicho na madeira. Com aquele cheiro da mecha e tudo, não entra o bicho na madeira. 'Reperta' [AB|e] e aperta, começa logo [AB|a] a estalar, a madeira a trr, trr, a 'repertar', a 'repertar'. {IP|'ta=Está} aquele vapor, aquilo ardeu lá dentro – que a mecha não apaga –, ardeu lá dentro, e é claro, tem que 'repertar'.

INQ Rhum-rhum.

INF Tudo dá esse lugar.

INQ ...

INF É isso [AB|que o] que acá o velhote também fazia e tinha (experiência) nisso.

Código de identificação do ficheiro: MTV21-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 03:12-06:40	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: jul.06

INF {fp}Eu vou contar [AB|é o] é o que me sucedeu,

INQ1 Diga.

INF que pode, visto [AB|ser] terem a profissão que têm, ou querem ter... Mas isto é mau. Olhe que isso é ruim, andar a lidar com esta gente!

INQ1 Então!

INF Esta gente! Isto são terríveis.

INQ1 É mau?

INF É {fp}. Podem calhar bem e podem calhar mal. [AB|Isto é uma gente] Bom, é gostos. É tudo gosto. Eu também gostei sempre muito de agricultura. Eu gostei muito. Gostei muito [AB|e, e estimei].

INQ1 A gente por acaso não tem calhado mal.

INF E estimei sempre muitas plantas. E gostei sempre de guardar. Enfim, foi sempre... Tratar delas e essa coisa toda. Eu gostei sempre muito! [AB|Quando eu fazi-] (Costumava) [AB|a fa-] a fazer o vinho, que eu {IP|'tivi=estive} lá naquele lado, numa adega, (ainda) fui lá {PH|'te=até} ensinar uns rapazes. E {IP|'tivi=estive} ali, fui lá à quinta donde as meninas {IP|'tew=estão}, fui lá fazer. Fui lá por cinco anos, (fui) mandado pelo meu patrão que era muito amigo [AB|do] lá do senhor doutor de lá [AB|de] também. E era muito amigo dele e mandou-me lá.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Que eu andei [AB|lá] lá a trabalhar na quinta, lá na quinta e ele mandou-me lá. De maneira que (eles) /ele\ chegavam, os engenheiros – (realmente) /que é o mesmo\ pode suceder, vocês depois vão alto, {PH|nẽ=não} pode ser assim, que fulano disse isto [AB|e] e é capaz. Chegavam ali os engenheiros à quinta, quando era próximo à vindima – (chegado) /chegava\ ali próximo à vindima –, que a uva já {IP|'tave=estava} mais ou menos {pp} boa, (de qualquer coisa, diz assim): "É melhor ir buscar umas cestas de uvas e [AB|para] para se ir ver, pesar o vinho, e para ver a graduação dele, ver se está ou não em condições de se ir apanhar [AB|para] para fabricar o vinho", enfim, [AB|para ficar] para aproveitar

a graduação, e tudo. Ora, {IP|ta=está} claro, eles chegavam ali, ia lá um homem. Ia um homem mais duas mulheres. Ali (decidia isso), ia um homem mais duas mulheres. Iam apanhar duas cestas de uvas: {pp} uma tinta e uma branca. – As meninas tomem sentido! – Uma tinta e uma branca! Ora, {IP|ta=está} claro, essas duas criaturas ou três que lá iam apanhar aquilo, não iam apanhar a uva que {IP|tavẽ=estava} sombria. Claro que [AB|{PH|nẽ=não} tem] {PH|nẽ=não} tem o açúcar devido. Não iam apanhar a uva que {IP|tavẽ=estava} verde. Não iam apanhar a uva, por exemplo assim para baixo, para uma terra 'mentureira' de nateiro, que sempre tem {fp} a terra do nateiro assim mais puxada, tem muita diferença [AB|para] {CT|pɔɔ}=para os} cabeços. Os cabeços dá vinho que [AB|é] é de matar. Sim, esses cabeços cá por cima. E a terra do campo é mais 'mentureira' porque também tem que saber donde é que vem a uva, para saber. Porque [AB|a{fp}] a uva, por exemplo, (sempre) uva regada, qualquer coisa, [AB|é, tem] tem mais viços, [AB|tem mais, é m-] é mais viceira. Mesmo até o vinho fica com [AB|aquele {fp}] aquele (agro), com aquele coiso, viceira, é tudo. Ora claro, {pp} vamos lá {CT|pra=para a} outra. Ela vai, ou se calhar as duas, elas vão lá apanhar as uvas, não vão apanhar as uvas verdes, nem as uvas que {IP|tẽw=estão} muito viceiras, nem nada. Apanham mas é uvas muito passadinhas, tanto faz ser as brancas como ser as tintas que apanham. Vêm para cá, pesou-se (...) dentro duma selha, (abraçou-se) aquilo tudo, {fp} vai {CT|pɔɔ}=para o} pé do mosto. O engenheiro vai pesar o mosto. "Eh pá, {IP|ta=está} bom, pá! Tem aqui uma graduação e dá. {IP|ta=Está} fixe! {IP|ta=Está} assim, {IP|ta=está} assado"! Eh pá, mas não põem na ideia que a verde que ficou lá e a outra, [AB|que] que é viceira que ficou lá.

INQ1 Pois.

INF Que depois que é que {PH|ɛsu'sedi=sucede} no lagar? {PH|nẽ=Não} dá a graduação. [AB|Se] Por exemplo, se tem vinte ou trinta, fica em dez ou quinze. É claro, fica cá em baixo.

INQ2 Fica em baixo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Não dá. É isso que as meninas têm que depois ver.

INQ1 ...

INF [AB|Onde é] Donde é que veio a uva? Onde é que ela foi e como é que ela foi apanhada? E vamos lá ver mas é que como é que é que lá {IP|ta=está} a outra: se a outra {IP|ta=está} madura como a esta {pp} quando para aqui veio. É (o) que vocês devem ver. O que é que (depois fazia), é claro, e depois é: "São (uns) parvos! Não pode ser! Não pode ser! Então como é que eles podem governar e essa coisa toda"!?

Código de identificação do ficheiro: MTV22-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 06:40-09:20	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 22	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Outra vez: {pp} chegou uma vez o senhor engenheiro {PHlɔ=ao} pé de mim... {fp} Naquele ano foi um ano seco. Uva passada, passada, passada, mesmo passada, naquele ano. Um ano seco. {pp} Como {IPltẽw=estão} ali, podem cá vir outro dia que eu venho atendê-las aqui à mesma. (Contar aquilo). Foi um ano seco. Um ano seco e, é claro, a uva vinha muito passada, e vinha muito doce. Vinha muito (suco), muito (doce). [ABLE] E dava muita graduação. Pois dava! Dava muito alta até! É que (ele) se fosse a tirar o vinho, {CTlkẽ'kele=com aquela} graduação, dava aí catorze ou quinze. É claro, era quase álcool que o homem {IPltavẽ=estava} a beber. Embebedava-se só com um copo. E tudo. Mandou-me deitar – os lagares levavam sete dornas cada um –, mandou-me deitar seis ou sete almudes de água por dorna.

INQ Ai!

INF É claro, era muito! É tudo! Eu vou {CTlpɔ=para o} (escrivente) que lá {IPltavẽ=estava}, disse assim: "Eh pá! Então ele mandou-me deitar aqui tanta água, neste coiso. Eu vou estragar isto tudo então! Isto depois nem água-pé sai, pá! Isto nem água-pé sai! {PHlnẽ=Não} dá nada. Nem água-pé sai!" "Ó {PHlti=tio} Guilherme, então como é que a gente há-de fazer"? Coitado, ele até {IPlta=está} {pp} inutilizado, {IPlta=está} ceguinho de todo por causa dos diabetes. {fp} "Isto {PHlnẽ=não} dá nada". Digo eu para ele: "Olha cá, se não tiveres aí serviço... – Que eu tinha lá dois homens! – Se me tiveres aí [ABldois serviços] serviço para me dares a dois homens, {PHlɔz=aos} homens de tarde, eu vou lá deitar eu a água sozinho", e tudo. "Vai"? "Pois vou". "Eu {PHlnẽ=não} deito essa água, pá. Então, eu arranjo serviço". Ele à tarde chegou lá: "Ó {PHlti=tio} Guilherme". – {IPltavẽ=Estava} tudo combinado. – "Você, se me [ABlde-] pudesse dispensar os homens, para ir ali arranjar um pouco de milho à eira", e tal. Disse eu: "Então não posso?! Podem para lá ir à vontade". E foram, levou os homens para lá. Eu fui para dentro do lagar com o almude, liguei uma borracha que lá tinha à torneira

{CT|kə=com a} água, e deitei-me lá dentro. Levei para lá os dois almudes. E deitei dois almudes e meio de água em cada lagar. Ora veja lá a quantidade que eu tinha que deitar de água! Só dois almudes e meio de água em cada lagar. Deitei aquilo e depois (enfim), depois borrifei aquilo com a agulheta por cima, com água. Então e que fosse três almudes [AB|que eu] que eu deitasse lá. Quando foi [AB|{PH|o=ao}] a (pesar) o vinho, ele ia pesar o vinho {PH|o=ao} Entroncamento, foi pesar o vinho, um dia chega {PH|o=ao} pé de mim, diz-me: "Ó Guilherme, afinal o senhor engenheiro atinou com aquilo". "Então"? "É porque [AB|o] o vinho (que saiu) {IP|ta=está} bom. Mas {PH|'idə=ainda} podia levar mais água". "[AB|P-] Podia"? "Pois podia". "Então quanto é que o vinho tinha"? Ele ia lá pesar o vinho {PH|o=ao} Entroncamento. "O vinho tinha aí treze, treze e meio, treze e sete, é o que tinha. É o que dava aí". "Então {PH|'idə=ainda} podia levar mais água"?! Eu cá para comigo: olha aqui, (tão) /{IP|tēw=estão}\ parvos! Se eu vou deitar a água toda, arranjava-a bonita! Então ele assim já abaixou um bocado, se vou a deitar a água toda, ficava água suja {pp} dentro do lagar. Era uma vergonha! {pp} Uma vergonha!

Código de identificação do ficheiro: MTV23-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 09:20-11:35	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 23	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Outra vez vou fazer ali o vinho à Quinta de Santa Bárbara, o homem... Já foi no (tarde). Foi no primeiro ano. {pp} E a uva é lá de cima do pé do depósito. As meninas {PHI'ídɐ=ainda} lá {PHInũ=não} foram...

INQ1 Ainda não.

INQ2 Não, não fomos.

INF Mas se forem até lá acima {PHlɔ=ao} pé do depósito, há lá um coiso. Aquilo é terra de barro. {pp} Olhe que a uva {IPl'tavɐ=estava} toda passada. Era [ABlquase u-] quase só uva branca. Toda passadinha! Veja, imagine: eu ia com uma cana, {pp} raspava assim o mosto no fundo do lagar e deitava para dentro do copo, fazia refresco. Que eu bebia. Veja lá, doce como aquilo {IPl'tavɐ=estava}! Que tinha um doce enorme! {IPl'tavɐ=Estava} muito (doce). Eu via-me perdido, que aquilo, aquilo nunca mais andava. Andava lá um homem mais eu e eu disse assim: "Eh pá, vai ali à bruxa, leva lá [ABlum pouco de, de] umas poucas de uvas, a ver se {PHI'derɛwnu=deram o} quebranto às uvas aqui à gente que isto nunca mais ferve"! Nunca mais ferve porque ela estava cheia de doce e [ABlnão, e ali] ali {PHInẽ=não} dava nada. "E nunca mais ferve". É claro, ele {PHI'ídɐ=ainda} lá foi: "Ah, {PHI'derɛwnu=deram o} quebranto, tal". Mas eu venho [ABlpara m-, para] para casa, chego a casa, eu nem podia dormir. Havia aí um tipo velhote, que trabalhava aí no lagar e chego {PHlɔ=ao} pé dele e digo: "Ó {PHlti=tio} Hélder, {PHlɛsusi'dewm=sucedeu-me} isto assim, assim". – Era já velhote, era já velhote, já pela minha idade, já [ABlt-] tinha trabalhado muito no lagar. ({IPl'tevi=Esteve} a ver). "{PHlɛsusi'dewm=Sucedeu-me} isto assim, assim nas uvas". "Então e as uvas, [ABlnunca] aquilo nunca mais ferve"? "Não". "Pois não". "Então quando é que as apanharam"? "Apanhámos em tal tempo". "Então onde era as uvas"? – O homem a perguntar-me tudo. – "Era de lá de cima do pé do depósito". "{fp} As uvas estavam passadas já". Ah! Ele {PHl'te=até} tinha assim a modo uma graça.

Comecei: "Ah, ah, ah", e a modo a rir-se. (E ele) assim: "Então [AB]que porção] que porção de uvas é que são"? "Olhe, é tanto como este (...)". "Olha, amanhã vai para lá e prega-*{PHli=lhe}* com três almudes de água dentro do lagar. *{pp}* E depois logo vê se ele trabalha ou não trabalha. E depois logo vê se tiras mais alguma coisa", e tudo. Mas preguei-*{PHli=lhe}* com os três almudes de água, quando foi à tarde, fervia que *{PHí'te=até}* já deitava cachão, *{PHí'te=até}* fazia barulho, e tudo. Até *{IP'taṽ=estava}* tudo cheio de caracóis por cima, e de espuma do engaço. E eu (à unha) a pisar aquilo, a voltar aquilo tudo, a pisar ali tudo. Tirei de lá uma pomada que até as garrafas *{PHl̃ribĩ'taṽ=rebentavam}*. Quando foi no outro ano foi engarrafado, até as garrafas *{PHl̃ribĩ'taṽ=rebentavam}*. Tudo. Bom...

INQI ...

INF Vê, e eu *{PHlñ=não}* sabia! Mas aprendi com o velhote. Portanto, é bom as meninas também perguntarem e saberem estas coisas, para se saber, amanhã ou outro dia, saberem, porque *{IP'tẽw=estão}* muito novinhas ainda.

INQI Ah pois.

INF São muito novinhas.

Código de identificação do ficheiro: MTV24-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 15:51-17:59	Inquiridor2:
Assunto: O sobreiro e a cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 24	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Por exemplo, o sobreiro tem quatro, cinco pernasadas.

INQ Sim, sim.

INF Mas as pernasadas ficam só a meio – sim, a da cortiça preta. Mas (a gente tirou) /entrou\ mas [ABlo co-] o sobreiro tem força e acrescenta-se para diante. [ABlComo]{fp} Eu, às vezes, avisava até o meu patrão – porque eu algumas vezes o fiz, lá para fora – para (ele) não vender a cortiça [ABlno] no corpo da árvore {pp} a ninguém. Mandasse-a tirar por conta dele. Porque aí há malandrice. Porque {fp} a menina vai comprar aí a cortiça aí [ABlno c-] no corpo dum árvore e, é claro, vai por dentro do sobreiral – sozinha [ABlou mais um] ou mais um empregado, ou mais alguém que tenha – e vai palpitar. E a gente palpita aí dentro dum sobreiral, palpita {fp} o mais ou menos [ABla, a, a, a] a quantidade de arrobas que dá. Palpita, porque a gente: uma pesada são duzentas arrobas. E a gente já sabe. Quando for na balança, já {RCl sabe-=sabe}. Eu, eu por mim sei {pp} um pouco mais ou menos o volume que faz uma pesada [ABlna bal-] numa balança, dum lado e doutro, {pp} as duzentas arrobas. Que é, quando se está a pesar na pilha, é duzentas arrobas de cada vez. [ABIE a gen-] E eu sei um pouco mais ou menos: eu vou aí por um sobreiro abaixo e vou deitar o palpito para este sobreiro, para aquele, para aquele, para aquele: uma pesagem. Depois digo [ABl{CTlpo=para o}] para quem vai a tomar conta: "Uma pesagem". Depois vou outra vez (...) e tal, tal, tal, por esta encosta fora: "Outra pesagem. Outra pesagem". E erro pouco. {pp} {PHlnũ=Não} erro lá [ABlmuitas] muitas arrobas por ali fora, que já há tempo fiz aqui {PHl=ao} meu patrão. E erro pouco (de peso assim) /coisas assim\. Mas se vender {fp} a cortiça na árvore, e tudo, a senhora compra, a menina vai, compra [ABl{PHl=ao}, {PHl=ao}] {PHl=ao} empregado ou coisa, e vai contar e faz isto (...) como a mim, podia-me dizer: "Vá lá palpitar", e eu vou palpitar. E eu dou-{PHlli=lhe} tantas arrobas: dez mil ou vinte mil arrobas de cortiça, ou isto, ou assim, ou atado. Mas depois o comprador vai comprar aquilo e dá qualquer coisita {PHl=aos} que {PHlli=lhe} andam lá a tirar a cortiça [ABle vai]. [ABlQuer] Quer ele possa [ABlcom

a] {CT|kə=com a} carga, quer {PH|nẽ=não} possa, o sobreiro, tira um canudo para diante, acolá tira outro, acolá tira mais dois. Quando chega {PH|o=ao} resto, vai pesar umas poucas de mil arrobas de cortiça de bóia – quer dizer, de virgem – que dá para pagar [AB|{PH|o=ao}, {PH|o=ao}] {PH|o}=aos} que andam a tirar. E ficou com a outra toda de graça. {IP|ta=Está} a perceber, menina?

INQ Rhum.

Código de identificação do ficheiro: MTV25-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 18:04-20:36	Inquiridor2:
Assunto: O sobreiro e a cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 25	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Outra: vamos arrear aí sobreiros. Pertence seis homens dar madeira [AB|para] para, por exemplo, vinte cinco ou trinta homens casquear. Quer dizer, [AB|é tirar] tiram a bóia [AB|daqueles] dos paus que cortam, [AB|d-] dos sobreiros.

INQ Rhum-rhum.

INF Aproveitam a bóia para (uma banda) e tiram a casca. Com umas enxozinhas (...) depois tira-se a casca, fica a secar e tudo, para depois vender [AB|para] {CT|paç=para as} fábricas, e a bóia, para vender {CT|pa=para a} fábrica e tudo. E isso tudo. E a gente, andam seis homens a arrear – {pp} chama-{PH|li=lhe} a gente arrear – adiante, a cortar madeira. A gente temos que dar madeira para aqueles homens. A gente temos que limpar os chaparros pequenos (que vão à nossa) (...) que não têm madeira. Mas é de justo, temos que limpar. Ora, o que é que a gente faz? Tudo na malandrice!!! O que é que a gente faz? Um empregado, anda lá [AB|lo n-] o nosso capataz, anda atrás, mas os homens andam [AB|lã f-] à frente, à vontade, porque sabem que têm que dar madeira para aquela gente. Mas [AB|lo, o] o dono da propriedade põe lá um homem {pp} a tomar sentido no sobreiro para não o deixar cortar mais {PH|kɔ=que o} ajusto que fizeram do corte dos sobreiros.

INQ Rhum-rhum.

INF Um pouco mais ou menos, aquela conta. Mas a gente [AB|{PH|lẽ¹demuz=andamos}] {PH|li¹vemuz=levamos} ali uma encosta {pp} de sobreiros por ali fora, os homens cada um com o seu sobreiro, [AB|não] não é dois. {fp} Acolá em baixo, o meu camarada tem acolá uma chaparra boa. Chama-{PH|li=lhe} a gente uma chaparra, uma sobreira, e tudo. Tem ali umas rebaixadas boas, tem ali madeira boa e tudo. Mas é claro, o homem que lá anda não deixa cortar lá por onde a gente quer para tirar muita madeira. O que é que aquele que {IP|ta=está} acolá em cima faz? "Ó senhor fulano"... {IP|ta=Está} lá um chaparro, a gente vê que {PH|nẽ=não} tem governo, {PH|nẽ=não} tem que fazer (negócio) /nenhuma\... "Ó senhor fulano". "Diga". "Venha cá aqui ver". "Eh pá! {IP|ta=Está} aqui este

sobreiro, este ramo assim, {IP|ta=está} acolá aquele ramo, eu para tirar aquilo (e tal)... Ahh! Não sei o que é que {PH|l=lhe} hei-de fazer. {IP|ta=Está} ruim de tirar"! O outro lá em baixo, tumba, tumba, tumba, tumba, abre as pernas, {CT|kê=com a} machada: tumba, tumba, tumba, um talho por baixo nas pernadas, naquela rebaixada. Vai àquela : tumba, tumba, tumba!, ela cai (para baixo); vai {PH|o=ao} meio, (deu-{PH|li=lhe} um golpe): truz!, de encontro àquilo, cai para baixo. O homem vê cair tanta madeira para o chão, vem por ali abaixo: "Eh (calma)! Mas que está você a fazer, homem? Eia pá, você... Ai, o patrão vem para cima de mim, então você {pp} entra para aí [AB|la] a limpeza (do chaparro)"... "Mas o que você quer, homem? Não tinha nada por onde pegar"! Ele já tinha pregado com ela no chão. [AB|Havia, o] (Por onde) ela havia de ser cortada – sim, por onde havia de ficar {PH|ê'lipê=limpa} –, {fp} era a primeira coisa que caía {CT|pô=para o} chão cortado rente (logo de caminho) /{PH|o=ao} caminho\, para ele {PH|nê=não} ver. "Então {PH|nê=não} tinha nada. Então ficava aqui um pau cego?! {pp} {PH|nũ=Não} tinha nada, tinha que se deitar {CT|pô=para o} chão"! É claro, [AB|aquele] aquela quantidade de madeira (segurava) {PH|oz=aos} homens lá atrás e a gente levava boa vida lá à frente. É. Vê como é as malandrices feitas?! É assim.

INQ Pois.

INF {PH|o=Ao} resto, davam cem mil reizitos à gente, olhe, e ficávamos contentes.

INQ E ficavam contentes.

Código de identificação do ficheiro: MTV26-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0603a min: 21:04-22:06	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: O sobreiro e a cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 26	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 É a poda que diz para o sobreiro?

INF Não, não.

INQ1 Não?

INF Bom, é as podas que a gente coloca mais ou menos. Nas outras árvores, eu coloco o nome de poda.

INQ1 E no sobreiro?

INF Mas [ABlé] é esgalhar.

INQ1 Rhã-rhã.

INF Pois, é esgalhar. Pois é.

INQ2 Esgalhar?

INF Esgalhar ou arrear. [ABIEsgalhar co-] Esgalhar coloca-se [ABla] a abrir os sobreiros, ali a fazer a limpeza [ABlda] da chaparrada nova, de coisa.

INQ1 Sim. Rhã-rhã.

INF É colocar, é abrir e tal. E colocar. Enfim{fp}, limpar as coisas, tirar aquelas porcarias, enfim, e limpar aquilo tudo. Isso tudo. E a arrear é a cortar para baixo. É a atrasar [ABla, a, a] as coisas, [ABlas] as chaparras, os sobreiros.

INQ1 Sim senhor. E olhe, àquela parte de dentro da cortiça, portanto, quando arranca a cortiça, aquela parte de dentro da cortiça, como é que chama?

INF É casca. E [ABlhá lá, há lá] há lá {fp}uns bichos que lá andam, partezinha negra que tem {PHlɐ'kwaz=quase} uma cabeça assim chata, {PHlɐ'kwazi=quase} como uma cobra (...).

INQ1 Rhum-rhum.

INF Chama-{PHlli=lhe} a gente a cobrilha.

INQ1 Ah!

INF Em se metendo dentro [ABlda], lá dentro, entre a casca e a cortiça, seca o pau numa forma que a gente vê-se parvo [ABlpara] para arrancar. Tem que ser {PHlɐ'kwazi=quase} esfalquejar aquilo tudo.

Código de identificação do ficheiro: MTV27-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 09:07-10:22	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 27	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF É que vocês apanham-me já muito velho e eu tenho já a ideia passada.

INQ1 Não tem nada, o senhor tem uma memória! Está tão bom!

INF Pois é, e depois não...

INQ1 Está tão bom!

INF Eu sei, (eu) reconheço as coisas. Mas o que não me vem é à ideia é logo caminho dizer o nome. Eu reconheço, porque eu passei tanto nesta vida.

INQ1 ...

INF Nesta vida.

INQ1 Então, olhe, então e agora as partes da árvore. Diga-me lá, esta parte aqui debaixo, que está dentro da terra, é o quê?

INF É. Isto é as raízes.

INQ1 Pronto.

INF [ABIHá as, as p-] As raízes há as [AB|princi-] principais, que é as que nascem do tronco; há [AB|a, as] as segundas, que é depois que deitam uma para aqui, outra para ali.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E há as terceiras. E depois na ponta [AB|da, da] das terceiras e tudo há umas pequeninas que (enfeitam) /enfiam\ (de coisa), que chamam-se [AB|as pa-] as pastadeiras.

INQ1 Rhum! Muito bem!

INQ2 Olhe, para mim era tudo raiz, está a ver?

INQ1 Pois, para mim...

INF (Mas quem sabe, sabe).

INQ1 Então e esta parte depois, que sai da terra?...

INF Pois, {fp} isto aqui é o tronco.

INQ1 Sim.

INQ2 Rhum.

INF Aqui é as pernadas. É claro, há a pernada... Porque, é claro, há a principal {pp}

INQ1 Rhum.

INF que é a que nasce aqui do tronco.

INQ1 Isto tudo são?...

INF Pois. É tudo pernadas. Há a principal [ABle há] e há depois a segunda e terceira, (é) as pernadas à mesma. Tudo. E depois há [ABlhá, há o f-] o {PHl'frujtu=fruto} ou a flor.

INQ1 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: MTV28-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 10:51-12:05	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 28	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 Portanto, a parte de fora é o casco?

INF O casco. Tem um entrecasco {pp} por dentro, que é, enfim, é onde aguenta a seiva, puxa.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Porque muitas árvores recebem às vezes a seiva, quer dizer, recebem [ABla s-] a 'semelização', porque a árvore é como nós. {pp} A árvore – {IPlto=estou} indicado nisso –, a árvore é como nós: tem que ter respiração e 'semelização'. Quer dizer, encontra-se a gente às vezes árvores, que se encontra às vezes muita árvore – as meninas 'há-dem' lá chegar, se chegarem lá a isso, ou se já chegaram –, encontra-se árvores que se encontra as folhas com ferrugem e tudo. [ABlÉ] É que a árvore respirou, suou, é como a gente diz: "Eh pá, {IPlto=estou} transpirado, suei. Alaguei-me todo de água". A árvore é a mesma coisa: transpirou, transpira muito e é [ABla f-] a folha (enche) /enche-se\ de ferrugem, enche tudo. É claro, porque a gente mesmo vai cortar uma árvore, {fp} {PHlẽlĩ'par=limpar} uma árvore, não {PHlĩ=lhe} pode tirar as folhas todas.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Não pode a gente botar aqui uma árvore agora depois: "Ah, vou-{PHlĩ=lhe} tirar a folha para crescer mais (para diante)". Cresce menos. Porque a árvore [ABltem, a árvore tem que, tem] tem que receber a 'semelização' pelo ar.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Recebe a 'semelização'. Quer dizer, recebe a respiração {pp} pelo ar.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É claro, tem o sustento por baixo mas tem [ABla] a respiração pelo ar.

Código de identificação do ficheiro: MTV29-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 20:28-21:28	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37A faixa: 29	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF O cedro. {pp} [ABIO cedro] O cedro até [ABlalarga] larga pernadas daqui para lá.

INQ1 Sim.

INF faz sombra.

INQ1 Sim, sim.

INQ2 Rhum.

INF Faz sombra. [ABIÉ] É como é. É pernada. {fp} A madeira é até boa para 'móveis'.

INQ1 É muito boa!

INF que é muito fina, muito fina!

INQ1 Sim senhor. Sim senhor.

INF Quando houve o ciclone – [ABl que fez agora não sei quantos] há quarenta e não sei quantos anos, fez agora em Fevereiro –, havia acolá um que três homens {PHlnũ=não} o abraçavam em volta. E o vento bateu-{PHlli=lhe} tanto com ele, acolá na quinta do meu patrão.

INQ1 ...

INF Bateu-{PHlli=lhe} tanto – tinha um (arco) muito grande, muito grande! –, bateu-{PHlli=lhe} tanto com ele que o pé lascou todo. Quer dizer, lascou, rachou todo! Tiveram que o mandar cortar.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E aproveitaram a madeira para móveis.

INQ2 Pois.

INQ1 Diz que é muito boa!

INF Para móveis. Tem [ABLuma] uma madeira que [ABlfaz] faz um móvel bonito, bonito, escuro, bonito!

INQ1 Então...

INF É o cedro, [ABlé] é uma árvore. [ABIÉ] É uma árvore. É esguelha. Não é [ABlcomo] como... O acipreste é a subir a direito no conjunto, vai (por aí para diante).

INQ1 Rhum-rhum.

INF E o cedro não. O cedro faz árvore.

INQ1 Sim, sim, sim.

INF Faz árvore. Dá aquelas pernadas, serve para tudo, para várias coisas.

Código de identificação do ficheiro: MTV30-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 21:40-23:34	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Andei lá a trabalhar em Portalegre, numa quinta que lá está do lado de baixo – que era dos Henriques, de renda –, que era dos Falcões, que [ABlé de] era de família [ABIde] dos mesmos donde as meninas estão. {pp} [ABINão se co-] Não conhece Portalegre ou é de lá?

INQ1 Eu, eu conheço.

INF Veio de lá pequena? Conhece?

INQ1 Eu estive lá, ainda lá vou de vez em quando.

INF É quando a gente vai da estação para lá...

INQ1 Sim.

INF Só vê Portalegre [ABlquando] quando desce, {pp} quando desce para baixo.

INQ1 Sim.

INF Eu conheço isso tudo aí. Já fui a pé para aquele lado dali também.

[Corte na gravação]

INF As {PHlólēdē'zite}=landezitas}. É {PHlólēdē'zite}=landezitas} que {IPItēw=estão} por baixo [ABlna, na] que é do jarro. Comem aquilo, aquelas {PHlólēdē'zite}=landezitas}.

INQ1 Sim.

INF E tal, que faz bem [ABl{CTlɔ=para o}] {CTlɔ=para os} (bácoros). E depois eu perguntei assim: "Ó amigo, você fazia favor, dizia-me aqui onde é que era o caminho para ir" – (se eu falar, vê) se é verdade ou é mentira – "diga-me o caminho aqui [ABlpara, para] para Torre de Palma". {pp} [ABINão, não] Não é mesmo Portalegre.

INQ1 Não.

INF Era Torre de Palma. [ABlÉ, era] É naquela estrada que vai para Vila Boim.

INQ1 Sim, sim, sim.

INF [AB|Vai] Vai para Vila Boim naquela recta que está aí. Era aí [AB|n-], aí para esse lado. "Você ensinava-me aí o caminho que é para Torre de Palma"? Diz ele assim (...): "Olhe, você {PH|nẽ=não} se engana: você vai por esta carreteira fora" {pp} – que uma carreteira é uma estrada.

INQ1 É uma estrada.

INF Lá.

INQ2 É, é uma estrada normal?

INQ1 É, é um caminho.

INF Um caminho, pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 É uma carreteira.

INF "Vá por esta carreteira fora. Você acolá adiante mete pela linda abaixo" – uma linda é uma estrema; realmente [AB|lé um] é um nome bem empregado! Uma linda é uma estrema, uma estrema é bonito. É, é uma coisa.

INQ1 É linda! É, é.

INF "Vai por aquela linda fora. Lá mais adiante encontra um arrebenta-diabos" – é uma encruzilhada!

INQ1 Ah, essa não sabia eu!

INQ2 Essa não sabia!

INQ1 A do arrebenta-diabos não sabia!

INF É um arrebenta-diabos. "Encontra um arrebenta-diabos, você volta à sua esquerda, {IP|ta=está} uma vereda mal seguida, vai lá ter mesmo {PH|c=ao} casal".

INQ1 E o senhor ficou sem perceber nada!

INQ2 O senhor ficou sem perceber nada.

INF Mas depois mais tarde é que a gente foi descobrir isto. {fp} O arrebenta-diabos era uma encruzilhada. O arrebenta-diabos [AB|lera] era a encruzilhada, {fp} era uma cruz, pois.

INQ1 Pois. Rhum-rhum.

INF E uma vereda mal seguida era um carreiro [AB|lum cami-], um caminho, um carreirozito que ia por ali fora. {IP|ta=Está} a ver como isto há diferença [AB|de] de nomes de coisas de terras para terras.

INQ1 Pois, de terra para terra.

Código de identificação do ficheiro: MTV31-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 24:30-24:42	Inquiridor2:
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 02	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ Então e este dá assim umas bagas pretas, cria-se ao pé dos ribeiros...

INF [AB|Isto, cr-, cria] A gente até fazia tinta quando era cachopos.

INQ Rhum.

INF Fazíamos tinta [AB|de, de] disto. É {pp} sabugueiro.

Código de identificação do ficheiro: MTV32-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 25:09-26:42	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF A faia. Faia. Vê? Ele vem, o que é [AB]a minha ideia] a minha ideia {IP}ta=está} é já fraquita!

INQ1 Isto não há aqui?

INF É já fraca. É faia. [AB]Está, usam até)] (Ele) é até um pau muito lisinho! Muito lisinho!

INQ2 É um pau muito bonito!

INF Para subir, quem é que sobe por ele acima?

INQ2 Ninguém sobe, que aquilo é...

INF Pois. Muito alto. É faias.

INQ2 E parecidas com as faias não há outras com a folha um bocado mais escura? Também se criam ao pé dos ribeiros.

INF Não. Não. Não sei.

INQ2 Não conhece nada a que chame amieiro?

INF Não. O amieiro também há, há.

INQ2 Não é parecido com a faia? Como é que é?

INF É. É parecido. A gente {PH}i'te=até} usava isso para fazer colheres de pau, {CT}pa=para a} gente comer nas caldeiras lá [AB]na] nas carvoarias, quando lá andavam.

INQ2 Ah!

INF É amieiro.

INQ1 Olhe, é esta a fotografia.

INF Ali [AB]{PH}o=ao} pé do] {PH}o=ao} pé de (Couço) /coiso\ é que eu vi [RP]é que eu vi] que há o amieiro é ali {PH}o=ao} pé [AB]de] de Vale de Cavalos.

INQ2 Ah!

INF Ali, andei lá {fp} numa terra que é Vale de Cavalos, não conhecem?

INQ1 Ah!

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Não. Vale de Cavalos não.

INQ2 Eu conheço.

INF Conhece onde é a Raposa?

INQ1 Ela é que deve... Ela é que acho que conhece.

INQ2 Eu conheço, é para aí para aquela zona, não é?

INF É.

INQ2 Vale de Cavalos. Sim.

INF Não conhece a Raposa?

INQ2 A Raposa não.

INF Pois, a Raposa é na estrada que vai [AB|para, para] para Coruche.

INQ2 Ah!

INF É a estrada que vai para Coruche, [AB|é] é essa recta que sai [RP|que sai] ali de Almeirim,

INQ2 Rhum.

INF tudo direito {PH|o|=aos} Foros de Almeirim, direito à Raposa [AB|que pa-] atravessa uma ribeira.

INQ2 Rhum.

INF Há aí um vale por aí acima, que há aí uma quantidade de casais por aí acima que vem direito {PH|o|=ao} Souto – que chamam-{PH|l=lhe} (um sítio) que chamam o Souto –, há lá dois santos, um pequeno e outro maior. E o [AB|e o, o, o] grande tem uma tranca atravessada num olho [AB|e o] e o pequeno tem um {PH|e|greru'zitu=argueirozito} só. [AB|E o] E o grande {IP|ta=está} a apontar {PH|'idæ=ainda} com o dedo {CT|pɔ=para o} outro. [AB|Está] {IP|'tal=Está-lhe} a parecer que a dele [AB|que {PH|'idæ=ainda} é mais] que é maior.

INQ2 Que é maior ainda!

INF Porque é {PH|o|=ao} cimo da Raposa, o Souto.

Código de identificação do ficheiro: MTV33-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060304 faixa: 1S0604b min: 28:19-29:57	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 04	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Olhe, lá à saída. Lá à saída, há lá uns postes, em frente da casa das freiras. Aquilo era [AB]duma] duma tia [AB]dos] dos meus patrões,

INQ Rhum.

INF [AB]uma] uma mulher que foi muito má [AB]para n-, {CT|pa=para a}} {CT|pa=para a} freguesia. [AB]{fp} Foi] Era uma tia deles, {IP|^tavẽ=estava} casada com um tio deles. Foi muito má {CT|pa=para a} nossa freguesia, que podia ter deixado aquilo [AB]para] {CT|põf=para os} pobres, [AB]para uma] para uma casa {CT|põf=para os} pobres, para terem ali [AB]para terem {fp}], {pp} da terceira idade!

INQ Pois.

INF Deixaram aquilo às freiras. Para quê? (Para nada) /{IP|^ta=Está} abandonada\ . Tem uma horta, uma quinta grande por ali abaixo [AB]aquilo tem].

INQ E ainda é das freiras?

INF E {PH|^ide=ainda} é das freiras. Agora foram buscar lá [AB]{PH|õz=aos}} {PH|õ=ao} governo, [AB]fazer um] fizeram lá{fp} uma quantidade de quartos, fizeram cá fora; tem um (casão, coiso alto) em primeiro andar. Por baixo é a capela e por cima tem então uma quantidade... Tem um corredor {PH|õ=ao} meio, tem uma quantidade de quartos. {pp} {IP|^ta=Está} claro, podiam ter deixado até ali [AB]fazer] ter ali [AB]um] um bocadito, que avançassem lá uma casa {CT|pra=para a} gente lá {IP|^tar=estar}.

INQ Pois.

INF Que andamos aí assentados aí por as portas duns e doutros.

INQ Rhum-rhum.

INF Que até é feio.

INQ Pois, pois.

INF Que até é feio. (Tirando ali o lugar, até é feio). {pp} Mas enfim. {PH|nẽ=Não} deixou. Ela nunca gostou aqui da nossa freguesia. {pp} Olhe, e eu servi nalgum tempo. {IP|'tivi=Estive} lá dois anos, que o meu patrão, o tio, mandou-me para lá quando foi para colocar a lavoura, {fp} para [AB|trab-] trabalhar com bois e governar e se fazer sementeiras no campo, e essa coisa toda, e ela [AB|bem ma-] bem mal me tratou. Que eu depois despedi-me e fui-me embora outra vez [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pɔ=para o} meu patrão. Ele mandou-me para lá, {CT|pɔ=para o} tio, [AB|para] para administrar a casa, mas (em) /eu\ depois fui-me embora. Fui-me embora, que [AB|nãõ, não me dei] não me dei bem com ela.

INQ Não fez o senhor senão bem.

INF Não me dei bem com ela.

Código de identificação do ficheiro: MTV34-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060506 faixa: 1S0605a min: 13:08-15:39	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Hoje já não há quem queira trabalhar. A mocidade nova não! Só sendo algum velhito. {pp} Olhe que eu {PHI'ide=ainda} hoje andei... [AB|{PHI'ide=Ainda}, com] Com oitenta e sete anos, {PHI'ide=ainda} hoje andei mais de uma hora a cavar [AB|uma {fp}] dentro duma vinha, com uma enxada de bicos, com uma enxada de ganchas, com dois bicos, a cavar dentro duma vinha para matar a erva.

INQ1 Veja lá.

INF Dentro duma vinha! E se havia lá calhau! Era só porrada nos calhaus. Deixa estar que não andava em segredo! Havia lá ali em cima [AB|num] aqui nuns compadres meus.

INQ1 Então, imagine que tem um terreno inculco aí, que não está cultivado, está aí tudo de bravio...

INF {IP|ta=Está} bravo.

INQ1 Pois. E o senhor vai querer cultivar aquilo.

INF Pois.

INQ1 Quais é que são os trabalhos que o senhor vai fazer?

INF Eu?

INQ1 É os tais...

INF Pois {fp}...

INQ1 O que é que lhe faz primeiro?

INF Pois. [AB|Vou{fp}] Enfim, primeiro vou preparar a terra. Quer dizer, limpar. Limpar, cortar o mato, cortar coiso que tem, tirar tudo para fora e queimar.

INQ1 Para fazer?...

INF Queimar e tudo e depois mandar lavrar, ou se é coisa que eu possa cavar, cavar. Mandar {fp} lavrar, acharruar, arranjar.

INQ1 Então, e essa primeira, essa primeira lavoura que lhe dá...

INF Pois.

INQ1 Como é que lhe chama?

INF Bom: "Mandeí acharruar. Acharruar. Foi acharruar a terra". {pp} Foi acharruada. É?

INQ2 Sim, sim.

INQ1 O senhor é que nos vai dizendo.

INQ2 O senhor é que sabe.

INQ1 Nós não...

INF Pois, {IP|ta=está} bem.

INQ1 A gente não sabe.

INF {IP|ta=Está} bem.

INQ2 A terra não, não se lavra só uma vez, não é?

INF Ah, pois. Pode {IP|tar=estar} descansado que eu sei alguma coisa de ler, mas letras de vocês {PH|nẽ=não} sou capaz de ler. [AB|A minha filha] A minha {fp} neta quando escrevia para mim tinha que ser: escrever à máquina para eu ler. Que só sabem fazer é palhaços.

INQ1 Ah, ah, ah!

INF É riscos para um lado e riscos {CT|pɔ=para o} outro.

INQ1 Ah, ah!

INF Mesmo {PH|ĩdɐ=ainda} hoje é a mesma coisa.

INQ1 Ah, ah, ah!

INF É só palhaços! Só o que sabem fazer é riscos para um lado e {CT|pɔ=para o} outro.

INQ2 Mas diga-me lá, portanto com o arado não passa só uma vez?

INF Não.

INQ2 Não lavra só uma vez, pois não?

INF Não, não. Mas, por exemplo, [AB|se {fp}] se é para ficar, para queimar conforme acabei de falar para depois semear,

INQ2 Sim.

INF se [AB|a cultura] a cultura é grande, deixa-se {IP|tar=estar} uma temporada e depois passa-se com uma grade por cima, (arrasa-se), torna-se a atalhar.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum.

INF {PH|ɔ=Ao} contrário, (...) passou-se assim e depois atalha-se {pp} {CT|pɔ=para o} lado.

INQ1 Sim.

INF E tudo. Se é para semear ou se é para arranjar, lavrou-se, arranjou-se, bateu-se depois {fp} com uma grade – chama a gente uma grade –; ou se é coisas de nós (à mão), vamos com um ancinho e ancinha-se tudo e passa-se ou dá-se uma picadela {CT|kɐ=com a} ferramenta, e endireita-se a terra, e depois coloca-se da forma que a gente quer, {CT|pɔ=para o} que a gente quer.

INQ1 Rhum-rhum. Pronto. É isso mesmo.

INF {IP|ta=Está} semeado.

Código de identificação do ficheiro: MTV35-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060506 faixa: 1S0605a min: 22:15-24:40	Inquiridor2:
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 06	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF O milho é que semeiam ao pé.

INQ *Não há mais nada que semeie ao pé?*

INF E tudo. Não?

INQ *Não? É só?...*

INF Não. {fp}Há, por exemplo, o feijão, mas é semeado {PHl=ao} covato.

INQ *Como é que é assim?*

INF Quer dizer, {PHl=ao} covato é com uma enxada.

INQ *Ah!*

INF Anda um homem (...) (espeta aqui), tudo, e anda uma mulher {PHl=ao} lado, tumba, a deitar a semente.

INQ *Ah! Fica na mesma à ...*

INF Deitar a semente. Porque, às vezes, há bocados, {fp}uma horta – vamos por aqui –, uma horta, tem que se semear um bocado de milho, mas [ABlque] {PHlsimi¹emu³=semeamos} milho e feijão. Por exemplo, este feijão da feijoca, de feijão... A gente cá chama feijão-de-santa-catarina.

INQ *Rhum-rhum.*

INF (Não sei se aí é também {pp} se não). E há aí feijão{fp}... O branco nunca se semeia com o milho, que o branco embarra muito. Semeia-se às vezes é no campo. E vai-se semear e a mulher traz um {PHl^{er}i¹gasu=regaço} com uma saia, aqui feito, faz assim duas partes. Uma {IPlta=está} aqui {pp} e outra vai aqui assim. É claro, aquilo é preso atrás, é entalado. E traz, dum lado traz o feijão e do outro lado traz o coiso.

INQ *Rhum.*

INF E vem com esta mão, tira daqui o feijão, com esta tira o milho, deita assim, e tumba, e deita.

Semeia {CTlk^ez=com as} duas sementes {pp} para dentro do covato e o homem vai (acovatar) com a enxada. Mas rápido!

INQ Rhum-rhum.

INF Portanto, [ABIfaz com uma] com uma saia faz aquilo. [ABIFaz] Faz dois [RPldois] {PH|əri'gasu|=regaços}. Aquilo depois a saia conjunta aquilo faz um rabicho atrás, prende, e aquilo {IP|ta=está}... Enche aquilo. Depois põe feijão numa banda e põe milho do outro lado. Semeia-se assim.

INQ Sim senhor.

INF E o grão é semeado a lanço, mas é só uma mão. O que é fica mais ralo para se depois se sachar (assim).

INQ Sachar.

INF Para se meter depois a enxada por aqui, por ali, e tal, para cortar alguma erva para (se) sachar. [AB|E a fava]

INQ Mas olhe, pensei que a fava também fosse semeada assim.

INF A fava é sachada. Também é sachada. Também {PH|sə'ʃemuɜ=sachamos}, também mexemos a terra [AB|no fim da] quando ela {IP|ta=está} já assim altinha, que ela não pode ser sachada muito tarde, porque a fava é uma coisa que come à flor da terra, (mas já aí {IP|ta=está} umas linhazitas). A menina se for arrancar uma faveira desta maneira, tem logo umas linhas brancas ali logo, (de maneira) à flor da terra.

INQ Rhum-rhum.

INF Porque convém até mais tapar, tapar o terreno, para {PH|nẽ=não} ficar a parecer mal, para {PH|nẽ=não} ficar com aquelas carecas à vela, com o chão sem ser mexido. Convém mais tapar que {IP|tar=estar} lá a cavar {PH|o=ao} pé.

INQ Rhum-rhum.

INF Mas a fava leva duas mãos porque a fava é muito grossa.

INQ Muito grossa.

INF E a gente apanha pouca na mão e depois espalha-a, leva-a a lanço por uma belga fora. Também é semeado depois com os arados, com os bois e depois [AB|a t-] a lavrar atrás, também baixinho, também só a tombar e coiso.

INQ Rhum.

INF E é gradado [AB|c-, c-] {CT|kə=com a} grade leve. [AB|É] É cobrar assim mais ou menos [AB|em], a gente até fica às vezes buracos, aqui e além, e tal, mas para tapar. É assim.

INQ Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: MTV36-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060506 faixa: 1S0606a min: 12:47-13:35	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 07	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INF Quando são novos, para se ensinarem, é que a gente põe uma corda lançada {PHlɔ=ao} chavelho fora. Porque quando é para voltar, a gente manda andar {fp}o animal, (porque) aquele animal – tanto faz ser boi ou mula – percorre muito bem o nome. A gente se{fp} coiso, percorre o nome. O que a gente manda fazer, faz.

INQ Rhum-rhum.

INF E então eu trabalhei ali com umas mulas, eu vinha assentado na rabeira do carro atrás – era uma chamava-se Jóia [ABle, e ou-{fp}], uma era Jóia e outra era Bonita.

INQ Rhum.

INF E eu: "Anda para trás, Jóia. Anda para trás, Jóia". E ela começava a recuar para trás. E se tocava: "Anda, Bonita, volta. Anda para trás, Jóia". E ela voltava. [ABIE] E (enfiava) o carro. Quando (ele) /ali\ estava o carro direito {PHlɔ=ao} barracão – aquilo tinha colunas dum lado e doutro –, "Anda para trás. Anda para trás. Anda. Anda". Começava assim: "Anda". E ela andava para trás. "Anda". Pronto. E depois que mandava parar, paravam, pronto.

Código de identificação do ficheiro: MTV37-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060506 faixa: 1S0606b min: 00:11-02:18	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Jul.06

INQ1 E quando um carro ia aí por um caminho de terra, que deixava assim aquela marca?...

INF Rodadas.

INQ1 Ah! Rodadas.

INF "Olha, passou aqui as rodadas".

INQ1 E...

INF [ABIE] E é aquilo (diante disso) há um engano. A gente, pode passar aí [ABlum] um rebanho de vacas aí pela estrada ({PHlɔ=ao} pé de uma qualquer), a gente se chegar lá {PHlɔ=ao} pé e olhar {CT|pɔ=para o} rasto: "Eh pá, andou aqui um rebanho de bois". Não é vacas. [Risos] Se for {PHlɔ=ao} talho, já é ao contrário.

INQ1 Pois é.

INF Já compra {RC|car=carne}... [ABIE c-] É carne de boi ou de bezerro, mas já é carne de vaca.

INQ1 De vaca, pois.

INF É. Já é {PHlɔ=ao} contrário. {pp} {IP|ta=Está} a ver? {pp} (Ai), eu fui tanta vez a Tomar, de noite, para ir buscar carros para vir {CT|pɔɜ=para os} meus patrões, tinha que ir (de noite). Mas ia ter [AB|com] com uma senhora – que era a senhora dona Ida, que era de Ferreira do Zêzere –, o marido dela {IP|tavɐ=estava} lá nas Finanças e eu conhecia-a que [AB|ela] ela era irmã [AB|da, da] da mulher do meu patrão. Era lá de Ferreira do Zêzere. Eu conheci-a. Ia ter com ela e depois ela tinha lá uma filha – era a Idália – e depois eu pedia-{PH|li=lhe}, dava-{PH|li=lhe} o saco, dava-{PH|li=lhe} o dinheiro, {pp} e ela ia lá.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Porque [AB|aq-] era no tempo da candonga. Quando eu chegava lá, para me meter na bicha, chegava a pontos que já não havia carne [AB|para] para bife, para nada. E os meus patrões o que queriam era carne para bife, chegava lá, pedia-{PH|li=lhe} a ela, ela mandava a filha para lá. E a filha é

que ia lá ter, que, como era a filha [AB]do senhor] do senhor lá empregado [AB]da] lá das Finanças, é claro, tinha todo o direito e arranjavam-*{PH}li=lhe* } ordem. Entrava lá casa para dentro, *{PH}lnẽ=não* } vinha lá *{CT}pa=para a* } bicha. E comprava. E calhava-me sempre bem, que ela dava-me sempre o almoço antes de eu me ir embora para Tomar, quando vinha para cá, numa charrete com uma mula. Eu passei coisas com os meus patrões, só visto!

INQ2 O que é que era uma charrete?

INF Uma charrete [AB]lé] é um carro de duas rodas, [AB]luma] só puxado com um animal.

INQ1 Mas era só para transportar pessoas?

INF Só com um animal.

INQ2 Era para transportar pessoas?

INF Pois, para pessoas, pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Uma carroça já, por exemplo, carregava artigos [AB]de{fp}] agrícolas, qualquer coisa, calhau, coisa, géneros, maçãs, peras, [AB]lo que f-] o que fosse preciso. Uma carroça. E a charrete é só para transportar. Tem um banco *{PH}o=ao* } meio colocado [AB]com, com] com um encosto assim no meio, quer dizer, sentam-se dois dali e dois daqui.

Código de identificação do ficheiro: MTV38-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Idalina Idade: 79	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Heliodoro Idade: 77	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060506 faixa: 1S0606b min: 24:27-26:30	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 09	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06	

INF1 Há muita maneira de fazer pão mas eu fazia assim, a minha mãezinha ensinou-me assim: eu chegava lá (a) farinha [ABle depois] e (deitava) /deitava-{PHlli=lhe}\ sal logo para derreter. Depois de a farinha {IPltar=estar} assim bem... {PHlnũ=Não} é [ABlem] em papa, era só assim [ABlum] um escaldão, ficava aquela farinha {fp} embolada, mais ou menos. Depois deitava fermento, [ABla] {PHlɛpinɛj'raɐ=peineirava} uma pouca de farinha de centeio – que ({PHlli=lhe}) chamávamos a gente a mistura {pp} de centeio –, {PHlɛpinɛj'raɐ=peineirava} a farinha de centeio e depois então com água morna é que (lhe) amassava então aquela farinha toda, muito bem amassadinha.

INF2 Fermento.

INF1 Já disse o fermento.

INF2 Já disseste.

INQ1 O fermento.

INF1 Amassava então [ABlaquela] aquela farinha toda muito bem amassadinha. Ficava então nem mole, nem dura. {fp} Ficava assim naquela temperatura de eu poder depois lidar com o pão para tender. Aquecia o forno... Ah, e depois [ABlde a fa-, de] de isto {IPltar=estar} tudo bem amassadinho, {pp} tínhamos uma masseira – que era uma masseira que era [ABlde] de madeira; (chamávamos) /chamávamos-lhe\ mesmo uma masseira. [ABIE{fp}] Era assim à maneira dum alguidar, o que era era [ABlem mas-, era em ma-] em madeira.

INF2 Um quadrado, em quadrado.

INF1 E{fp} depois tapávamos [ABlm-] com roupa, conforme a gente{fp} entendesse.

INF2 Conforme o que aqui estava.

INF1 Eu, o meu pão... Há mulheres que {PHlli=lhe} custa muito a levedar o pão, mas o meu {PHlɛlivi'davɐ=levedava} muito depressa. [ABIE{fp}]

INF2 Dizem que é das mãos das pessoas.

INQ1 Pois.

INQ2 E até pode ser.

INF1 [ABIE] E então [ABInã-, nã-] não era preciso pôr tanta roupa em cima como certas outras pessoas. Depois eu ia acender o forno. Aquecia o forno, depois estendia o pão – {PHI^hidε=ainda} aí tenho a tigela de tender –, tendia o pão, tinha uma pá para pôr o pão em cima e deitar {CTIpo=para o} forno. Pronto, o pão cozia...

INQ1 E não cost-, não costumava fazer uma cruzinha na massa, e dizer alguma coisa?

INF1 Sim senhora.

INQ1 O que é que fazia, diga lá?

INF1 "Deus te acrescente, que é para muita gente. Deus te acrescente, que é para muita gente".

Código de identificação do ficheiro: MTV39-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Idalina Idade: 79	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Heliodoro Idade: 77	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: CD nº: 1S060708 faixa: 1S0607a min: 03:10-05:14	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INF1 Quando a gente diz o que trabalháramos, o que passáramos, isso tudo, nem acreditam!

INF2 Éramos uns escravos!

INF1 As pessoas de agora, esta {fp}juventude de agora, nem acreditam aquilo que a gente passou e aquilo que a gente fazia. Que íamos pequeninos {CT|pɔ=para o} campo. Eu com oito anos, com oito anos ia apanhar azeitona {CT|pɔ=para o} campo, com uns tamanquitos pequenitos nos pés, com muito frio, a chorar, com muito frio nas minhas mãos. Ia apanhar azeitonita assim, com oito anos!

INF2 Isso, o que a gente passava!

INQ1 Claro.

INF1 E ganhar dinheiro, ganhar dinheiro! Fui servir com dez anos.

INF2 Eu (foi) /fui\ com doze.

INQ1 Era duro, era.

INF2 [ABICom dois] Com doze anos, fiz o exame da quarta e fui trabalhar para uma serração, para ajudar com uma serra, com um serrador, com doze anos.

INF1 E agora...

INQ1 E a senhora, se calhar, nem sequer fez escola nenhuma, foi logo trabalhar.

INF1 Eu {PH|nẽ=não} fiz escola porque ainda fui uns dois meses à escola – lembra-me de {PH|ĩdẽ=ainda} ir dois meses à escola –, mas depois a minha mãe tirou-me, para ir ganhar uns tostõezitos.

INQ1 Pois.

INF1 Porque éramos muito pobrezitos – não era? –, e{fp} para irmos ganhar uns tostõezitos. Mas depois {PH|ĩdẽ=ainda} consegui então. E depois, as minhas irmãs {fp} já a minha mãe já não mandou {CT|pa=para a} escola, que dizia: "A mais velha não aprendeu, as mais novas também não 'hã-dem'

aprender". Mas graças a Deus eu então {PH|'idv=ainda} aprendi a ler. Pois, [AB|nãõ] {PH|nẽ=nãõ} sei ler assim uma coisa muito por aí além.

INF2 Sabe ler e escrever.

INF1 Mas sei governar cá a minha vida.

INQ1 *Pois, mas sempre se governa. Pois.*

INF1 Pela minha vontade... [AB|Pela] Lá os meus patrões eram assim, também tinham crianças assim da minha idade.

INF2 Foi servir com (o noivo). {IP|'tevi=Esteve} vinte anos na mesma casa.

INQ1 *Hi!*

INF2 Em Montemor-o-Velho.

INF1 E de maneira que ensinaram-me então as primeiras letras e eu depois com [AB|la mi-] a minha vontade fui escrevendo, fazendo cópias, fazendo coisas, e{fp} coisa, e {PH|'idv=ainda} aprendi qualquer coisita.

INQ1 *E ainda aprendeu! Ainda aprendeu!*

INF2 Lá {CT|kẽ}=com as} patroas. [AB|Com as, com as] {CT|kẽ3=Com as} meninas e {CT|kẽ=com a} patroa mais velha. {IP|'tevi=Esteve} lá vinte anos.

INF1 Era assim, era assim. Mas tenho muitas saudades daquilo!

INF2 Dos dez aos trinta, que casámos.

INF1 Eu tenho.

INQ1 *Sofria-se muito mas eram bons tempos, não era?*

INQ2 *O senhor que idade tem?*

INF2 Eu tenho setenta e sete, dois setes, e ela é setenta e nove.

INF1 Era, sim senhor. Era tudo mais saudável.

INQ1 *Rhã-rhã.*

INF1 Agora é tudo doentio, tudo.

INF2 O que é temos tido saúde, graças a Deus.

INQ2 *A senhora...*

INQ1 *Graças a Deus, isso é que é preciso.*

Código de identificação do ficheiro: MTV40-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060708 faixa: 1S0607a min: 15:44-16:43	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: A criação de gado – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06	

INQ1 Um conjunto de ovelhas como é que se chama?

INF {fp} Bom, a gente chama, aqui, chama um rebanho.

INQ1 rhum.

INF {PH|ʃe'memuz=Chamamos} um rebanho.

INQ1 E se for um, um de vacas? Ou de bois?

INF (Pois), ou de vacas ou de bois, {IP|ta=está} muito certo. Bom, era um rebanho à mesma também.

INQ1 É um rebanho à mesma?

INF Pois é. É um rebanho de bois, ou isto, ou aquilo.

INQ1 E dos outros animais é a mesma coisa?

INF É a mesma coisa. Cá é a mesma coisa. {pp} [AB|Ele] Ele até {CT|po=para o} Alentejo até [AB|lum{fp}] um rebanho, por exemplo, de gado consideram um trapel, um trapel ou qualquer coisa assim (que eles dizem). Um trapel de gado, às vezes, quando elas se atalhavam, quando andavam na boleta e atalhavam-se umas por aqui, outras por além, eles tinham que mandar os cães à procura delas. Chamavam-{PH|i=lhe} um trapel.

INQ2 Ó senhor Guilherme.

INF Diga.

INQ2 E aqui os rebanhos eram grandes ou eram pequenos, assim normalmente?

INF Os rebanhos?

INQ2 Sim.

INF Eram grandes.

INQ2 Eram grandes?

INF Eram, eram. É de aí de, quase sempre, de quinhentas até setecentas ovelhas.

INQ2 Ah!

INF Era. [AB|Ca-] Cabras, havia pouco por aí.

Código de identificação do ficheiro: MTV41-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060708 faixa: 1S0607b min: 06:33-09:05	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: O gado vacuum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 12	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INQ1 Uma vaca que não tem cornos?

INF É mocha. É mocha, pois. Ali [ABln-] nos campos das lezírias... Vocês não vão para lá também [ABlt-] tirar cursos? Lá costumam para lá ir também os engenheiros, [ABlna companhi-] na companhia das lezírias. Eu conheço lá aquilo.

INQ2 É, nós temos de correr o país todo.

INF Eu conheço lá aquilo. Eu tenho percorrido o mundo inteiro.

INQ1 Então o que é que as vacas põem no chão? Com que é que elas andam?

INF É {CTlkə}=com as} patas.

INQ1 Então e na ponta das patas?...

INF Têm uns canelos. [ABISão] São ferradas.

INQ1 São ferradas?

INF Pois. Levam ferro.

INQ1 Mas assim...

INF Pois, pois. {pp} Não é?

INQ1 E assim na ponta?

INQ2 Aquela parte mais dura?

INQ1 A parte mais dura?

INQ3 Na ponta da pata? Assim como a gente tem, elas também têm.

INF Pois. Têm as unhas, pois têm. Pois [ABlé, é, é{fp}] é o casco. [ABIÉ] É as patas, mas sem o casco.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Chama-{PHlli=lhe} a gente o casco. Que é depois onde se espeta [ABlo] os canelos. Quando elas vão para trabalhar, quando é gado de trabalho.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Pelo menos aqui não podem andar descalças. Tem que ser assim.

INQ1 Então quando a vaca anda a chamar pelo, pelos filhos, o que é ela está?...

INF Anda a berrar.

INQ2 *E como é que as pessoas chamam as vacas e os bois?*

INF Conforme o nome que se {PH|li=lhe} (plantar). A gente costuma a baptizar e chama-a.

INQ2 *Sim. E se eu disser...*

INF "Anda cá Mourisca. Anda cá, (Barisca)". [AB|Ou] Ou Arisca, [AB|lou] ou Galante, ou Castanho.

(Anda cá) /Como é cá\ e tudo, e é que a gente (lhe) manda botar.

INQ2 *E sem lhe dizer pelo nome, não diz nada para elas começarem a andar ou para?...*

INF Não, não. Não, não senhor.

INQ2 *Ou para parar?*

INF Não, isso não. Não.

INQ1 *Onde é que as vacas costumam dormir?*

INF Nas cabanas, por exemplo, nos palheiros.

INQ2 *É?*

INF Palheiro ou cabanas, como queiram chamar. Há aí sítios chamam-se [AB|c cab-] uma cabana. Ou palheiro. No palheiro.

INQ1 *E onde se põe a comida?*

INF Manjedoura.

INQ1 *E tinham... Não sei se havia aqui assim umas tigelas de madeira?*

INF {fp} Umas tigelas... Mas a gente não... Aquilo, isso {PH|nẽ=não} é uma tigela. É... {pp}

INQ1 *Para deitar água?*

INF Pois é, homem, é. Ah, (raios parta). E eu acarretei tanto [AB|p-] para diante deles. Pronto, (e a) /a minha\ cabeça não vem agora já. {pp} Eu acarretei tanta, de tudo, é.

INQ1 *É uma gamela...*

INF Gamela, justamente. Tem que ajudar porque eu sei o que é... Então eu acarretei tantas para diante deles. Fui buscar tanto caldeiro de (passa) para (lhe) deitar, para eles comerem justo misturado com favas, {pp} e farinha, {pp} para eles comerem.

INQ1 *Rhã-rhã.*

Código de identificação do ficheiro: MTV42-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060708 faixa: 1S0607b min: 11:00-14:23	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: A criação de gado – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INQ1 Nunca diz que é uma estrumeira, não?

INF Não, não. {fp}Estrumeira, isso é [RP|lé] feito por exemplo [AB|na] nas quintas, onde {IP|ta=está} o gado, e tudo, e depois é acarretado para lá, mas isso [AB|lé] não é só a bosta. É quando eles estão [AB|no, no, no, no], por exemplo, [AB|no] nos palheiros, {IP|têw=estão} no coiso, e depois vai o boieiro {PH|l̃'par=limpar} aquilo tudo e ele [AB|va-] vai levar aquilo. É uma nitreira.

INQ1 Ah!

INF Não é estrumeira. Nitreira. É como a gente chama àquela que {IP|ta=está} acolá diante,

INQ1 Rhum.

INF onde vocês voltam {CT|pa=para a} quinta.

INQ1 Rhum.

INF (Onde vão daqui levar o coiso). É uma nitreira. Isso é diferente. (E se) /Isso\ agora me (perguntei) o que eu disse primeiro é, por exemplo, [AB|na, n-] no mato, ou [AB|lou n-] na pastagem, onde eles andam a comer é que {IP|ta=está} essas malhadas onde eles vão ficar e os pastores é que fazem isso. Agora, nas quintas onde {IP|ta=está} o gado, onde se limpa mesmo as cavaliças e depois limpa-se {fp} (os bonicos), aquilo tudo que (ele) {IP|têw=estão} ali e a palha que se puxou, e depois tem que se puxar a outra para debaixo da manjedoura, que é para se fazer a cama outra vez à noite, que aquilo fica limpo. É, fica até limpo. De maneira que depois {fp} vai o homem, {fp}o que lá está com o carro, carrega aquilo, bandeia aquilo para dentro [AB|duma] дума (coisa) /poça\ e vai {CT|pa=para a} nitreira. Vai lá e despeja. Depois lá é espalhado. É claro. De lá, há a urina que os animais largam dentro [AB|da{fp}] da noite, quando {IP|têw=estão} no palheiro, quando {IP|têw=estão} coisa largam, {IP|ta=está} encanada, [AB|{PH|o=ao}] {PH|o=ao} fundo [AB|le-] tem uma valetazinha, em cimento. E, é claro, o animal urinou, correu para dentro daquilo, aquilo vai para um cano e vai para dentro dum

depósito que {IP|ta=está} na nitreira {PH|o=ao} meio. E depois há uma bomba que se tira e depois {IP|ta=está} ligada com uma borracha. E depois andam a juntar, a trabalhar com a bomba {pp}... Bomba?! O manual. Agora já é quase tudo com motor. Assim uma bomba manual {IP|ta=está} a trabalhar e {IP|ta=está} outro com uma mangueira {fp} a ougar, a regar aquilo tudo. Que é para depois aquilo arder e ganhar fermentação para depois se acarretar {CT|pa|=para as} terras. Para quando é aí Agosto e tudo acarretar-se com os bois para depois semear as favas a seguir, de Inverno.

INQ2 O senhor disse agora ougar.

INF Disse.

INQ2 O que é isso?

INF Ougar é {fp} a água. É o mijo [AB|que {IP|ta=está}, da, da] que {IP|ta=está} a correr com uma mangueira. {IP|ta=Está} a correr e {IP|ta=está} a ougar o estrume todo.

INQ2 Por cima.

INF Pois. O estrume, ou a palha, ou o que lá pôs.

INQ2 Rhum-rhum. Olhe, o senhor há bocado falou já na, nas ovelhas.

INF Pois.

INQ2 Como é que se chama o macho da ovelha?

INF Carneiro.

INQ2 Olhe, e que é que é aquela coisa que as ovelhas dão?

INF É lã. {pp} Olhe que é [RP|é, é{fp}] uma seara boa que o lavrador tem, é um rebanho de ovelhas. É claro, dá tudo! [AB|Até para]

INQ2 Há várias...

INF Até o veste! Até veste o lavrador! Dá a lã para arranjar fato para ele. E o leite, e essa coisa toda.

INQ2 Há várias raças de ovelhas?

INF (Não). Há várias raças: [AB|há pre-] há uma lã preta – a carne é toda igual, {IP|ta=está} muito certo –, há a lã preta e há a lã branca.

INQ2 Não se dá nomes diferentes?

INF Não. Não tem. Há{fp} nomes diferentes: há uma qualidade que chama-{PH|i=lhe} a gente mourino.

INQ2 Rhum.

INF Que é maior.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É. Maior. Tanto faz ser [AB|em] em classe (macha) ou em borregos, como ser em ovelhas. É mourino.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É gado mourino. Aqui {CT|p|=para o} lado da Chamusca [AB|le da, e da] e de Alpiarça é que usam muito [AB|daq-] desse gado. Tudo. Cresce em menos tempo, é a idade de (colocação) maior. Bom para carnes! Mas não é tão bom para leite como é essas maninhas, essas pequenas aqui do Alentejo. Essas são melhores para leite.

Código de identificação do ficheiro: MTV43-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S060708 faixa: 1S0608a min: 00:07-00:35	Inquiridor2:
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 14	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INF Olhe, lá em cima, {IP|'tiv=estive}... (Eu) ainda ontem {IP|'tavẽ=estava} lá a arrancar e
[AB|{IP|'tavẽ=estava}] {IP|'tavẽ=estava} a ouvir chiar. Olho para cima... {pp} Olho para cima,
{IP|'tavẽ=estava} um ninho cheio delas. E então se elas criam pouco! É sempre seis e sete!

INQ Este é assim um muito pequenininho!

INF Diga.

INQ Este é assim um muito pequenino!

INF São, são, são pequeninas mas são danadas para dar cabo da semente, para comer a semente. Isso têm uns olhos! Têm uns olhos que eles vêem {fp} um baguinho de semente no chão, tudo! Quem me dera ter uns olhos assim!

Código de identificação do ficheiro: MTV44-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609a min: 00:58-03:07	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Os insectos e outros invertebrados	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 15	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INQ1 Pronto. Este então é o quê?

INF Um aranhão peçonhento.

INQ1 O que é que ele faz?

INF Como?

INQ1 O que é que ele faz?

INF Bom, faz uma quantidade de ovinhos dentro daquele... Leva uma bola agarrada por ele lá de baixo, (aquilo) leva [AB|luma da-] uma bola com um coiso fixe em volta e depois tem [AB|l muitos] muitos aranhões pequenos. E faz, por exemplo, [AB|luma, uma] um crivo, uma peneira, uma coisa qualquer, faz [AB|luma] uma coisa assim, {IP|ta=está} claro.

INQ2 A isto aqui como é que chama, a esta coisa que ele faz?

INF É as teias dele, pois. Uma vez [AB|{IP|'tívi=estive}] o meu avô falou a um tipo [AB|que aí tinha] que aí havia que tocava gaita de foles para fazer a festa do Natal, para tocar a gaita de foles – antigamente faziam isso. E ele era assim muito espantado, esse (aí). E depois disse para ele: "Ó gaiteiro, vamos combinar aí o preço para tu me fazeres [AB|la] a festa agora para dia de Natal. Mas olha que eu quero feito uma coisa capaz, uma coisa que seja [AB|com] com atenção e que seja séria. {PH|nẽ=Não} seja lá no ar, {PH|nẽ=não} seja feitas no ar". Ele era assim muito espantado. "Então você {PH|nẽ=não} gosta das coisas feitas no ar"? "Eu não. Gosto das coisas feitas com preceito e como deve ser, combinar as coisas (...)". "Pois eu gosto. Então você {PH|nẽ=não} gosta de ver aquelas teias de aranha que {IP|tẽw=estão} [AB|dos] dos aranhões, aqueles crivos e tudo? {IP|ta=Está} feito no ar! Você {PH|nẽ=não} gosta de ver os comediantes que {IP|tẽw=estão} a trabalhar no ar, no trapézio, para um lado e para outro?! É também feito no ar e eu gosto de ver isso"! Ele era assim espantado e dizia aquelas conversas.

INQ1 Olhe, e este aqui que tem um ferrão no rabo, é muito venenoso?...

INF (Esse) [AB|é, é] é um maroto, é um alacrau.

INQ1 Ah! E o que é que...

INF [AB|Tam-] Também cantam! Como os grilos, de noite. Cantam. {IP|tẽw=Estão} metidos às vezes debaixo das pedras, nos burquinhos, também {IP|tẽw=estão}: "Cri, cri, cri, cri", de noite, a cantar.

INQ1 E quando eles picavam as pessoas com que é que, como é que curavam a picada?

INF Bom, a gente tínhamos que pôr qualquer coisa em cima, {pp} sempre. [AB|Não, não] É claro, [AB|havia] havia vezes ali [AB|luma] coisas: punham-se, por exemplo, coisas picadas, por exemplo, cebola. Os mais pequenos morrem.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Se pôr uma cebola ali – mas é cebola-albarrã, não é cebola natural, cebola que se cria [AB|no] nos (brejos); dá umas palmeiras assim por o coiso que se cria [AB|que é a cebola] ... Chama-se cebola-albarrã. Punham no coiso e ele espetava, morria.

Código de identificação do ficheiro: MTV45-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609a min: 10:55-13:42	Inquiridor2:
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 16	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Set.06

INQ Então diga-me lá as coisas que se lembra?

INF [ABICostuma] Costuma-se a semear feijão.

INQ Rhum.

INF Costuma-se a pôr tomate, tomateiros. Costuma-se a pôr pimentões. Costuma-se a semear batatas.

Costuma-se a pôr salada pelos combros fora e em volta. Costuma-se a pôr couve de duas qualidades:

[ABIde] da ratinha, todo o ano, [pp] e da de corte.

INQ Rhum-rhum.

INF Costuma-se a pôr couve-lombarda. Costuma-se a pôr repolho. Costuma-se a pôr ('bacalã').

INQ O que é 'bacalã'?

INF É uma couve que dá um espigão que é... Dá um repolho assim aguçado para cima.

INQ Ai, não conheço essa.

INF [ABIÉ a cou-, é]

INQ Ai que cheiro a queimado!

INF (Deve andar a arder) qualquer coisa.

INQ Diga.

INF [ABIDá assim uns] O repolho não é redondo [ABIcomo a] como a couve do repolho.

INQ Rhum-rhum.

INF [ABIÉ] É feito uma pinha, é (modo) uma pinha. É a ('bacalã').

INQ Sim senhor.

INF E tudo.

INQ E mais?

INF E há o coração-de-boi, é quase igual também a essa, há a couve coração-de-boi. [ABIE] E depois cebola.

INQ Rhum.

INF A cenoura, {pp} salsa – que é preciso {CT|pɔ=para o} tempero – e a hortelã – também se tem que pôr.

INQ Rhum-rhum.

INF Tudo. Batata-doce, também, que é uma batata que é uma batata doce. Fava, ervilhas. {fp}É claro, é tudo. Semeia-se, {pp} o mais basto... Semeia-se, nabos. Põe-se-{PHli=lhe} depois o nabo [AB|para] para grelo. Quer dizer, [AB|come-se em, em] come-se em pequenos, em nabiços, que é o mais (basto) /baixo\; depois espiga, ganha cabeça; essa cabeça come-se depois também, que é boa, que se vende na praça; a cabeça depois mais tarde acabou [AB|de dar, acabou de] de se criar, porque já {IP|ta=está} oca, já não presta, dá grelos. Ah, e depois os grelos que é a última coisa. Principal, o nabo, [AB|po-nabo] o nabo português, dá essas três qualidades de coisas. E há do outro nabo, que é apropriado só para nabiços, {pp} que é {fp} só para nabiços. Quer dizer, nabiços, quero eu dizer, é semeado mais (basto) /baixo\ e depois é (tirado) e depois são esfarrapados [AB|para] para fazer a sopa.

INQ Rhum-rhum.

INF Pois.

INQ Sim senhor.

INF Feijão de muitas qualidades: feijão-catrino, feijão-branco, feijão-do-rio, feijão-mocho, [AB|fe-] feijão-do-Algarve – chamam feijão-do-Algarve, porque [AB|é] é um feijão (mocho) mas dá uma vagem larga –; [AB|há, há] há um feijão (arreiado) também que é feijão... Dá a vagem branca.

INQ Rhum-rhum.

INF Mesmo branca, que é – que chama-{PHli=lhe} a gente – feijão-macarrão. Também é tudo. E (...)

INQ Então e aquele f... E quando se come o feijão ainda sem ele estar maduro...

INF Pois, pois. Vagens.

INQ Quando...

INF É as vagens. Tem que se pôr uma cana {PH|o=ao} pé, que ele [AB|é] tem tanta força, que até a gente tem que {PHli=lhe} pôr um pau {PH|o=ao} pé para se ele segurar. Veja lá a força que ele pode dar à gente [AB|para quando] quando arranja [AB|luma] uma sopa dele?!

INQ Então, portanto...

INF É gostoso mas tem pouca força.

Código de identificação do ficheiro: MTV46-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609a min: 27:34-30:32	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 17	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INF Ah menina, menina! Veio morrer aqui a esta terra má! [Risos]

INQ1 Isto não morre assim!

INF [AB|Nem a] Nem a terra a come!

INQ2 Ah que horror! [Risos]

INF [AB|Você] Você é mesmo de Lisboa?

INQ3 Sou.

INF {fp} Lá em Odiveelas, eu ia lá muita vez visitar o cemitério. Aquilo [AB|é um] é uma largura enorme, o cemitério.

INQ1 É muito grande, há muita gente, também...

INF Muito grande. Muita gente.

INQ3 Há muita gente.

INF É lá em cima na chã. Era cá em baixo, mas esse cá em baixo parou. Esse cá em baixo era pequenito – quando aquilo era pequeno, quando era Odiveelas velha, que Odiveelas velha fica desde o rio para aquele lado... Agora é lá tudo em cima, lá na chã. É tudo lá em cima. Mas aquilo (é horror em ver)! ({IP|tẽw=Estão}) /Está\ lá homens sempre empregados! Fui lá uma vez... Eles, quando têm um certo tempo, vão tirar as pessoas [AB|da] da sepultura porque, claro, tem que ser mesmo nas terras grandes.

INQ1 Claro. Pois.

INF Aqui a gente não.

INQ1 Ai não? Ficam? Ficam?

INF A gente compra a sepultura. Eu, por acaso, tenho a sepultura da minha mulher comprada. Mas já foi comprada para um irmão meu. E já lá {IP|ta=está} o meu pai. E agora {IP|ta=está} lá a minha mulher. Se Deus Nosso Senhor quiser – ou amanhã, ou quando calhar, quando Deus quiser –, também para lá vou. Ela já morreu há sete anos, já faz agora {CT|pç=para o} dia 8 de Agosto sete anos que ela

(me) morreu. De maneira que lá eu vim [ABle {IP|'tavẽw=estavam}]... Eles depois avisam as pessoas, as donas daquelas sepulturas que compraram. Mandam telegramas {CT|pa=para a} casa, {CT|paƒ=para as} pessoas e avisam para ir: "Tal dia, às tantas horas, apareça porque vai-se tirar os ossos" e tudo. Que aquilo é interessante! Tudo (comido), o osso inteirinho, no fundo da cova, tudo. [AB|Havia] Andavam pessoas lá por lá. Estavam lá duas miúdas, uma solteira [ABle{fp}] e uma casada, juntamente com o marido. Eh pá, a miúda chorava (por) chorar! Viu [AB|{fp}os] os ossos do pai no fundo da cova, mas {CT|kẽ=com a} cabeça tombada à banda. {pp} Pôs-se-{PH|li=lhe} na ideia que o pai que tinha ido vivo, morto, que tinha ido vivo {CT|pa=para a} cova e que acabou de morrer no fim de {IP|tar=estar} tapado, de {IP|tar=estar} fechado. E o coveiro a dizer para eles: "Ó menina, [AB|{PH|nẽ=não} se] {PH|nẽ=não} se preocupe por isso. Não é"...

INQ1 Assim, notava-se se tinha a boca aberta...

INF "É a gente, [AB|quando é a arrear] quando é a arrear para baixo, quando é a arrear, a voltar aí [AB|os{fp}] os caixões, quando é a arrear para baixo, e tudo, é claro, sempre aquilo desanda para um lado e para o outro. O corpo lá dentro {PH|'trõs=torce}. Vira-se para uma banda ou vira-se {CT|pra=para a} outra. E é assim (é) que foi (o) seu pai". E depois até a outra irmã mais velha, disse assim: "Ó senhor, para ver se cala a minha irmã, veja lá aí na perna direita, ele há-de ter aí uns ferros, que ele partiu uma perna e ele [AB|nunca m-, nunca t-] nunca tirou os ferros". Assim {fp}as talas [AB|que, quando, quando] quando partem uma perna, ou um pé, ou qualquer coisa assim. E o homem foi lá ver, realmente lá {IP|'tave=estava}.

INQ1 Rhum.

INF Aquilo depois é metido dentro dumas urnas pequenas e vai {CT|pa3=para as} gavetas. {pp} Porque o cemitério lá tem tudo cheio de gavetas e [AB|vai] vai tudo {CT|pa3=para as} gavetas.

INQ2 Pois, umas gavetas.

INF Ali depois é que fica. E tudo. Também lá há, para esta gente [AB|mais, da maior] lá da mais alta, [AB|que{fp}] {IP|ta=está} os caixões inteiros. Também há aquelas coisas. Em (.../NPR) também lá havia. Também lá havia.

INQ1 Os jazigos.

Código de identificação do ficheiro: MTV47-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609b min: 05:53-06:59	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 18	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INQ Portanto, quando aparece assim uma fruta...

INF Aquele dono... {PHInẽ=Não} se esqueça.

INQ Diga.

INF Aquele dono que era lá da propriedade onde as meninas ficam, tudo...

INQ Rhum-rhum.

INF Ele {fp}era doutor de mal de peles. E apanhava a fruta ou mandava apanhar. Tinha lá muita fruta. Aquilo era [ABlu-] uma quinta que aquilo era ali um algarve! Aquilo [ABInem] nem queira imaginar! [ABl(Aquilo)] (Aquilo) era tudo quanto era rico! Cá fora, {PHInẽ=não} {IPlta=está} uma correnteza de casas com uma varanda (de baixo)?

INQ Isso.

INF Era a casa dos criados! Tinha tudo quanto era preciso! Isso aí era a casa dos criados. Cá em baixo, há a eira, há uma casa {PHl=ao} lado que é a casa da eira, há um barracão daquele lado dali – esse era do gado; é os tais barracões que usavam dantes {CTlpo=para o} gado (em) ficar, que nós (acabámos) de falar aí.

INQ Sim, sim. Rhum.

INF E ele dizia muita vez que nós que {PHInẽ=não} sabíamos comer fruta, que a gente nunca devia de debulhar a fruta. Tirar aquele veio de dentro, limpar tudo, que é isso que é que faz mal. Que propriamente a casca, apanhava-se, e [ABlti-] limpava-se o (podre), ou limpava-se toda por dentro e comia com a casca. Cortava-se {PHlõ3=aos} bocadinhos e comia. Que a casca que ajuda a fazer a digestão, dizia ele muita vez... [ABIE ele] E ele nunca queria [ABInem]! {CTlpa{=Para as} criadas era a mesma coisa: nunca queria [ABlque, que] que descascassem a fruta.

Código de identificação do ficheiro: MTV48-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609b min: 10:04-10:53	Inquiridor2:
Assunto: As árvores de fruto e os frutos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 19	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INQ Olhe, e aquilo quando se aperta, por exemplo, um limão, o que é que sai de lá de dentro?

INF Sumo.

INQ E assim quando uma árvore...

INF [AB|O limoeiro] O limoeiro,

INQ Sim.

INF tenho ali dois [AB|que foram] que foram criados ou {IP|tẽw=estão} criados de pernada. Espetei-os e pegou.

INQ E pegou.

INF O pé, o pau pegou e tenho ali dois pegados.

INQ Rhum-rhum.

INF Tenho duas tângeras e tenho uma laranjeira, essa até foi enxertada. É da Baía, mas é maçã.

{PH|nẽ=Não} tem pele. O gomo de dentro nem pele tem! Nem tem caroço. E é cada uma que é {fp} assim!

INQ Ai, essas devem ser ótimas!

INF Muito doce, muito bom!

INQ Que maravilha!

INF E as tângeras também são muito boas!

INQ E então assim, sem caroço!

INF As tângeras também são muito boas!

INQ Ai!

INF (E a comer) /Em comendo\ uma laranja daquelas minhas, uma pessoa fica abarrotado. Depois de almoço ou coiso... Fica! Pois fica.

INQ São boas!

Código de identificação do ficheiro: MTV49-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060910 faixa: 1S0609b min: 16:30-17:53	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: As árvores de fruto e os frutos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 20	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07	

INQ1 Umas parecidas com a cereja, mas mais escura?

INF Ginja.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E há também cereja preta. {pp} Há cereja roxa, assim grande, e{fp} por acaso temos ali uma cerejeira de cereja preta. Até ontem {IP|'tavẽ=estava} lá {PH|o=ao} pé dela [AB|e ta-] e {IP|'tavẽ=estava} cheia já de resina – tinha assim resina [AB|laga-] agarrada –, e eu {IP|'tavẽ=estava} lá e {IP|'tavẽ=estava} lá [AB|o meu so-] o meu bisnetozito pequeno, começou a pegar comigo e depois vai-se agarrar a mim, [AB|tam-] {IP|'tavẽ=estava} só a dizer para mim assim: "Ah compadre resina! Compadre resina"! A chamar-me compadre resina. Aquele maroto! [Risos]

INQ2 O seu neto é cá um maroto!

INF [AB|Levanta] Levanta coisas! {pp} Levanta coisas! Ele conhece toda a gente! Ele sabe logo. Uma é a senhora dona isto, senhora dona aquilo, conhece toda a gente.

INQ2 A árvore que dá estas, como é que se chama?

INF Estas... {pp} Eh pá, eu sei o que é aquilo!

INQ2 Ai sabe! Esteve-me a dizer há bocadinho.

INF Pois é.

INQ2 Que disse que as suas que são... Uma pessoa...

INF As cerejas?

INQ2 Não, aquelas que disse que tem umas ali muito doces, sem caroço, nem nada.

INF Ah, [AB|lé{fp}] é as tângeras.

INQ1 Pois.

INQ2 E da família das tângeras mas maiores?

INF Ah, bom, tenho só... Bom, isso é a tângera.

INQ2 Pois.

INF [ABI|Há, há] Bom, tenho {pp}... Não há mais nada. Não há{fp}. A laranja?!

INQ2 Pois.

INF Só. [ABIE é] E é a tângera. [ABI|Até tenho] Mas as minhas tângeras [RP|as minhas tângeras] são até de duas qualidades. São duas.

INQ Ah!

INF São até de duas qualidades: uma até é mais doce (aí) que outra. {pp} São.

Código de identificação do ficheiro: MTV50-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade: <input type="checkbox"/>	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0610a min: 03:24-04:00	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 21	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INQ Isto é o rasto do meu sapato?

INF Do sapato, pois.

INQ Sim senhora.

INF Pôr uns rastos – às vezes manda-se pôr.

INQ Rhum-rhum.

INF Pôr meias solas – às vezes é só metade. Pôr umas gáspeas. {pp} Sabe com que é que é parecido um sapateiro?

INQ Não, diga lá.

INF Com um copo de vinho.

INQ Essa agora!

INF Parece mentira, hem?

INQ Diga-me, explique-me lá isso.

INF Pois é. A gente chega [AB]la uma] a uma taberna, manda vir um copo de vinho, põe em cima do balcão. Tomba-o e vira. Portanto, é o sapateiro que [AB]tem] põe tombas e põe viras nos sapatos. É que é parecido com um sapateiro. Depois lá tomba e vira. {IP}ta=Está} a ver?

Código de identificação do ficheiro: MTV51-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0610b min: 19:47-21:03	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 22	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INF Eu gosto de brincar. É terrível! Eu, uma vez, também me pediu para eu ir também naquele adjunto. Eu ia [AB]mais um, mais] mais quatro rapazes. Ia aqui o meu compadre, este que esteve aqui, e mais dois – que {PH|'tε=até} já morreram, os dois – {fp} em cima [AB]dum, dum] do estrado [AB]dum] dum tractor e com uma mesa e íamos a jogar às cartas. Aquilo tudo, a jogar às cartas, e para aqui, para além, a jogar. Fazer aquele papel do Carnaval! E com uma borracha assim em cima, mas ia cheia de água. Mas eles pensavam que aquilo que era vinho! E a gente com um chavelho – uns copos de chavelho que às vezes há nas adegas, que se faz uns copos de chavelho... Nunca viram nas adegas?

INQ1 Sim.

INQ2 Já vi.

INF Há uns copos de chavelho. E a gente com aquilo a fazer que {IP|'ta=está} a {PH|bu'er=beber}, assim o povo a rir-se, tudo. E a música a tocar – a gente temos aqui uma filarmonicazita –, a música a tocar e depois ali [AB]na] na encruzilhada fazíamos ali um baile quando era {PH|o=ao} resto; e outros, aqueles a cantar; outros doutra camionete a caldeirarem com um fogão aceso e a comerem petiscos, e a {PH|bu'erĩ=beberem}, e a cantarem, e tudo. Tudo. As raparigas {fp} vestidas de vários, [AB]como o, como os] como as pessoas antigas, quer dizer, dessas pessoas dos reinados, [AB]dessas] dos reis, com aquelas fardas, aquelas coisas. Eu não sei onde é que elas iam buscar [AB]aquelas] aquelas fardas. Tudo vestido, tudo, feitos de papel, e outras de propriamente [AB]de] de roupa. Enfim, quando é assim pelo Carnaval, faz-se sempre aqui uma grande festa.

INQ1 Fazem sempre festas?

INF (...) Faz, sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: MTV52-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S060910 faixa: 1S0610b min: 21:04-27:37	
Inquiridor2: Ana Paula Banza	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 23	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07	

INF Pois é. Pois eu queria contar uma coisa. Por exemplo, a gente vamos trabalhar, vamos {CT|pa=para a} charneca. Vamos, por exemplo... [AB|la m-] Ia companhas de homens – chamava- {PH|l=lhe} a gente uma companha {pp} de homens, com um capataz, e que falava {PH|o=ao} pessoal – e ia {fp} ou cortar mato, por exemplo, para dentro [AB|do] do povoado [AB|de, de] dos sobreiros, portanto, aqueles sobreiros, cortar, limpar, fazer limpeza, fazer limpeza [AB|à {fp}, {PH|o=ao} {fp}] {PH|o=ao} sobreiral que estava, por exemplo {fp} àquilo, e fazer limpeza. E é claro, a gente, então usávamos umas roçadeiras para cortar o mato. Quando era em Março e Abril – a gente íamos justo por sete meses –, quando era em Março e Abril ia-se queimar. Queimar, tinha que se queimar {PH|o=ao} contrário. Quer dizer, tinha que se queimar {fp} {PH|o=ao} contrário do vento. Tinha que se pôr e aquilo ia ardendo, o vento {IP|'tavê=estava} a bater para aqui, mas aquilo ia sempre moendo e ardendo. E a gente íamos puxando com os tais ditos {fp} forcados, que {IP|'tavê=estava} aqui um numa planta dum livro, {pp} que {IP|'tavê=estava} aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INF A puxar. É claro, e a gente depois tínhamos que fazer o comer e comer. Tínhamos que fazer o comer e comer. A gente usava lá uns cochos de cortiça – chama- {PH|li=lhe} a gente o cocho – era o prato. Aquilo arranjava-se uma navalha, ali tudo raspadinho fora e tudo, e fazia-se o assento, {IP|'tavê=estava} ali. Tínhamos [AB|umas] umas panelitas de barro que se usavam, que os oleiros usavam dantes, que essas panelitas chamava- {PH|li=lhe} a gente uma púcara {pp} àquilo. Que era [AB|para] para {IP|tar=estar} a cozer o feijão, ou as couves, ou o arroz, ou (tudo o) que a gente lá deitava, tudo. Tínhamos essas púcaras. Tínhamos uns tachos, também de barro, com um rabozito pequeno assim, que a gente punha, fazia uma cova no chão assim [AB|deste] desta coisa, da largura da

enxada, funda. E {fp} nas barreiras era para assentar as vasilhas do comer, aqui assim. Para assentar em cima. Isto chama-se [AB]uma, uma, uma, uma] uma ferveadeira. Esta coisa aqui.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E a gente punha ali a coisa em cima. E depois, por exemplo, a gente quando era principal da manhã, quando era por exemplo aí às nove horas, antigamente trabalhava-se de sol a sol, [AB]e quando era p- quando às vezes era [AB]p-, por, por] por a noite adiante ainda. [AB]E] E é claro, quando eram nove horas íamos almoçar. Íamos almoçar, a gente íamos fazer o comer e para comer. Mas o almoço, tinha que se estudar a maneira sempre {CT}p=para o} almoço de aviar mais depressa. O que é que a gente [AB]foi, f-, que a gente] fazia parte das vezes? Punha o tacho {PH}o=ao} lume com uma pinga de água, punha-{PH}i=lhe} um dente de alho, ou dois, e punha-{PH}i=lhe} uma folha de louro e depois íamos {PH}o=ao} cocho, íamos migar o pão. Havia [AB]esse] este pão saloio – que ainda às vezes ainda aparece por aí, que chamam-{PH}i=lhe} o pão saloio –, havia esse pão, (que) custava um pataco. Sabe quanto é que era um pataco?

INQ2 Não sei.

INF É dois vinténs. Sabe quanto é que era um vintém? São quatro moedas de cinco, ou seja duas de dez. Que havia antigamente. Um tostão [AB]tinha] tinha cinco moedas [AB]de, de] de vintém. Quer dizer, um vintém é quatro moedas de cinco. É esse dinheiro antigo que havia assim. Que eu uma vez fui-me para acolá {CT}pa=para a} feira, para Abrantes, mais um irmão meu – já lá {IP}ta=está} também, que era até 'encanalizador', {IP}tav=estava} em Lisboa – [AB]e] e tinha nascido a minha irmã mais nova. E eu depois fui-{PH}i=lhe} pedir à minha mãe – bom, seja a minha madrasta, mas eu tratava-a por mãe porque eu fiquei sem mãe da idade de dezoito meses, mas eu chamava-{PH}i=lhe} mãe – (para ir para): "Ah, não. Não tenho dinheiro. Eu não tenho dinheiro e queria ir à feira mas {PH}n=não} tenho dinheiro", e tal. Disse: "Olha, vai aí" – ela {IP}tav=estava} na cama – "vai aí à tábu da chaminé"... Há estas casas antigas que têm uma tábu na chaminé assim por cima. "{IP}ta=Está} aí cinco tostões e leva-os". E eu levei. Fui lá (vi) /vi-me\ duas barracas de circo, vi uns bonecos, {PH}id=ainda} trouxe dinheiro, sabe. Com cinco tostões, [AB]duas] eram cinco moedas [AB]de, de] de vintém e [AB]cada moeda] uma moeda de vintém tem duas de dez. Era duas moedas de dez. [AB]E] E essa moeda de dez são duas de cinco. Um vintém era dividido [AB]em] em quatro partes, tudo. {pp} E de maneira que a gente comprava aquele coiso e depois punha lá. A gente arranjava o cocho e a gente íamos comprar o pão [AB]ou]... Pois o pão, a gente usava a comprar o pão, por exemplo, de dois em dois dias é que a gente comprava o pão. Aquilo era {PH}kwazi=quase} sempre pão caseiro porque era {PH}kwazi=quase} cozido cá nos nossos fornos [AB]e]. A gente migava uma quantidade de sopas para dentro [AB]de, de], {fp} migas para dentro do coiso e depois deitava-se-{PH}i=lhe} um coisinho de sal, {fp}o tempero que era preciso, o sal, o azeite, e tudo, chamava-{PH}i=lhe} a gente (aquilo) /aquilo\ um capacho.

INQ1 Ah!

INF Ah, a comer. E depois comíamos. Era como a uma açorda! Vamos lá por aqui {fp}. Vamos lá já a falar como é coisa: é [ABluma] uma açorda. E depois mexia-se bem. Aquilo fervia, aquilo tudo e a gente chamava (aquilo) /àquilo\ um capacho. Tínhamos um bocadito de bacalhau para assar. Tínhamos, por exemplo, ou (um) bacalhau, um bocadito de toucinho. O bacalhau, às vezes, era só uns coisitos assim pequenos. Tudo. Ou uma sardinha, ou qualquer coisa assim. {fp} E outra coisa {pp} – que esta menina deve saber, {pp} é lá de cima, deve saber –, outra coisa: a gente lá usava para ter a sardinha, ter o conduto – ter o conduto, chama-{PHlli=lhe} a gente o conduto, (o) bacalhau e essas coisas todas –, [ABlum] um cortiço, {pp} tudo. Que a gente punha um bocado numa folha de cortiça por exemplo assim desta largura, comprida, punha no lume com o carrasco, a parte preta, para baixo {CT|pɔ=para o} lume, aquilo ardia, aquele carrasco, a gente (...) aquilo. E depois estava muito maciinha – a cortiça torna-se muito macia, depois – e depois estendiam no chão, apagava. E depois a gente enrolava aquilo assim e fazia [ABlum, um cartu-] quer dizer, [ABlum, um] um canudo, vamos lá por aqui. [ABIUm] Um canudo, fazia. A gente chamava a isso um roleiro, que era para onde a gente punha. Que depois arranjava uma rolhas, punha uma por baixo, punha outra por cima. A rolha tinha uma 'descavação' em volta pelo lado de dentro para enfiar dentro por causa [ABldo] da bicharada, da coisa.

INQ1 Ah!

INF Pois. Chamava-{PHlli=lhe} a gente o roleiro [ABlã, à, à, àquele] àquele cartucho. Tínhamos outra coisa que a menina sabe {pp} esse nome. Quer dizer, a gente aqui {PHlnẽ=não} sabe. Também se fazia isso assim em volta em cortiça. Punha-se o fundo, punha-se uma asa de cortiça com um coisito de lado, era onde se nos levava o comer, quando a gente íamos depois para longe, que a gente levava o comer. Chama-se isso uma tarreta. Não é?

INQ1 Acho que sim.

INF É onde é que leva o comer. Os pastores lá usam muito aquilo.

INQ1 Rhum-rhum. Pois é.

INF Tudo. Agora lembrou-me isso. Eu depois eu {IP|tiv=estive} a estudar e lembrou-me isso. Porque perguntou-me por causa quando levava numa corna as azeitonas, queijos, e tal, tal, tal. E a gente levava naquele roleiros.

INQ2 Exacto

INQ1 Rhum-rhum.

INF Nos coisos é que leva o conduto [ABlquando é], chamavam-{PHlli=lhe} um roleiro. E a tarreta [ABlé] era o coiso onde ia o comer. É como a um tacho.

INQ2 Pois, pois.

INF O que é que tinha a {fp} asa móvel, como [ABla] a uma asa numa cesta. De cortiça à mesma, e tudo. Mas aquilo é limpinho! Nem queira saber!

INQ2 Pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: MTV53-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S060910 faixa: 1S0610b min: 30:36-31:35	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: Os animais domésticos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 24	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INQ1 Mas eles às vezes não ladram, fazem assim um barulhinho...

INF Pois, pois. São. E outras vezes mordem [AB|sem] sem falar [AB|que{fp}].

INQ2 Ontem estava ali um ... que o senhor disse que estava aqui.

INF [AB|T-, t-] É um ditado antigo: livrar do cão que não ladra e do homem que {PH|nẽ=não} fala.

Isto é um ditado antigo. São sempre maus: o homem que {PH|nẽ=não} fala, anda sempre a pensar no mal, olhe. Sempre. Sempre a pensar no mal. É porque uma vez Deus Nosso Senhor foi passear mais o São Pedro. E depois ia por uma coisa fora, andava um homem a lavrar mais um boi. Aquilo tinha muito calhau, muito seixo – uns chamam seixo, outros é calhau; aqui é calhau, mas em várias partes é seixo que chamam assim isto que {IP|ta=está} aqui, {pp} que chamam.

INQ Rhum-rhum.

INF Eu como sei {PH|e'kwazi=quase} as duas línguas, {fp} digo uma coisa e outra.

Código de identificação do ficheiro: MTV54-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 00:06-01:27	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 25	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INF "Vai para ali, chega para diante, anda para diante", e tal. [ABIA p-, a pre-] A pregar com os animais. Passou Deus Nosso Senhor e o São Pedro e Nosso Senhor dizia: "Guarde-os Deus, senhor". "Vá lá com Deus". Assim a falar mal [ABI{CT|pɔ=para o}] para Deus Nosso Senhor. Não sabia que era Deus Nosso Senhor. Chega mais adiante andava um outro com um rosário de contas na mão, a trabalhar, mas andava com o rosário de contas, e andava a rezar. Andava a rezar por ali fora. Deus Nosso Senhor passou, {PHInẽ=não} {PHIli=lhe} disse adeus. Voltou a cara à banda e passou, andou. Diz o São Pedro para ele: "Então mas o meu divino mestre, aquele senhor que andava [AB|a, a] a rogar pragas, a chamar nomes {PH|oz=aos} animais, e para aqui e para além, [AB|e] e disse-{PHIli=lhe} adeus, e este que anda aqui com um rosário de contas [AB|nã] não disse nada". "Olha, rapaz, {PHInẽ=não} sabes o que é? É que aquele andava a rogar pragas, andava ali assim, andava irritado, andava arreliado porque o serviço não {PHIli=lhe} surdia, não andava e tudo, e andava {CT|kɛ'kelɛ=com aquela} preocupação. E andava irritado e tudo. [AB|Nã] É claro, andava irritado, tínhamos que animá-lo para ele se [AB|conse-] consertar, e tudo. E este que andava a rezar de contas não andava a rezar pela nossa crença, pelo nosso coiso. Andava [AB|a{fp}, a p-] a pensar e a estudar a maneira donde havia de ir roubar as coisas esta noite". E andava com o rosário de contas que era um santo muito grande. Portanto se diz: livrar do cão que {PHInẽ=não} ladra e do homem que {PHInẽ=não} fala. Anda a pensar na malandrice. Não anda a pensar noutra coisa. É só nas malandrices.

Código de identificação do ficheiro: MTV55-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 02:34-03:46	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 26	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INF Assobiar?

INQ Sim.

INF "{PHInẽ=Não} quero que você assobie". Pois olhe, mas [AB|{PHInẽ=não} se] {PHInẽ=não} se vá sem resposta. Eu andava... Porque {fp} há certos trabalhos, por exemplo, a gente assim tirar a cortiça, pode andar a cantar em cima dos sobreiros.

INQ Rhum.

INF É [ABlé ma-] mais ou menos o hábito. Andar ou {fp} a tirar cortiça ou, por exemplo, ou a arrear ou qualquer coisa, anda a cantar. Em cima dos sobreiros, anda a cantar. Há qualquer outro serviço, muitos, que se pode cantar. Mas, por exemplo, cá do nosso lugar, por exemplo um homem a cavar dentro duma vinha, a cavar, ou ande a sachar, ou ande {fp} a fazer qualquer {fp}, ou a pôr qualquer planta, qualquer coisa, não, anda calado. [AB|Nã] Não anda a cantar, a assobiar. Eu trazia lá um rapaz – que ele é assim a modo um bocadito [AB|to-] tarola – [AB|le] e andava a cantar. Assim: "Eh pá, (também) /tu bem\ julgas que andas no rancho das mulheres ou quê? Então andas aí a cantar e a assobiar". [AB|(...)] No rancho das mulheres é] As mulheres é que andam a cantar [AB|le a] e a assobiar, quando andam a trabalhar, fazer qualquer serviço: apanhar a grama, ou ceifar, ou fazer (isto então tudo). "Então mas andas no rancho das mulheres? Então andas aí a cantar? Tudo. Então isto aqui é o rancho dos homens, é outra coisa, pá! Não se anda cá"... "Ah, eu assobio só para mim"! Foi a resposta que ele me deu. "Eu assobio só para mim". "Eh pá, mas os demais também {IP|tẽw=estão} a ouvir"! Este é a modo taradozito, de assobiar. Pronto.

INQ De assobiar.

Código de identificação do ficheiro: MTV56-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 09:29-11:13	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: As aves de capoeira	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 27	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07

INQ1 Olhe, mas os ovos nem todos dão pinto. Portanto, para eles darem pinto...

INF É os que não são galados.

INQ1 Portanto, têm que ter a?...

INF É galados, pois.

INQ1 Não, aquela pintinha branca.

INF Pois, justamente.

INQ1 Como é que se chama essa pintinha branca?

INF É a galadela.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Vê-se, que eu também tenho prática nisso que já {IP^ltivi=estive} a guardar num aviário. A gente tínhamos um coiso, [AB]com} por meio de electricidade, e a gente via se o ovo {IP^ltavẽ=estava} galado ou não {IP^ltavẽ=estava} galado.

INQ2 Ah!

INQ1 Rhã!

INF Eu tenho corrido tudo, homem! É pouco! E depois o que é que...

INQ1 Não há nada que o senhor não tenha feito!

INF Pois. Então não é? Não se mete dentro dum aparelho, dentro duma caixazinha, ligado com electricidade.

INQ1 Não sei, não sei. Nunca vi. Eu nunca vi.

INF Pois. Ligado com electricidade e a gente depois vê. Por aquele entremeio daquele coiso, [AB]aquilo} aquilo {fp}é transparente, a coisa que se mete, e a gente vê.

INQ1 Se está galado ou não.

INF E (o pinto) {IP^lta=está} ligado e a gente vê se {IP^lta=está} galado ou não {IP^lta=está}.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois.

INF Tudo. Pois vê.

INQ1 Sim senhora.

INF E há ovos que até têm um recortezito {PHlɔ=ao} meio, que são de duas gemas. [ABITem] E têm mesmo duas gemas. Duas. Têm duas gemas. Bom, seja bem [ABlcomo o], por exemplo, como qualquer vivente. Bom{fp}, [ABlou da] ou na (qualidade humana) [ABlhá] há criaturas que têm... Cá houve já uma que teve três filhas até.

INQ1 Pois.

INF Três miúdas.

INQ1 Gémeas.

INF É claro, gémeas, pois.

INQ1 Aqui também há assim.

INF Aqui também há na terra. Também aí há que tem.

INQ1 Que tem assim.

INF {IPlta=Está} uma ali até, olhe, pegado logo à minha casa, adiante. Teve. Também é as únicas que tem. Uma, coitadinha, tem que andar com um aparelho de ferro aqui. Tem qualquer diferença na espinha, {PHlnẽ=não} sei quê. Anda já na escola! Anda já (na) Abrantes, no liceu, (...), ela mais a irmã. Mas a irmã, uma {IPlta=está} desenvolvida, {IPlta=está} toda{fp}, é pi pi, por ali afora. E ela, coitadita... {PHl'ite=Até} [ABlnem] nem sei como ela pode andar {CTlkɐ'kilu=com aquilo}, aqui a segurar uns ferros, a segurar até qualquer (deficiente), qualquer coisa.

Código de identificação do ficheiro: MTV57-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ana Paula Banza CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 15:48-18:53	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: As aves de capoeira	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 28	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Fev.07	

INQ1 Olhe, e aquele sítio da galinha onde a comida é, é remoída?

INF Pois.

INQ1 Como é que se chama?

INF É o morsó. Morsó.

INQ1 Morsó?

INF Pois é.

INQ1 Morsó. Portanto, é aquilo que depois até se, quando se compra o...

INF Pois. Abre-se, tira-se aquelas areias, aquilo tudo onde se faz a digestão e tem uma pele. Tira-se aquela pele.

INQ1 Até se põe na canja depois e tudo, não é?

INF Pois. Pois, mas é depois a outra parte. A pele [AB|b-] deita-se fora. [AB|Pa-] A pele até é amarela! [AB|{IP|ta=Está}] Até é amarela. A outra parte que se deita depois na canja, é claro, é que é depois migada e tudo. Que é o morsó, é as miudezas, [AB|é] é{fp} o fígado, [AB|é] é os pés, ou qualquer coisa. Agora nem deixam vender, já {PH|nẽ=não} deixam vender isso {CT|pa=para a} comida [AB|nas pra-] nas praças.

INQ1 Não sei.

INF Essas miudezas, {PH|nẽ=não} deixam. {PH|nẽ=Não} deixam.

INQ1 Dantes vendiam.

INF Às vezes, muitos compram. [AB|mas é] mas é para [RP|para] deitar {PH|oz=aos} animais, ou qualquer coisa. Mas {PH|nẽ=não} deixam. Isso é até proibido!

INQ2 É? Não sabia.

INF É, é.

INQ2 Não sabia.

INF Isso é até proibido!

INQ1 Eu gosto muito disso na canja.

INF Olhe, em Odivelas é que há lá umas poucas de casas de frangos [ABle] e eu sei que não. Tudo. E quando é na praça, quando a gente ia à praça, e tudo, {IP|tavε=estava} aquilo... [AB|M-, N-] Quando {IP|tẽw=estão} a vender, [AB|n-] naquela parte onde {IP|ta=está} a vender a carne, os frangos, e os coelhos, [ABle{fp}] e enfim, a carne toda separada, há aqueles tabuleiros, [AB|aqueles] aquelas caixas cheias, aquela bagagem, mas isso é vendido mas é [AB|para] {CT|prɔz=para os} animais.

INQ1 Mas dantes vendiam. Dantes vendiam.

INF Mas compram. Muita gente compra e aproveita e come.

INQ1 Vai para a canja.

INF E eu (tenho-a) /tenho\ comido também. [ABIE] E sabe-me bem na canja.

INQ1 E é bom.

INF Aquelas miudezas (e o morsó). Pois é. Pois.

INQ1 É bom!

INF Pois é.

INQ1 Olhe, e aquela, aquela gordura amarela das galinhas que não se aproveita?

INF Glândulas. [AB|É, são] Chamam as glândulas, pois.

INQ1 Aquela parte gorda, amarela.

INF Pois, pois. Dizem que aquilo que {PH|'tε=até} é bom quando a gente tem papeira, para esfregar isto aqui na coisa.

INQ1 Diz que sim, não sei se é verdade.

INF Pois. É bom.

INQ1 ...

INF Quer dizer, digo aqui coisas que vocês nunca ouviram, e depois {PH|'idε=ainda} vão fazer mangação de mim. Eu cá, eu falo [AB|que é para].

INQ2 Não vamos nada, aprendemos é com o senhor.

INF Depois [AB|eu já du-] eu já duro pouco tempo, nem que venham à minha procura, já cá não me acham.

INQ1 Oh!

INF [AB|Os dias já são]

INQ1 É isso, é.

INF [AB|Os dias já] Os dias já são muitos.

INQ1 Ah! Não achamos agora...

INF É. Os dias já são muitos, que eu tenho.

INQ1 Não achamos agora, está aí tão rijo!

INF Pois.

INQ1 Ainda a gente há-de cá vir daqui por uma data de anos completar o inquérito, ainda, ainda havemos de encontrar aí o senhor Guilherme.

INF Gostava eu de saber!

INQ1 Rhum-rhum.

INF Realmente gostava.

INQ1 É capaz!

INF Eu gostava de saber.

INQ1 É capaz disso! A gente ainda há-de depois completar as outras partes.

INF {IP|ta=Está} bem. Porque{fp} eu, bom, [AB|nã] não {IP|to=estou} a dizer isto [AB|com] com coisa de, enfim, de ofender qualquer [AB|p-] pessoa, de todo! Mas {fp} faço esforço para dizer. Tenho gosto!

INQ1 Rhum-rhum.

INF {IP|ta=Está} a perceber? Conforme tenho gosto de fazer qualquer serviço. Quando era cá nos meus patrões ou [AB|no, no, no] nos meus superiores, nos engenheiros, quando andava aí com eles, tinha gosto de tudo porque eu às vezes dizia: "Ó senhor fulano, mas olhe lá, mas fazer isto assim ou{fp} assim desta forma, e tudo, é capaz de calhar melhor, e tudo". "Então vá lá fazer". E eles concordavam com muitas. Muitos serviços que eu descobria na minha ideia e eles concordavam. Eles concordavam com isso, os engenheiros.

INQ1 Ia fazer, e depois ...

INF Eu ia fazer e eles depois viam, pronto.

INQ1 E aprendiam.

INF Pois é. [AB|E é] E é claro, e aprendiam.

INQ1 E aprendiam, pois.

INF E aprendiam.

Código de identificação do ficheiro: MTV58-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 18:54-20:15	Inquiridor2: Maria Lobo
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 29	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF Pois é. Quando foi da coisa – {PHInẽ=não} sei se eu contei, {pp} {PHInẽ=não} sei se contei às meninas...

INQ1 Não sei, diga lá.

INF {PHInẽ=Não} sei se contei isto. [ABlQue-] Se quer desligar, desligue, mas...

INQ1 Não, diga, diga.

INF (É) por acaso (é uma prova) de tudo. [ABlEu] {fp} {IPl'tavẽ=Estava} lá [ABlum, um] um engenheiro – que era o senhor engenheiro Haroldo, ele depois foi {CTlpa=para a} América, que era ali de cima do Sardoal {pp} – [ABle] e ele {IPl'tavẽ=estava} – eu parece que eu que já contei –, (que) ele {IPl'tavẽ=estava} (doido) e eu disse que (ele) {PHInẽ=não} (tenha) na ideia que há podadores de árvores.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Eu {PHInẽ=não} contei já?

INQ2 Talvez.

INF Não? Contei?

INQ2 Contou.

INQ1 Contou.

INF Pois. [ABlNã há] Não tenha a ideia...

INQ1 Não há nenhuma, não há ninguém que não seja bom agricultor.

INF Podador, não é? Há árvores para podar.

INQ2 Pois.

INF Pois, é claro. E ele depois agarrou-se a mim: "Sim senhora, aqui tenho mais uma para contar {PHlõ=aos} meus colegas". Vê que ele aprendeu comigo? (Que) eu disse para ele. {IPl'tavẽl=Estava-

lhe} a parecer mal. {IP|'tavɐl=Estava-lhe} a parecer mal, quer dizer, {IP|'tavɐl=estava-lhe} a custar, ele ser um homem mais ou menos educado,

INQ1 Rhum-rhum.

INF e um homem com provas e com essas coisas todas, e ele {IP|'tavɐl=estava-lhe} a custar. E acolá ia com o senhor engenheiro Hálío, [AB|que era] que era o director [AB|do] da Casa Agrícola de Santarém, [AB|que {IP|ta=está}] que é lá em baixo em (Vale de Estaca), não sei se conhece?

INQ1 Não.

INQ2 Vale de Estaca.

INF É quando a gente desce para baixo, desce ali [AB|lá] à praça para baixo, tudo, e aquilo vai para baixo, é a que vai para Lisboa, vai para aquele lado, pois, (aquele lado). É aí [AB|lé que {IP|ta=está} a] é que é a Escola Agrícola. Há lá de tudo. Há animais, há tudo, (gado). E vão para lá os engenheiros tirar as provas, {pp} essas coisas todas.

Código de identificação do ficheiro: MTV59-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611a min: 20:16-31-18	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 30	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF [ABIOlhe que eu] Olhe que eu, infelizmente – ou infelizmente ou felizmente –, já o meu patrão tinha uma confiança em mim doida. Eu achava por mim. Eu achava por mim. E isso, portanto, fazia o inquérito todo que eu podia. Tudo. Mandou-me com dezanove seminaristas que foram tirar a alternativa a Fátima. E eu fui com uma carroça, com um animal engatado a uma carroça, para levar as batinas e os farnéis deles. E eles foram daqui de Constância a pé para lá. Tudo. Eram dezanove e o padre. [ABIQue] Que eles eram do Gavião.

INQ Rhum-rhum.

INF O padre era o padre Augusto [ABlque era o]... Tudo. E [ABLEu fui] eu fui com eles. Chegámos lá, olhe, foi numa segunda-feira de manhã, eram umas seis horas que a gente {IP|'tavẽ=estava} em Constância, cheguei aqui numa quinta-feira à noite. Andei com eles por aquelas terras e [ABlfiquei] fiquei no Convento em Tomar.

INQ Rhum.

INF Fiquei em várias [ABlas] bandas assim, nos conventos e tudo. E eu, graças a Deus, tem-me cabido cá tudo na cabeça, na ideia. Que eu também fiz a comunhão, também sei rezar, sei tudo. Mesmo hoje eu vou à missa, também rezo, canto, {pp} juntamente as ordens da missa, parte de algumas que eu sei, ajudo a cantar, e essas coisas todas. Tudo. Que eu vi: esta menina foi tomar a hóstia lá acima e veio, logo ali quase {PH|õ=ao} fundo ajoelhou-se a rezar para cima. Que eu {PH|'vinẽ=vi-a} vir por lá pela coisa abaixo. De maneira que fui lá, {pp} quando foi [ABlp-] pela Fátima, eu {pp} fui lá [ABLE, e] e fui com eles, mandado [ABlpor] por eles. É claro, eles iam a pagar promessa. Iam pagar a promessa, chegou a pontos que, é claro, não {IP|'tavẽw=estavam} habituados, calçados, com o calçado e tudo, empolou-{PH|li=lhe} os pés todos. [ABIForam buscar] Fui comprar [ABlãs] às farmácias pasta de algodão em rama para eles enfiarem nos pés, e tudo. Bom, mandado por eles, {IP|ta=está} muito certo. E quando lá cheguei, foi em Maio, numa altura que coroaram a Senhora, que vieram cá os espanhóis coroar a Senhora, com a coroa de ouro. Não sei se se lembram disso? [ABIveio] Vieram cá coroar a

Senhora. De maneira que a gente {PHInẽ=não} podia ir pelo caminho a direito para fora. Tivéramos que dar uma volta por cima e, quer dizer, entrei por cima. {pp} É que entrei. E depois cheguei lá {PHInẽ=não} me deixavam, os membros que pertencem [ABlã, à] lá à direcção [ABlda] da Fátima, não me deixavam lá {IP|tar=estar} {CT|kẽ=com a} carroça. {pp} {PHInẽ=Não} {IP|tavẽ=estava} lá. Só {IP|tavẽ=estava} [ABlaq-] os carros finos. E os carros pesados, e tudo, era tudo cá para fora. Tudo, mas muito longe! Mas eu tinha as batinas, {pp} tinha os farnéis deles. Eles assim que lá chegaram, foram-se (logo tudo) embora e não havia meio. Fui à procura [ABldo, do] do professor deles, do padre Heliogábalo, disse para ele: "Ó senhor prior, {IP|tas=está-se} aqui a (cortar) um papel grande. Então pois agora fazem-me ir lá [AB|para] para longe! Então tenho aqui um cartão para me ir embora acolá para longe. Então depois, por causa das batinas e por causa [AB|de{fp}] do farnel, como é que se há-de isso aí ser feito"? "Pois é, senhor Guilherme. Então como é que isso há-de ser arranjado"? Eu enchi-me de coragem [AB|e] e digo eu assim: "Se o senhor me ensinar como eu me hei-de apresentar, eu vou pedir {PH|o=ao} senhor bispo. {pp} Se me ensinar, eu vou-{PH|li=lhe} pedir". "E o senhor é capaz disso"? "Sou, sou. Mas o senhor ensina-me". É claro que eu não me sabia apresentar a um senhor daqueles, não é menina? {PHInẽ=Não} tinha estudos nenhuns, {PHInẽ=não} tinha coisa, {fp} eu {PHInẽ=não} sabia. É claro, ele {IP|tavẽ=estava} dentro da capela, na parte de cima – já lá foram a Fátima?

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Já.

INQ1 Já.

INF Eu já lá fui [AB|algum-] algumas catorze ou quinze vezes já, e com gado! (O) que eu sofri aí por esses caminhos fora para lá! E de noite, e tudo. E a quererem-me roubar [AB|a] a 'calda' [ABlda] dos animais – que é o rabo, chamam-{PH|li=lhe} a 'calda' –, (a) quererem-me roubar aquilo que era {CT|põz=para os} arreios, que é [AB|p-] para pôr naquelas almofadas do arreo da carroça.

INQ1 Ah!

INF Que é em cima do lombo do animal. Que eles roubam aquelas coisas para depois ir vender {PH|õz=aos} arreeiros para tudo. Isto {fp} há vida para tudo! Vê, aqui se vai buscar já um ponto atrasado que {IP|tavẽ=estava}...

INQ2 Dos arreios.

INF [AB|Dos a{fp}] Dos arreios. E de maneiras, chego – mas depois ele ensinou-me como é que eu havia de dizer –, e eu cheguei à entrada da capela, o senhor bispo {IP|tavẽ=estava} assentado no meio, [AB|na] na tribuna dele, todo ali estendido, por ali afora, {pp} com o crucificado aqui estendido em cima da barriga, que ele era mais gordo {CT|kẽ=que a} mim, e tinha os escriturários de lado, e mais padres. {IP|tavẽw=Estavam} ali. E eu cheguei lá, e{fp} claro, {pp} persignei-me, benzi-me e depois fiz assim a minha vénia, e ele mandou-me entrar. Depois entrei. Cheguei {PH|o=ao} pé dele ajoelhei-me, ele deu-me o anel a beijar, eu beijei-me e eu persignei-me à mesma, e tudo. E ele: "Levante-se. O que é que deseja"? Depois eu disse, eu disse assim: "Saiba [AB|a Vossa] Vossa Excelência que eu

vinha-*{PHli=lhe}* pedir... *[ABlPorque eu]* Que eu vim com uns seminaristas do Gavião e tenho ali as batas e os farnéis e os membros de cá da direcção não me deixam ficar ali com a carroça que eu ali tenho. E vou para muito longe e como é que eles se podem governar? Não se podem governar de forma nenhuma. E pedia uma autorização *[ABlque o]* que o senhor me desse para eu pôr-me aqui em qualquer lado". *[ABlEu depois]* É claro, ele depois disse *{PHl=ao}* fulano que estava *{PHl=ao}* lado, escreveu, deu-me um cartão para eu trazer, para eu poder estar. E depois amostrava-lhes. Eles iam lá *{PHl=ao}* pé de mim, eu mostrava, (diziam): "Pronto, *{IPta=está}* bem. *{IPta=Está}* com ordem do senhor bispo, *{IPta=está}* bem. Quando foi a sair, é claro, eu persignei-me na frente dele, ele abençoou-me, tudo. Quando cheguei *{PHl=ao}* pé da porta, *[ABlfiz]* voltei para trás, fiz outra vez a mesma coisa, persignei-me, quando cheguei *{PHl=ao}* pé da porta. Ali andei de recuar até *{PHl=ao}* meio *[ABlda, da]* da capela; e depois voltei-me e depois *{PHl=ao}* pé da porta fiz a mesma coisa. Mas eu sei que eles (que) fizeram mangação de mim. *{PHlnẽ=Não}* sabe porquê? Porque quando eu cheguei *{PHl=ao}* pé da porta que me voltei, que me persignei outra vez, eles estavam-se a rir e a falar uns *{CTlpõz=para os}* outros. E a rirem-se. *{pp}* Com certeza que *{IPti'verẽw=estiveram}* a fazer troça *[ABldo, do]* do que eu...

INQ2 Se calhar, não se riram assim tanto, sei lá!

INF Pois, não seria com o defeito *[ABlcom]* enfim, era...

INQ1 Sabe-se lá.

INF Pois, não era. Eu *[ABlfiz]* fiz conforme ele me ensinou. Conforme (me) ensinou a mim. Pronto. E passei isto. Fiquei no convento em Tomar. No convento em Tomar, entrei, eu *[ABlfui, fui lá]* foi-me lá a um padre ensinar onde é que eu havia de pôr a mula e tratar: dar-*{PHli=lhe}* água, dar-*{PHli=lhe}* a ração, dar o comer, e tudo. Quando vim para cá – eram onze horas da noite, quando a gente lá chegou – , quando vim para cá... Conhece Tomar?

INQ2 Sim.

INF É lá em cima no convento.

INQ1 Mas já não me lembro bem.

INF Bom, foi lá em cima no convento. Eu já lá fui até a um casamento, aqui há uns anos duma sobrinha minha que é médica. *{IPta=Está}* *[ABl{IPta=está} no]* no hospital lá de Santa Maria, lá em Lisboa. É médica, uma sobrinha, uma que eu aí tinha. (Que aí) tenho. Eu *{IPto=estou}* *[ABlentre-]* entregue *[ABla{fp}]* a boa gente, mas eu é que sou o mais ruim. *[Risos]* De maneira que eu depois *{pp}*... Claro *[ABlfui p-, pus]* pus lá a mula, quando vim para cá, o *{fp}* padre disse: "O senhor agora sabe o caminho". "Sei. Direito à cozinha". A cozinha era um salão grande dentro do convento, salão grande, (fui direito à cozinha). Depois *[ABlch-]* cheguei *{PHl=ao}* pé dos cozinheiros, era cozinheiros, era (em) homens e criados de mesa. Era tudo (em) homens. Digo assim: "Fazia favor ensinava-me aqui onde é que estava uns seminaristas que vieram (na mesma) companhia". "Olhe, entre aí *[ABla essa]* a esse corredor por ali fora" – que era assim por o meio *{fp}* da sala fora –, "aí *{PHl=ao}* lado direito há uma sala para baixo, eles *{IPltẽw=estão}* aí, *[ABl{IPltẽw=estão}]* *{IPltẽw=estão}* a jantar". Eu fui à

mesma! Eu tinha fome! E não era pouca! Fui à mesma! Não {IP|'tivi=estive} com mais (pés de renda). Mas segui por ali fora, e cheguei. Assim que eu entrei à sala para dentro, lá {IP|'tavẽ=estava} uma mesa de cada banda, (e estava sentado). [AB|O] O professor de lá [AB|do] do convento de Tomar era o senhor padre Helvécio. Era o nome dele era padre Helvécio. {IP|'ta=Está} no cabeçote [AB|da] da mesa. Tem o altar, feito em pano e em pintura, e essa coisa toda, Deus Nosso Senhor, Nossa Senhora, e tudo, e os anjinhos. E (ele) é ali que ele come. E os outros mais inferiores estão de lado. Assim que eu entrei à coisa para fora, o{fp} padre Heliogábalo veio logo caminho direito {PH|o=ao} pé de mim. Veio logo caminho direito {PH|o=ao} pé de mim: "O senhor agora tem que ir acolá {PH|o=ao} pé do senhor padre Helvécio". E eu, claro, fui lá abaixo. Ajoelhei-me outra vez [AB|à p-] à frente dele, beijei- {PH|li=lhe} o anel e persignei-me. Benzi-me, persignei-me. Ele depois mandou-me sentar. Vim outra vez à volta e fui-me sentar. Eu {IP|'tavẽ=estava} a comer, veio a sopa – bem tratado! Bem tratado! –, veio a sopa, veio o cozido, veio a fruta, veio uma garrafa com vinho, e eu depois disse [AB|{CT|pɔ=para o}, {CT|pɔ=para o}] {pp} {CT|pɔ=para o} criado de mesa: "Olhe, fazia favor levava o vinho, que eu não bebo. Mas trazia-me [AB|uma, um] um jarro com água". Que eu, quando {IP|to=estou} a comer, gosto de {IP|'tar=estar} sempre... Bebo uma pinguinha de água, bebo com água. "Sim senhora". Fez isso tudo. Eu {IP|'tavẽ=estava} a comer... Eu já há bocadito achava eles todos muito parados, tudo parado a olhar, (e ninguém) /ainda eu\ {IP|'tavẽ=estava} a comer. Quando eu acabei de comer, o padre Helvécio levanta-se e: "Dêmos graças a Deus". Tudo se 'benzou', [AB|tudo] tudo se benzeu e tudo rezou, começou a rezar. Eu levantei-me, comecei a rezar também. Também, graças a Deus, sei. {PH|'idẽ=Ainda} hoje sei. Já me (esqueci) /esqueceu\ algumas das coisas, mas a maior parte {PH|'idẽ=ainda} sei. {fp} "Agora vamos rezar o terço, direito à capela". Fomos direito à capela e diz [AB|o{fp} padre Helvé-] o{fp} padre Heliogábalo {CT|pɔ=para o} (...): "O senhor padre Helvécio faça o favor de ir {CT|pɔ=para o} altar". A capela tinha uns bancos, como tem ali a nossa igreja, e tal, tal, assim por aí fora, eu fiquei cá atrás. Mas ele era fino! Ele em vez de se ajoelhar: "Não, não, não, não. O senhor padre Heliogábalo faça favor lá. Eu não vou". E o padre Helvécio foi-se ajoelhar {PH|o=ao} pé de mim. Para descobrir [AB|se eu] se eu era católico ou se não era. Mas enganou-se. [AB|Eu di-] Eu {PH|'tẽ=até} voltava a boca {CT|pɔ=para o} lado dele para ele ouvir melhor, tudo, porque eu sabia. [AB|{PH|nẽ=Não} tinha] {PH|nẽ=Não} tinha receios nenhum de fazer. E depois, é claro, lá {IP|ti'verẽmuz=estivéramos} a rezar o terço, benzêramo-nos, e tudo. Levantáramos, fôramos para um corredor fora, por ali fora. Passei numa sala, pá, {pp} mulheres, mas mulheres, tanta mulher! [AB|(...) Naquilo] Naqueles conventos, tanta! Tão estimadas, tão caladinhas, tão bonitas, tão tudo! Não desfaço! [Risos] [AB|Cada qual] A gente não se pinta! Deus Nosso Senhor é que pintou a gente! Tudo. Aquilo era um assombro! Era um assombro de anjos que {IP|'tavẽ=estava} lá espalhado dentro daquela casa. Bom, aí passei. Ele foi para outra sala mais para dentro, que era para onde eles iam todos. Iam ter congressos, falarem uns com os outros e aí já {PH|nẽ=não} me deixaram

ir. Veio um {PHlɔ=ao} pé de mim: "O senhor agora não [ABlp-]". O padre Helvécio vai {PHlɔ=ao} pé [ABldum] dum dos outros padres e disse-{PHli=lhe} qualquer coisa, que ele depois veio {PHlɔ=ao} pé de mim: "O senhor agora não pode vir para aí. Tenha paciência"! "Olhe, eu ia-me deitar. Ia-me deitar se o senhor me fosse ensinar onde era a cama". "{IPlta=Está} bem. Sim senhor". Bom, volto para trás, subi por uma porta dentro duma parede, por aí acima. Em cima – um corredor –, em cima, havia uma sala muito comprida com quartos dum lado e doutro. Ele levou-me lá {PHlɛ'kwazi=quase} {CTlpa=para a} ponta, para aquele lado, {CTlpa=para a} ponta. Ensinou-me onde era a casa-de-banho, e tudo. Eu deitei-me, é claro, pendurei o casaco, despi-me, pendurei o casaco. Eu até pus um lenço meu na almofada, porque a cama podia-se lamber mel em cima. Podia-se lamber mel. {fp}Limpinho, aquilo era tudo clarinho que era uma beleza! E depois (é tempo) que eu também não enxovalhei. Eu ia faltado de dormir, conforme me deitei em cima da cama, assim acordei. Não enxovalhei. Quando fosse a (.../N), já fazia sol [ABl{IPl'tavɛ=estava} (...)]... Ah, e de noite, eu ouvia uma grande zoadá, umas canas que cá {IPl'tavẽw=estavam} em baixo num ('rumeiro'). "Eh pá, deixa-me lá ir ver, ali àquela janela, ver, [ABlpara] senão vem aqui algum diabo de noite ter comigo, para onde é que eu hei-de fugir? Eu não conheço aqui nada. Eu estou aqui fechado dentro! Como é que isto há-de ser arranjado"? Vou deitar a cabeça, ouvi aquela zoadá, mas depois via mas era um telhado em baixo, {PHlnẽ=não} via mais nada.

Código de identificação do ficheiro: MTV60-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611b min: 00:08-02:04	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 31	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF Eu sabia que era um pouco mais (...) {PHlnẽ=não} se abria nenhuma! {PHlnẽ=Não} se abria nenhuma! Bom, vim-me embora. Fui para lá para dentro outra vez. Sentei-me numa cadeira {PHlɔ=ao} pé da cama. Sentei-me numa cadeira {PHlɔ=ao} pé da cama, {IPl'tavẽ=estava} assentado {PHlɔ=ao} pé da cama, {fp} e preparado, tirei o casaco, pus o casaco pendurado, que isto é preciso a gente saber viver. Daí a um bocado ouço um sapateado por ali fora. Chega lá {fp}: "O senhor quer-se levantar"? "Olhe, {IPl'tom=estou-me} a levantar". {IPlto=Estou}, {IPlto=estou}! {PHlɔ=Ao} tempo que eu tinha lá andado a farejar tudo. "Eu {IPl'tom=estou-me} a levantar". Diz ele: "Então pronto. Posso abrir"? "Pode. Abra". Agarrei no casaco, vesti (...) mais ele: "Já vim por outra banda. {pp} Já vim por o outro lado". Depois fui tratar da mula, fiz tudo. E depois fui {CTlpa=para a} cozinha, fui beber o (...) que eles me deram, tudo, diz o criado de mesa (...), o{fp} criado da [ABlda] cozinha: "Ah, eu ontem {IPl'tivi=estive} {PHlɛ'kwazi=quase} para dizer {PHlɔ=ao} senhor para ficar aqui e comer mais nós. Eles que batam lá com a mão no peito, isso é lá com eles. O senhor ficava aqui" e tudo. "Olhe, e eu agradecia". "Ah, mas eu {PHlnẽ=não} sabia as condições do senhor". "{fp}Ah! Eu também não passei mal". Bom, diz ele: "O senhor tem lanche {CTlpo=para o} caminho"? "Pois, não tenho". É claro, eu comia{fp} quando eles comiam, à vontade deles. "Não tenho". "Então vá lá buscar uma bolsa [ABl{PHlɔ=ao}] {PHlɔ=ao} carro". Vou buscar lá um sacozito, trouxe o saco e{fp} ele arranhou-me ali um pão com um bocado de carne – (pois) não era muito pequeno – {pp} dentro [ABldo] do saco.

INQ Sim.

INF "Você, quando vier o senhor"... Porque eles tinham vindo à missa cá para baixo, {CTlpa=para a} igreja. "Quando vier o senhor prior, quando venha, que ele procure se o senhor tem lanche, o senhor diz que não. Se {PHlnẽ=não} quiser comer, depois deita fora, em chegando aí abaixo, deita fora e vem cá buscar outro". E assim foi. Fui lá buscar outro. {PHl'idẽ=Ainda} tive que comer cá em casa. [ABlDeu-

me] Andei um dia ou dois a comer carne e o pão. Tudo. E é claro, diz ele: "Você {PHInẽ=não} se importe, deite fora, que eles têm tudo quanto querem. Eles se têm aqui uma falta dum pera ou dum maçã, eles mandam uma carta a um criado a casa dum lavrador, no outro dia aparece aqui a camionete carregada (logo com a mesma saca)". É assim. Vê o que eu passei? (Na companhia de) padres e tudo.

INQ Veja lá. Até, até, até com padres!

INF Pois é.

Código de identificação do ficheiro: MTV61-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611b min: 02:04-05:02	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 32	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF Vê? Conforme contei no outro dia que andei [AB|que] com o meu patrão às costas dentro da barriga da mãe também.

INQ Rhã-rhã.

INF Também já contei.

INQ Pois.

INF O que eu passei! O que eu passei! Quer dizer, bom, eu dentro da minha vida {PH|'suβi=soube} [RP|{PH|'suβi=soube}] sempre respeitar e {fp} gostei sempre muito do respeito. Muito! {PH|nẽ=Não} gostei nunca de babosices [AB|den-] dentro das ordens de trabalho.

INQ Pois.

INF Se há uma paródia, há uma paródia, a gente brinca uns com os outros, e essas coisas todas. Agora dentro das ordens de trabalho, nunca gostei. Andava as mulheres, eu ralhava com elas, porque parte delas, às vezes, são desbocadas. Há criaturas que são desbocadas. [AB|De-] Deve ter encontrado às vezes muitas.

INQ Às vezes.

INF Desbocadas, dentro da brincadeira umas {IP|kẽz=com as} outras, são muito desbocadas. Mas [AB|me-] mesmo dentro de mulheres casadas, andavam no serviço e tudo e diziam coisas. Depois os rapazes, claro, não podiam ouvir aquilo e depois continuavam. E eu ralhava! Não deixava. E depois eles às vezes, quando depois a gente se desapertava, chegavam {PH|o=ao} pé de mim: "Ah, você {IP|'tevi=esteve} a ralhar. A fulana disse isto, disse aquilo, disse assim. Elas é que são piores {IP|ka=que a } gente" e tudo. "Mas eu não quero. Dentro do trabalho não deixo a ninguém. Quero respeito para todos".

INQ Pois claro.

INF [AB|Tive, tive sempre] Fui sempre respeitoso, sempre!

INQ Ai! Então ... O que eu estava a perguntar...

INF Eu ia para uma festa, ia para qualquer banda, vinha sempre rodeado de raparigas e tudo, a cantar mais elas, tudo. A minha mulher {PHĩ'te=até} às vezes {PHĩ'te=até} ralhava comigo: "Credo, deixas-me para trás, nem queres saber de mim, nem isto, nem aquilo". Então, vinham-me a apoquentar, vinham a cantar, vinham {fp}..., tudo na paródia, quando vínhamos a andar. Que {PHlɛ'kwazi=quase} vinha sempre tudo, ranchos na paródia, quando era pelo São João, a cantar, e tudo. Fazíamos bailes, fazíamos aí caramanchões [AB|para bailarem] para lá bailar dentro, essa coisa toda (em princípio). Eu cheguei aqui a ter uma casa [AB|para] para dar baile {PHlɔʒ=aos} domingos.

INQ Pois.

INF Antigamente. Agora há (no jazz) e há essas coisas todas. Mas antigamente havia tipos que tocavam gaitas de beijos – aqueles realejzitos...

INQ Sim.

INF Outros tinham uns harmónios velhos – que às vezes até já lá criavam ratos lá dentro deles. Assim a tocar {fp} guitarras ou qualquer coisa assim, havia tudo. E eu cheguei aqui a ter uma casa – logo ali à entrada onde {IP|ta=está} aquele café –, de renda. Eu mais dois rapazes que eram vivos, agora já se foram embora também. {fp} Cheguei a ter coiso, para dar bailes, para lá dar bailes. Que a gente, (mesmo havia em) qualquer casa, íamos pedir. (Mas) se a menina tinha uma casa, {fp} claro, pediam: "A ver se me dava cá baile hoje". "Dou". Então desarrumavam, tiravam a mesa de cima da casa, desarrumavam tudo, a casa {pp} ficava limpa, só ficava com aquelas arcas – agora é malas.

Antigamente era umas arcas grandes, {PHl'tjɲẽwnu=tinham o} milho, tinham os cereais, tinham a roupa, tinham essas coisas todas. Agora, enfim, agora já é tudo mais [RP|mais] aperfeiçoado.

INQ ...

INF Tudo diferente. Depois toca de andar a bailar, toda a noite, agarrado a elas. Agora [AB|{PHlnẽ=não}] {PHlnẽ=não} sabem! Agora é [AB|como, como] como baila o meu Hemetério. Isso é danado para bailar! Em ouvindo o coiso a tocar lá, quer é que o avô vá pôr a telefonia do carro a tocar, a pôr as [AB|c-] cassetes. E ele começa logo de caminho também, como as cachopas agora, assim a fazer aqueles movimentos e a bailar, assim é que é andar a bailar. É como a ele, como o meu Hemetério. Ele é que sabe bailar à moda de agora. E a acenar, e assim {CT|kɐ=com a} cabeça e depois assim a voltar-se todo.

Código de identificação do ficheiro: MTV62-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611b min: 11:58-14:15	Inquiridor2:
Assunto: A lã	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 33	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF Mas havia antigamente, que o meu sogro fazia-o, por exemplo, a lã, {fp}um bocado de lã. Arranjava um bocado de lã, com um bocadito de pedra, com uma pedrazita comprida – que havia às vezes umas pedras assim compridas que se encontram aí no chão, assim compridas, delgadas, assim compridas –, e punha aquilo na ponta atado no coiso [ABle aqui-] e andava {CT|kɐ'kilu=com aquilo}. E andava até a guardar gado e andava com aquilo assim, aquilo andava à roda e depois ele na lã [ABlia] ia puxando, ia tudo.

INQ Ah!

INF Quer dizer, fazia um novelo grande de fio de lã para depois fazer [ABlqualquer] qualquer coisa, qualquer peça [ABlde] de {fp} roupa, qualquer tecido, qualquer coisa que podia fazer, faziam. Os homens teciam muito isso. Faziam.

INQ Rhã. E esse linho que o senhor fa- sabe mais ou menos o que se lhe fazia, em que zona é que havia, havia esse linho?

INF É que se dava isso? {fp}

INQ Aqui havia?

INF {fp} Não. A {fp} zona [ABlm-] mais principal que havia é ali naquela área ali de Ferreira do Zêzere.

INQ Rhum-rhum.

INF Ali... {PHlnẽ=Não} conhece Ferreira do Zêzere? {PHlnẽ=Não} conhece?

INQ Não conheço.

INF A gente é que vai direito ao Cabaço, é a estrada que vai para Coimbra, para dentro. A gente chega ali [ABla S-, a] a Tomar, passa o rio para aquela banda, e vai [ABlna] nessa zona, [ABln-] nessa parte do rio, daquele lado.

INQ Rhum-rhum. Rhum-rhum.

INF (Junto) à praça de touros, tudo por ali acima, segue [AB|pela] direito a Ferreira do Zêzere, direito {PH|o=ao} Cabaço. [AB|Quando chega] Antes de (se) chegar {PH|o=ao} Cabaço, está uma estrada que volta que é [AB|direito a, que é, é, é{fp}] {CT|pɔ=para o} rio Zêzere, que [AB|lé, é o, é, é{fp}] é para lá, [AB|para, {CT|pɔ=para o}] {CT|pɔ=para o} coiso, que vai direito {PH|o=ao} rio fundeiro. E havia aí uma quinta, que era a Quinta do Castelo – que era até [AB|da] da mulher [AB|do] do meu patrão antigo, do primeiro –, era a Quinta do Castelo, que vai direita {PH|o=ao} rio fundeiro, uma quinta grande, direitinha. (Eu) fiquei lá algumas das vezes, na quinta que ali estava. Ia num dia e vinha no outro, (que) até levava um animal mas era muito longe e ia assim. [AB|E{fp}] E havia aí essa quinta é que usavam muito. E eu fui até aí buscar essas gramadeiras – chama-se umas gramadeiras –, fui buscar para ali {CT|pɔ=para o} Lombão, por conta do meu patrão, que é ali do Tejo para lá, é uma quinta grande que {IP|ta=está} ali, que é do mesmo patrão, o mesmo daqui, para eles {PH|grɐ'marẽjnu=gramarem o} [RP|o] cânhamo. Lá {PH|grɐ'mavẽwnu=gramavam o} linho. Semeavam o linho, o linho, é claro, é [AB|luma] uma planta assim alta, quer dizer, tem depois a semente em cima [AB|lumas] umas (bolhinhas) como os tais bichos de contas!...

Código de identificação do ficheiro: MTV63-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Ernestina Carrilho CD nº: 1S061112 faixa: 1S0611b min: 24:58-25:54	Inquiridor2: Ana Paula Banza
Assunto: O carpinteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 34	
Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07	

INQ1 Olhe, quando está a serrar, aquele pozinho que vai s-, que vai caindo...

INF Serradura.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Oh, isso são coisas que vêm logo caminho à bola.

INQ1 E, e a madeira às vezes quando está velha ganha assim aqueles buraquinhos, que também fazem muito pó...

INF Pois.

INQ2 Cai aquele pozinho...

INQ1 E depois tem lá um bicho.

INF Tem. (Ele) ganha lá uns bichos dentro, o bicho da madeira.

INQ1 Sim.

INF É carunchosa.

INQ2 Portanto, esse, esse pozito...

INQ1 Diz que a madeira tem o quê?

INF A madeira [AB|tem, tem] tem aquele pó, quer dizer, tem caruncho.

INQ2 E esse pó como é que lhe chama?

INF [AB|Tem] Tem caruncho, [AB|tem] tem o coiso.

INQ2 E o bicho é o bicho da madeira? O bicho que faz isso?

INF [AB|O bicho] O bicho da madeira, pois.

INQ1 Olhe...

INF [AB|Esse] Aquele bicho da madeira é exactamente como aquele bicho que a gente chama a cobrilha.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Há no sobreiro [ABlentre] entre a casca e a cortiça. É exactamente. {pp} O bicho é exactamente. O que é é que o outro é (assim) mais espalmado e tem articulações, {pp} tudo espalhado assim por o coiso. Tem articulações para se mover lá dentro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Isso dá cabo, tira o (viço) {PHlɔ=ao} sobreiro. Uma pessoa vê-se perdido quando é para arrancar a cortiça. Vem casca e vem tudo.

Código de identificação do ficheiro: MTV64-C	
Localidade: Montalvo Distrito: Santarém	Concelho: Constância Data: Mai.91
Informante1: Guilherme Idade: 87	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Maria Lobo CD nº: 1S061112 faixa: 1S0612a min: 07:59-09:12	Inquiridor2: Ernestina Carrilho
Assunto: As festas religiosas e profanas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 37B faixa: 35	Data da primeira transcrição: Out.05 Data da revisão final: Mar.07

INF Dantes ia {CT|prɔz=para os} bailes, [AB|{CT|pra=para a}] {CT|prɔz=para os} arraiais nas festas, que antigamente bailava-se. Agora não se baila. Agora têm medo. Os rapazes têm medo de se agarrar às cachopas. E a gente bailava. [AB|E] E andava lá {PH|ɔz=aos} dois e três dias na festa, lá comia, e lá dormia e lá {IP|'tavɐ=estava}. {fp} Davam-me o comer e a cama para dormir e tudo, [AB|para, para] para andar a cantar, fazer as rodas e bailar [AB|quando a] quando a música {PH|nẽ=não} tocava. Era assim.

INQ1 Aqui que, que danças é que havia?

INF Que danças? Várias. É que antigamente {fp} [AB|aqui] aqui tínhamos aqui um rancho – e eu cantei por ali algumas das coisas, mas também queriam modas antigas, {PH|'tj=estilos}, bom, vamos lá por aqui. {fp} Eu sei parte de alguns coisos e tudo, mas {fp} bom, [AB|conheço, tenho] sei o coiso da música, quer dizer, {fp} o {PH|'til=estilo} da música. O que é que depois tem diferença: a gente tem depois [AB|outro] outras quadras para cantar e lá vai bater na mesma.

INQ1 Rhum-rhum.

INF [AB|Há] bocado que eu, o ano passado cantei {fp} Ontem cantei aqui foi a... Que era por causa de falarmos na abóbora, {PH|nẽ=não} é?

INQ1 Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É claro, é o {PH|'tili=estilo}. Mas vai-se buscar mais quadras, disto e daquilo, mas depois vai morrer sempre naquela, {IP|ta=está} a perceber?

INQ1 Rhum-rhum.

INF É claro, que eu dizia...